

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

Denise Verbes Schmitt

**SOCIEDADE DE LEITURA HERMANN FAULHABER: A BIBLIOTECA  
DOS IMIGRANTES DE “PANAMBI”/RS (1927-1963)**

Santa Maria, RS  
2017



**Denise Verbes Schmitt**

**SOCIEDADE DE LEITURA HERMANN FAULHABER: A BIBLIOTECA DOS  
IMIGRANTES DE “PANAMBI” /RS (1927-1963)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós  
Graduação de Mestrado em História, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,  
RS), como requisito parcial para a obtenção do  
título de **Mestre em História**.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marta Rosa Borin  
Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Medianeira Padoin

Santa Maria, RS  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Schmitt, Denise Verbes

Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber: A biblioteca dos Imigrantes de "Panambi" /RS (1927-1963) / Denise Verbes Schmitt.- 2017.

114 p.; 30 cm

Orientadora: Marta Rosa Borim

Coorientadora: Maria Medianeira Padoin

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, RS, 2017

1. Biblioteca 2. Imigração alemã 3. Cultura I. Borim, Marta Rosa II. Padoin, Maria Medianeira III. Título.

**Denise Verbes Schmitt**

**SOCIEDADE DE LEITURA HERMANN FAULHABER: A BIBLIOTECA DOS  
IMIGRANTES DE “PANAMBI” /RS (1927-1963)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós  
Graduação de Mestrado em História, da  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,  
RS), como requisito parcial para a obtenção do  
título de **Mestre em História.**

**Aprovado em 31 de março de 2017**

---

**Marta Rosa Borin, Dra. (UFSM)**  
(Presidente/orientadora)

---

**Maria Medianeira Padoin, Dra. (UFSM)**  
(Coorientadora)

---

**José Martinho Rodrigues Remedi, Dr. (UFSM)**

---

**Eloisa Capovilla da Luz Ramos, Dra. (UNISINOS)**

Santa Maria, RS  
2017



## AGRADECIMENTOS

Os sonhos nos impulsionam, nos levam a desejar e querer realizá-los. Sonhei com uma biblioteca, em que os livros estivessem ao meu alcance, ao alcance de uma menina, filha de colonos, mas não descendente de imigrantes alemães. Esta menina cresceu e buscou, conforme a vida permitiu, educar-se e tornar-se professora, mas desejei ir além. Hoje a menina estuda sobre bibliotecas e sempre que consegue, está perto dos livros que tanto ama.

Com o fim desta etapa acadêmica, gostaria de agradecer aos que apoiaram para que mais este sonho se tornasse realidade. Inicialmente agradeço a CAPES/DS pela concessão de bolsa, que permitiu a realização desta pesquisa.

Aos meus familiares, que foram pacientes! Vocês são a minha fortaleza, o meu abrigo, a minha certeza e para onde sempre quis voltar. Taís, meu amor sempre será seu. Gerson, o descendente de alemães da minha vida, obrigada pela espera. Aos meus pais Anselmo e Geni todo o meu carinho e admiração. A minha irmã Vania, que sempre foi minha confidente.

Aos professores do Programa de Pós Graduação em História da UFSM, em especial ao professor Vitor Biasoli, que foi meu orientador no primeiro ano do mestrado, mas que, devido sua aposentadoria merecida no início de 2016, passou esta árdua tarefa a professora Marta, a quem agradeço imensamente, e a professora Maria Medianeira, que hoje é minha coorientadora, outrora orientadora, a quem prezo e admiro. Aos professores que aceitaram arguir este trabalho: Eloisa Capovila, José Remedi, Marcos Witt e Glaucia Konrad, agradeço.

Aos colegas da turma de mestrado 2015/1, obrigada pela convivência. Em especial a Rafaela, Rayssa, Felipe, Gilvan, João Davi, Simone e Ricardo que, mais do que apenas colegas, tornaram-se amigos queridos. As amigas que a Academia me proporcionou: Bruna, Chele, Taís e Adriano, vocês sempre vão ter um espaço especial em meu coração.

Agradeço a equipe do Museu e Arquivo Histórico de Panambi Professor Hermann Wegermann, que sempre foram solícitos as minhas questões e aguardam o resultado desta pesquisa.

A Helga, pelo carinho e amizade, a quem também agradeço o incentivo ao longo destes anos.

A Deus, que sempre me fortalece e me guia nesta caminhada que chamamos de Vida!!!!





*“Sempre imaginei que o paraíso será uma espécie de biblioteca”.*

*Jorge Luis Borges*



## **RESUMO**

### **SOCIEDADE DE LEITURA HERMANN FAULHABER: A BIBLIOTECA DOS IMIGRANTES DE “PANAMBI” /RS (1927-1963)**

**AUTORA: Denise Verbes Schmitt**  
**ORIENTADORA: Marta Rosa Borin**  
**COORIENTADORA: Maria Medianeira Padoin**

A dissertação aborda a trajetória da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber, que tem suas origens na Biblioteca fundada em 1903, na antiga Colônia de Neu-Württemberg, atual município de Panambi/RS. A pesquisa está centrada na criação, constituição e manutenção da Sociedade de Leitura, enquanto instituição voltada à preservação da cultura alemã entre os imigrantes/descendentes. Assim, analisa a fundação da Biblioteca, nos anos iniciais de formação da Colônia, por iniciativa do seu proprietário Hermann Meyer, sob administração do casal Marie e Hermann Faulhaber, e a sua transformação na Sociedade de Leitura em 1927, bem como suas características antes do acervo ser confiscado em 1942, devido às políticas de nacionalização adotadas pelo Estado Novo. A pesquisa também discorre sobre a decisão de não encerrar as atividades da Sociedade de Leitura, depois da apreensão dos livros, as estratégias para recuperação do acervo, assim como as ações de reestruturação, com destaque a vinculação ao Instituto Nacional do Livro (INL). Por fim, a dissertação aborda o papel exercido por Marie Faulhaber na formação de leitores na Colônia, destacando a sua trajetória individual, seus estudos na Alemanha e a sua atuação na comunidade. O conjunto da dissertação permite compreender o papel da Sociedade de Leitura, associada ao protagonismo da família Faulhaber, sobretudo no que diz respeito à manutenção dos vínculos com a cultura alemã, através das práticas de leitura da antiga Colônia de New-Württemberg.

**Palavras-chave:** Biblioteca, Sociedade de Leitura, Neu-Württemberg, Cultura Alemã, Panambi/RS



## **ABSTRACT**

### **READING SOCIETY HERMANN FAULHABER: THE LIBRARY OF THE IMMIGRANTS OF "PANAMBI" / RS (1927-1963)**

**AUTHOR: Denise Verbes Schmitt**  
**ADVISOR: Marta Rosa Borin**  
**CO-ADVISOR: Maria Medianeira Padoin**

The dissertation addresses the trajectory of the Reading Society Hermann Faulhaber, that has its origins in the Library founded in 1903, in the old Colony of Neu-Württemberg, current municipality of Panambi/RS. The research focuses on the creation, constitution and maintenance of the Reading Society, as an institution dedicated to the preservation of culture among immigrants/descendants. Thus, it analyzes the Library, in the initial years of formation in the Colony, by the initiative of its owner Hermann Meyer, under the management of Marie and Hermann Faulhaber, and its transformation in the Reading Society in 1927, as well as its characteristics before the collection was confiscated in 1942, due to the nationalization policies adopted by the Estado Novo. The research also discusses the decision of not to close activities of the Reading Society, after the seizure of the books, strategies for recovery of the collection, as well as the restructuring actions, with emphasis on the National Institute of the Book (INL). Finally, the dissertation addresses the role played by Marie Faulhaber in the formation of readers in the Colony, highlighting her trajectory, her studies in Germany and her work in the community. The dissertation allows us to understand the role of the Reading Society, associated with the Faulhaber family, especially in bond with the German culture, through the reading practices of the former Colony of Neu-Württemberg.

**Key-Words:**Library, Reading Society, Neu-Württemberg, German Culture, Panambi/RS



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização aproximada da Colônia .....	24
Figura 2 - Catálogo Topográfico dos livros em língua alemã - II.....	29
Figura 3 - Foto do acervo da Sociedade de Leitura, no início da década de 1930.....	35
Figura 4 - Aviso na contracapa dos livros .....	39
Figura 5 - Registro da Sociedade de leitura no INL.....	50
Figura 6 - Formulário de Estatística do INL .....	58
Figura 7 - Cartaz de aviso da Sociedade de Leitura .....	64
Figura 8 - Carta de agradecimento .....	76
Figura 9 - Vista da sede da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber.....	81
Figura 10 - A inauguração .....	82
Figura 11 - O interior da Sociedade de Leitura .....	83
Figura 12 - Grupo de leitores em setembro de 1920 .....	95
Figura 13- Marie em “reunião” na sua residência. ....	100
Figura 14- Marie Faulhaber na década de 1930, em sua sala de leitura.....	101





## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Lista de contribuintes na Conferência de Cibela.....	61
Tabela 2 - Números da Sociedade de Leitura.....	67



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1- Livros retirados entre 1942 -1963 .....	70
Gráfico 2- Sócios de 1942 -1963.....	71



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os sócios da reestruturação .....	65
Quadro 2 - Livrarias /Cidade .....	72
Quadro 3 - Lista de livros por classe .....	93



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABL: Academia Brasileira de Letras

ADB: Allgemeine Deutsche Biographie

CEP: Colégio Evangélico Panambi

CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

DIP: Departamento de Imprensa e Propaganda

DOPS: Departamento de Ordem Política e Social

INL: Instituto Nacional do Livro

MAHP: Museu e Arquivo Histórico Professor Hermann Wegermann

NDB: Neue Deutsche Biographie

OASE: Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas





## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2. A SOCIEDADE DE LEITURA FAULHABER ANTES DE 1942.....</b>	<b>22</b>
2.1 BIBLIOTECA .....	22
2.2 A SOCIEDADE DE LEITURA FAULHABER .....	33
2.3 OS ESTATUTOS .....	43
2.4 A SOCIEDADE DE LEITURA E O INL .....	47
<b>3. DO CONFISCO A CONSTRUÇÃO DA SEDE (1942 – 1963).....</b>	<b>53</b>
3.1 A MEMÓRIA DO CONFISCO .....	53
3.2 AÇÕES DE REESTRUTURAÇÃO.....	57
3.3 OS SÓCIOS.....	64
3.4 LIVRARIAS E AQUISIÇÕES.....	72
3.5 REGULAMENTAÇÕES E CONQUISTAS.....	77
<b>4. MARIE E A FORMAÇÃO DE LEITORES.....</b>	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
4.1 A CONFIGURAÇÃO DA LEITURA.....	84
4.2 A FAMÍLIA DE MARIE REINHARDT .....	86
4.3 A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA .....	89
4.4 O TRABALHO NA COLÔNIA.....	91
4.5 FORMANDO LEITORES EM NEU-WÜRTTEMBERG .....	92
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>109</b>



## 1. INTRODUÇÃO

“Confinar a vida de uma biblioteca aos limites do texto exige a adoção de uma narrativa a respeito do que são tais entidades” (CRUZ, 2014, p. 15). Sonhada de forma utópica, com objetivo de guardar todo o conhecimento escrito, produzido pela humanidade, a biblioteca, na verdade, é resultado da seleção das obras que são recolhidas ao seu acervo, ao longo de sua existência. Estas escolhas não dependem somente do público alvo, mas também das decisões do mantenedor e/ou dos responsáveis pela aquisição dos livros. Constitui-se, portanto, um acervo ligado aos interesses da instituição, ao qual a mesma está vinculada. Assim, ao indagar sobre a iniciativa do fundador da Colônia de Neu-Württemberg, Herrmann Meyer, em criar uma biblioteca, problematizamos os motivos da sua constituição, enquanto instituição voltada à preservação da cultura alemã entre os imigrantes/descendentes, bem como a sua transformação na Sociedade de Leitura, em 1927, e a busca por manter seu objetivo depois das políticas de nacionalização, a partir de 1937.

Longe de ser apenas um caixa de guardar livros<sup>1</sup>, a biblioteca torna-se uma instituição de poder, que regula a cultura ao priorizar certas obras e temáticas em detrimentos de outras, influenciando na construção da identidade local, ao mesmo tempo em que constrói uma unidade entre os que à frequentam, seja através dos espaços de sociabilidade da instituição, ou através do seu acervo, que produz possibilidades de aproximação e identificação entre os leitores, ou seja, a biblioteca desempenha papel importante na formação do pensamento de uma sociedade através do seu acervo, bem como induz na construção da identidade e pensamento dos indivíduos (JACOB, 2000).

Assim, a biblioteca criada por uma instituição, moldada pelos padrões desta, age na sociedade, tendo em suas obras um dos meios de difusão das experiências culturais. A biblioteca reflete a cultura que a gerou, que atua, por sua vez, sobre a cultura na medida em que veicula valores, crenças e padrões comportamentais, ao mesmo tempo em que contribui para a preservação e difusão cultural (GOMES, 1983). Neste sentido analisamos as características do acervo antes do confisco, em 1942, e a nova configuração da biblioteca em Sociedade de Leitura, depois desta data, observando como a instituição buscou manter-se ligada a cultura alemã através dos livros, principalmente no contexto das políticas de nacionalização adotadas pelo Estado Novo

---

<sup>1</sup>Significado etimológico da palavra grega *bibliotheke* – biblioteca (KLEBIS, 2009).

no Brasil. Também abordamos o papel exercido por Marie, na formação de novos leitores, mantendo os vínculos com a Alemanha através dos livros em língua alemã.

É pertinente considerar que a “cultura é o complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, direito, valores morais, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade” (WHITE, 2009, p. 45). Assim, a cultura funciona como uma forma de identificação e de reconhecimento. No entanto, a “participação do indivíduo em sua cultura é sempre limitada, pois nenhuma pessoa é capaz de participar de todos os elementos de sua cultura” (LARAIA, 2015, p. 80). A biblioteca como representação de uma cultura letrada, funciona como elemento de coesão do grupo ligado a instituição.

Partindo da premissa que a biblioteca se constitui enquanto instituição pertencente ao contexto em que está inserida e ligada ao grupo social que a fundou, podemos inferir a existência de uma representação social a ela correspondente. De acordo com Chartier (1990, p. 19), “a *representação* do mundo social que a revela dos atores sociais, traduz as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse” (CHARTIER, 1990, p. 19). Isto nos indica que as representações não são discursos neutros, pelo contrário, pois

produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre representações supõe-se como estando sempre colocadas num campo de concorrência e de competição cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representação têm tanta importância como as lutas económicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1990, p. 17)

A importância da noção de representação é que permite articular três registros de realidade: as representações coletivas, que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem; em segundo, as formas de exibição e de estilização de identidade que pretende ver reconhecida; por fim, a delegação a representantes, que podem ser indivíduos particulares, instituições, instâncias abstratas, da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada (CHARTIER, 2002).

Articulado à representação figura a categoria de *prática*, que é o designo da “irreduzibilidade das maneiras de fazer aos discursos que as prescrevem ou as proscovem, as

descrevem ou as organizam”, e o conceito de *apropriação*, que pode ser descrita como “controle e uso, ou ainda, como vontade de posse exclusiva pelas autoridades e como invenção pelos consumidores comuns” (CHARTIER, 2011, p. 26)

Neste sentido, concordamos com Klebis (2009) quando destaca que a biblioteca foi criada para fins culturais, voltada à preservação da cultura alemã, mas ao mesmo tempo representava a ideia de elite cultural, cujo prestígio incluía a erudição e a cultura livresca. A “cultura é uma forma de tradução da realidade que se faz de forma simbólica, ou seja, admite-se que os sentidos conferidos às palavras, às coisas, às ações e os atores sociais se apresentam de forma cifrada, significado e uma apreciação valorativa” (PESAVENTO, 2008, p. 15).

Neste estudo consideramos a Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber como instituição voltada para a leitura, como forma de informação e recreação, na antiga Colônia de Neu-Württemberg, com aspirações de manter-se ligada à cultura alemã. Assim, vamos dialogar com a História Cultural, a partir das formas de representação do mundo centradas num grupo, cuja natureza pode variar entre nacional ou regional, social ou política, analisando a gestação, expressão e a transmissão, buscando entender como estes grupos representam ou imaginam o mundo que os rodeia (RIOUX, 1998). Portanto, a Sociedade de Leitura permitirá entender como foi constituída, pensada e dada e ler a realidade social na Colônia de Neu-Württemberg, no âmbito cultural, através da instituição volta aos livros.

Ao ler sobre imigração alemã e não encontrarmos referências mais pontuais sobre acervos bibliográficos dos imigrantes, por mais que hajam discussões acerca dos hábitos de leitura, produções literárias e sobre a imprensa, fomos levados a perceber a relevância da pesquisa. A falta de discussão sobre como os imigrantes e seus descendentes tinham acesso às obras literárias, nos fez questionar como surgiu a ideia de fundarem bibliotecas coletivas ou espaços que permitissem o acesso aos livros, com a intenção de alcançar o maior número de leitores. Como eram criadas e de que forma eram mantidas as bibliotecas nos espaços da imigração? Qual o propósito destas instituições?

Ao pesquisarmos sobre a temática, também não encontramos um mapeamento destas bibliotecas ou das instituições que possuíam uma biblioteca, nem mesmo em que período da organização colonial elas surgiram – se existiram – e como ocorreu o processo de desativação destes espaços voltados a leitura. Por isso a história das bibliotecas fundadas por imigrantes

alemães e seus descendentes apresenta-se como um tema que suscita pesquisas, e é neste campo que essa Dissertação se insere.

A pesquisa delineada sobre a temática “biblioteca” decorre de um estudo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber, na cidade de Panambi, antiga Colônia<sup>2</sup> de Neu-Württemberg, instalada na região noroeste do Rio Grande do Sul. A Colônia foi fundada em 1898, pelo empresário alemão do ramo editorial Herrmann Meyer, configurando um empreendimento privado e particular<sup>3</sup>. O projeto vislumbrava povoar a Colônia com imigrantes oriundos da Alemanha, no entanto, os primeiros moradores de Neu-Württemberg foram migrantes procedentes das Colônias velhas, ou seja, moradores das primeiras Colônias de imigração alemã, fundadas no Rio Grande do Sul a partir de 1824 (NEUMANN, 2009). A Colônia de Neu-Württemberg possuía parte das terras no município de Palmeira das Missões e outra no município de Cruz Alta, sendo a sede da Colônia neste último.

Herrmann Faulhaber firmou um contrato de cinco anos com a Empresa de colonização de Herrmann Meyer, para atuar como pastor e professor, bem como fundar uma escola. Na fundação da escola e na atuação como educador, Faulhaber recebeu o auxílio de sua esposa Marie, que tinha formação no magistério alemão e atuava como professora na Alemanha. O casal ainda trouxe na bagagem livros doados por Herrmann Meyer, para fundar uma biblioteca, que foi alocada dentro do espaço escolar. Em 1927 a biblioteca tornou-se Sociedade de Leitura Faulhaber, após a morte autodirigida de Hermann Faulhaber. Com a transformação em Sociedade de Leitura, ocorreu uma readequação estrutural e funcional, bem como o registro da Sociedade e a criação dos estatutos.

Com a criação do Estado Novo, a instituição buscou manter-se filiada e registrada em órgãos governamentais, no entanto, no início de 1942, a Sociedade de Leitura teve seu acervo confiscado pelas autoridades. Naquele ano ocorreram os chamados “quebra-quebras” em diversas cidades no Rio Grande do Sul contra estabelecimentos de imigrantes, devido aos afundamentos de navios brasileiros por submarinos do Eixo, com a concentração destas ações no mês de agosto (FACHEL, 2002). A partir do confisco do acervo da Sociedade de Leitura, ocorreram ações

---

<sup>2</sup> Para este estudo usamos as definições de Witt (2013) sobre Colônia, ou seja, quando a grafia for “Colônia” aplica-se ao o complexo colonial, onde colonos eram assentados, e que por vezes tornou-se cidade. Já quando escrita “colônia”, o significado é propriedade territorial, ou seja, lote de terra onde reside e trabalha.

<sup>3</sup> Meyer fundou mais duas Colônias: Xingu, fundada em 1897, hoje município de Novo Xingu e Guarita/Fortaleza, fundada em 1899, hoje município de Erval Seco. Mais informações sobre o empreendimento de Meyer no Rio Grande do Sul ver NEUMANN, 2009.

voltadas para a sua reestruturação, bem como articulações para a construção de uma sede própria, o que ocorreu em 1963.

A história das bibliotecas, que se aproxima da história da leitura e do livro, tem se apresentado como um campo de pesquisa em expansão, contando com investigações na área de biblioteconomia e da história. Estes três temas – livro, leitura e biblioteca – formam uma tríade indissolúvel, tanto que, em alguns casos, as temáticas pesquisadas não ficam bem delineadas, permitindo que um tema se debruce sobre o outro, justamente porque a biblioteca é um espaço não somente de preservação e acumulação do saber, mas de sociabilidade, de encontros e desencontros através dos livros e que adquire funcionalidade através do leitor. Em suma, a história das bibliotecas é uma história que agrega livros e leitores em volta de um acervo, que foi devidamente selecionado, por governos, instituições ou pessoas, para promover a informação e a sociabilidade humana.

Encontramos pesquisas sobre bibliotecas em expoentes internacionais, como Battles (2003), Baratin e Jacob (2000), Polastron (2013), que buscam resgatar a formação das bibliotecas, os seus usos, a composição dos acervos e a destruição das mesmas, entre outras reflexões. Existem ainda publicações como as de Ermakoff (2015) e Campbell (2015), que entram mais no âmbito dos catálogos, centrados nos aspectos arquitetônicos das bibliotecas ou breves relatos sobre as instituições selecionadas. No Brasil, citamos alguns autores como Gomes (1983), Bessone (1999), Martins (2015), Schwarcz (2002) e Eggert-Steindel (2009). Entre estes, encontramos a formação das bibliotecas no início da República brasileira, a modernização da Província de São Paulo, através da criação de Gabinetes de Leitura, fundados conforme o avanço do trem. Aborda também a formação de bibliotecas como ferramenta para a formação de um Estado laico e a perseguição à bibliotecas durante o Estado Novo, por possuírem obras consideradas perniciosas. No que se refere a história das bibliotecas dos imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, encontramos vestígios em obras de Flores (1983), além de textos memorialistas ou apenas citações da existência de bibliotecas em Clubes dos imigrantes/descendentes. No caso de Panambi encontramos referências sobre a biblioteca dos imigrantes em Neumann (2009) e em escritores locais como Fausel (1949), Malheiros (1990) e Beuter (2013).

As bibliotecas particulares ou coletivas entre os imigrantes alemães/descendentes em muitos casos perderam-se devido a eliminação dos livros e documentos durante o período do

Estado Novo no Brasil (1937-1945), o que dificulta pesquisas sobre a temática. Com o Estado Novo, Vargas promoveu o processo de nacionalização, que em muitos casos, levou a perseguição dos imigrantes/descendentes, confiscos e, por vezes, à destruição de seus pertences. No entanto, é pertinente considerar que a destruição, em alguns casos, foi realizada pelos próprios imigrantes, que temiam serem presos<sup>4</sup> e esconderam os livros e outras publicações em língua estrangeira de forma inadequada. Assim, as proibições impostas durante o Estado Novo, bem como a destruição dos espaços culturais, levaram os imigrantes/descendentes a perderem aspectos da sua cultura.

Ao empreender esta pesquisa, busca-se investigar a Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber e entender como a instituição articulou o processo de manutenção da cultura alemã, através da difusão de livros entre os imigrantes/descendentes. Outrossim, é pertinente analisar a relação da Sociedade de Leitura com o Estado Novo, buscando entender as ações empreendidas pela instituição para manter-se legalizada diante das políticas de nacionalização, assim como, ao averiguar a caracterização do acervo e da instituição depois do confisco do seu acervo, perceber como a Sociedade tentou manter as características culturais vinculadas a Alemanha. Com esta pesquisa pretende-se contribuir para o conjunto de estudos historiográficos sobre a temática “biblioteca”, a fim de ampliar o conhecimento acadêmico sobre a história das bibliotecas dos imigrantes alemães/descendente, colaborando com a Linha de Pesquisa “Cultura, Migrações e Trabalho”, inserida no Programa de pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, bem como oferecer novos subsídios para a discussão sobre a memória da comunidade local acerca da constituição de acervos literários.

Para tanto, fizemos o cruzamento de fontes bibliográficas e documentais para encontrar evidências e respostas que busquem sanar os nossos questionamentos. Ao cruzar as fontes, na tentativa de responder ao problema da pesquisa, interpretamos os fatos e revelamos os signos das entrelinhas dos documentos, observando os traços secundários e os detalhes. Assim através do paradigma indiciário, o historiador deve ultrapassar os elementos visuais que estão postos e procurar nas entrelinhas as respostas para suas dúvidas (PESAVENTO, 2008).

As fontes para o desenvolvimento desta pesquisa encontram-se no Museu e Arquivo Histórico Panambi Professor Hermann Wegermann, em Panambi - RS, Arquivo Municipal de Cruz Alta e Casa de Cultura Justino Martins, em Cruz Alta - RS, Centro de Pesquisa e

---

<sup>4</sup>Fachel (2002) ao descrever sobre os quebra-quebras em Pelotas e Canguçu, também relata sobre a destruição de livros e documentos.



Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), Fundação Biblioteca Nacional, Arquivo da Academia Brasileira de Letras (ABL), Biblioteca Rodolfo Garcia da ABL e Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Dentre as fontes citamos: o livro produzido em 1933, para propagandar a Colônia de Neu-Württemberg na Alemanha; atas escolares; estatutos da Sociedade de Leitura; Decreto-Lei; livros de controle do acervo; recibos de aquisição e restauro das obras; relatórios dos presidentes e formulários estatísticos; jornais locais e regionais, entrevistas e cartas, catálogo das obras, documentação do INL e bibliografia sobre a temática.

A dissertação é composta por três capítulos, apresentando no primeiro a fundação da Biblioteca, por iniciativa do proprietário da colônia, Hermann Mayer, sob administração do casal Faulhaber, sua caracterização inicial com livros em alemão, alocada dentro do espaço escolar, a conversão em Sociedade de Leitura e as mudanças de endereço do acervo. Ainda analisa os estatutos e filiação da Sociedade de Leitura ao Instituto Nacional do Livro e demonstra como as tensões com Estado Novo influenciaram no cotidiano da Sociedade de Leitura. Este capítulo trabalha dos anos 1903 a início de 1942, entre o surgimento e consolidação da Colônia de imigrantes e o impacto das políticas de nacionalização adotadas pelo Estado Novo. O segundo capítulo aborda a memória do confisco e as estratégias empregadas para a recuperação do acervo, após o fim do Estado Novo, demonstrando como agentes externos influenciaram na continuidade da Sociedade de Leitura, resultando em sua transformação a partir de uma nova caracterização do acervo. Neste capítulo trabalhamos as atividades administrativas da instituição, a questão dos sócios, o aumento do acervo, o sistema de aquisição das obras e as livrarias que vendiam para a Sociedade de Leitura, concluindo com as ações empenhadas pela Sociedade de Leitura pra construir a sede, inaugurada em 1963. O terceiro capítulo, por sua vez, perpassa a história da instituição, demonstrando o papel exercido por Marie Faulhaber na formação de leitores na Colônia e destacando sua trajetória individual. Assim, se recupera elementos da história familiar e a formação docente, na Alemanha, demonstrando como tais elementos influenciaram as ações que ela desempenhou na comunidade, principalmente ao que se referem ao incentivo a leitura.

A pesquisa possibilita novas questões e não se finda através da dissertação, pois o material levantado sobre a instituição, principalmente depois de 1942, tem um volume considerável, principalmente se considerarmos a possibilidade de caracterização do acervo, que está no MAHP.

## 2. A SOCIEDADE DE LEITURA FAULHABERANTES DE 1942

Era 25 de agosto de 1927<sup>5</sup>. Os presentes na sala discutiam sobre o futuro da Biblioteca<sup>6</sup>. A instituição, assim como toda a Colônia de Neu-Württemberg, estava passando por mudanças administrativas, que vinham ocorrendo desde julho de 1926, por causa da trágica morte do diretor Hermann Faulhaber, gestor não só da Colônia, mas da Sociedade Escolar<sup>7</sup>, da Biblioteca. Com isso a Biblioteca, que existia desde 1903, passou por alterações significativas e recebeu o nome de Sociedade de Leitura Faulhaber.

Ao retrocedermos ao ano de 1903, ano em que foi criada uma biblioteca na Colônia de Neu-Württemberg, olhamos principalmente para o início da aquisição do acervo da Sociedade de Leitura, não para o começo da instituição, pois a Sociedade, fundada em 1927, não foi uma continuidade da Biblioteca, visto que as mudanças que ocorrem na instituição foram mais significativas que as permanências.

### 2.1 BIBLIOTECA

A instituição criada em 1903 não recebeu um nome em especial, apenas foi registrada nos relatórios da Empresa de Colonização de Meyer e nas atas escolares como *Biblioteca*, sendo alocada na escola da Colônia. Os primeiros livros para compor o acervo chegaram na bagagem do casal Marie e Hermann Faulhaber, doados pelo fundador de Neu-Württemberg, Herrmann Meyer<sup>8</sup> – livros recolhidos no Bibliographisches Institut, que pertencia à família do fundador, ou

<sup>5</sup> Data de fundação da Sociedade de Leitura, registrada em documentos da instituição. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo MAHP.

<sup>6</sup> Para que haja uma diferenciação entre biblioteca e Sociedade de Leitura, usaremos Biblioteca em maiúsculo, para designar a instituição de 1903 a 1926, em minúsculo a palavra biblioteca será usada para designar o acervo da Sociedade de Leitura.

<sup>7</sup> Neste mesmo dia também foi fundada a Faulhaberstiftung, em substituição a Sociedade Escolar, ambas mantenedoras da escola. (COLÉGIO EVANGÉLICO PANAMBI, s.d.).

<sup>8</sup> Pesquisador e editor que nasceu em 11/01/1871 em Hildburghausen e faleceu em 17/03/1932 em Leipzig. Tornou-se sócio da empresa da família, a Bibliographisches Institutem 1903, do qual anos depois foi diretor. O Bibliographisches Institut produziu uma das mais importantes enciclopédias da Alemanha, a Meyers Konversations-Lexikon. No Brasil Herrmann Meyer realizou explorações pelo Xingu, para suas pesquisas acadêmicas. Ainda fundou três Colônias particulares no Rio Grande do Sul, sendo uma delas Neu-Württemberg. Disponível em: <[http://saebi.isgv.de/biografie/Herrmann\\_Meyer\\_\(1871-1932\)](http://saebi.isgv.de/biografie/Herrmann_Meyer_(1871-1932))>. Acesso em 22 out. /2016.

O projeto Neue Deutsche Biographie (NDB) da Allgemeine Deutsche Biographie (ADB) desenvolvido pela Comissão Histórica da Academia de Ciências da Bavaria e da Biblioteca Nacional da Alemanha busca fornecer biografias de pessoas que influenciaram significativamente acontecimentos políticos, econômicos, sociais,

angariados por ele junto a editoras ou instituições alemãs (NEUMANN, 2009; MAHP, 2013). Assim, a composição do acervo inicial foi uma “seleção” do fundador Herrmann Meyer, o que demonstra, de certa forma, suas escolhas quanto ao que se deveria ler em Neu-Württemberg.

Sobre tal iniciativa, pelo menos nos anos iniciais, devemos considerar: o desejo de manutenção dos vínculos culturais dos imigrantes com a Alemanha<sup>9</sup>, bem como a Biblioteca como forma de atrair novos imigrantes para Neu-Württemberg, se considerarmos que a escola e assistência religiosa já eram propagandeadas pela Empresa de Colonização de Meyer, visando atrair novos colonos (NEUMANN, 2009). Por fim, podemos vê-la como uma forma de registrar o nome do fundador entre os colonos. A iniciativa de criar uma biblioteca numa Colônia em formação era algo incomum, pois os primeiros anos eram voltados para as necessidades mais básicas e não para aspectos culturais, por mais que Meyer, ao ser sócio do Bibliographisches Institut, tivesse acesso facilitado a livros, sua iniciativa trouxe um diferencial para a Colônia.

O mercado editorial alemão, do qual a família de Meyer fazia parte, desde fins do século XIX até o início da Primeira Guerra Mundial, encontrava-se em expansão, “beneficiando-se plenamente da mecanização, da queda dos custos de produção e da criação de um mercado nacional único. Em 1884, a produção alemã de livros era de mais de 15 mil títulos e, em 1913, a Alemanha tornara-se o maior produtor mundial de livros” (LYONS, 2011, p. 169). O aumento editorial refletiu no aumento das livrarias. Sobre o mercado editorial é pertinente considerar que:

Na Alemanha, por exemplo, havia uma livraria varejista para cada 10 mil habitantes em 1895, cifra que chegou a uma para 8.743 em 1910. As cidades maiores, como sempre, tinham mais livrarias per capita do que as áreas rurais e provincianas: havia uma livraria para cada 3.700 habitantes em 1913, e, em Leipzig, em 1910, havia uma surpreendente relação de uma livraria para cada 1.700 habitantes. O crescimento do número de livrarias foi útil para a consolidação das culturas literárias nacionais (LYONS, 2011, p. 146).

Foi deste país com crescimento editorial e de livrarias que o casal Faulhaber partiu em 1902, depois de Hermann Faulhaber ter assinado um contrato de cinco anos com a Empresa de Colonização de Meyer, para desempenhar as funções de pastor, professor e ainda organizar e administrar uma biblioteca<sup>10</sup> na Colônia de Neu-Württemberg.

---

científicos, técnicos ou artísticos. Disponível em <<http://www.deutsche-biographie.de/projekt/>> Acesso em 14 out. 2016.

<sup>9</sup>Em 1931 Herrmann Meyer recebeu o Deutscher Ring do Deutschen Auslands-Institutes, por suas realizações no exterior. Disponível em <[http://saebi.isgv.de/biografie/Herrmann\\_Meyer\\_\(1871-1932\)](http://saebi.isgv.de/biografie/Herrmann_Meyer_(1871-1932))>. Acesso em 14 out. 2016.

<sup>10</sup> Estas incumbências – bem como outras - estavam estipuladas no contrato assinado em 19 de julho de 1902 - MAHP.

Figura 1 - Mapa de localização aproximada da Colônia



Fonte: IBGE, mapa com divisão municipal em 1900.

A região onde foi instalada a Colônia vivia da extração da erva-mate, principal fonte de riqueza econômica. A mata densa constituiu local de refúgio, reduto de indivíduos considerados bandidos e marginais, responsáveis pelo alto grau de violência na região. Depois da Revolução Federalista (1893-95), não só Cruz Alta, mas a região ficou sob o “comando” do coronel Firmino de Paula, considerado herói militar, primo de Júlio de Castilhos, homem temido por sua violência, protagonista da “Degola do Boi Preto”, um dos episódios mais sangrentos da Revolução Federalista. O município de Palmeira das Missões abrigou diversas desavenças entre seus coronéis, principalmente com Firmino de Paula. A região sofreu com a questão coronelista até a década de 1930 (FÉLIX, 1996).

Foi nesta região de forte mandonismo coronelístico que se instalou a Colônia de Neu-Württemberg em 1898 e, em consequência, foi criada a Biblioteca em 1903, pelo casal Faulhaber, e alocada no prédio da escola. Desde a fundação a procura por livros foi considerável, tendo em agosto de 1903, trinta leitores que retiraram 71 livros e 33 jornais e revistas, sendo que as

preferências dos leitores recaiam sobre obras recreativas, científicas e de geografia (FAUSEL, 1949). Não sabemos o número de habitantes da Colônia em 1903, mas em 1905 era de 494, distribuídos entre 99 famílias<sup>11</sup>. Esta é a única referência que temos sobre o número de leitores antes de 1942, ano em que ocorreu o confisco do acervo da instituição. Um aspecto da Biblioteca que possivelmente se manteve quando a mesma se tornou Sociedade de Leitura foi a manutenção de um sócio por família, que retirava livros para si e seus familiares, respeitando o máximo de quatro livros por sócio. Não havia especificações em relação a esta ação, nem nos estatutos da Sociedade de Leitura, mas explica o maior número de sócios homens em relação às mulheres. Sobre os livros duplicados, não temos a informação de quantos seriam, no entanto, isso reduz a variedade de títulos a disposição dos leitores. Sobre o acervo da Biblioteca temos poucos registros, devido ao confisco de todo o acervo e documentação que ocorreu em 1942, tema abordado no capítulo 2.

Na Ata da Assembléia Geral de janeiro de 1974, ao apresentar um relatório sobre o biênio 1972/73, consta um breve histórico da Biblioteca<sup>12</sup>, devido a passagem do septuagésimo aniversário da instituição, em que afirma ser o acervo inicial de 400 obras, o que, no entanto, contradiz os documentos enviados ao Instituto Nacional do Livro (INL), no qual afirmava que a Biblioteca iniciou suas atividades com 200 livros. Sobre o número de livros que a Biblioteca começou suas atividades é divergente também entre os escritores locais e na própria documentação da Sociedade de Leitura.

Esta divergência sobre a quantidade de livros do acervo inicial tem explicação no fato de que Meyer enviou livros para duas bibliotecas, uma fundada em Neu-Württemberg e outra em Xingu, ambos empreendimentos seus. Fausel (1949, p. 26) afirma que "em 1906, a biblioteca incluindo-se os livros que estavam em Xingu, contava 2291 volumes". Esta é a única referência sobre o número de livros das duas Colônias ter sido contabilizado de forma conjunta. As descrições posteriores vão demonstrar o aumento do acervo, mas sempre se referindo apenas a Biblioteca de Neu-Württemberg.

---

<sup>11</sup> Sobre habitantes da Colônia, temos os seguintes dados: em 1905 eram 494 habitantes, em 1908 havia 800 habitantes, 918 habitantes em 1910, mais de 2.000 habitantes em 1914, 7.192 habitantes em 1921 e 14.000 habitantes em 1926. Dados retirados de MAHP, 2013.

<sup>12</sup> Segundo o documento, o breve histórico também foi divulgado no jornal local *A Notícia Ilustrada*, nº 389, de 23 de janeiro de 1974.

Em setembro de 1909, em uma reportagem do Jornal *O Independente*<sup>13</sup>, de Cruz Alta – RS (cidade a qual a Colônia pertencia), ao mencionar a Biblioteca, afirmava-se que a mesma era composta por um acervo de 3000 livros. Na mesma reportagem, Faulhaber já aparece como o diretor da Colônia, ao lado do General Firmino de Paula<sup>14</sup> e de seu filho, o Coronel Firmino de Paula Filho<sup>15</sup>, intendente de Cruz Alta. Na reportagem, a Biblioteca é considerada parte integrante da escola e não uma instituição autônoma.

Mediante o segundo contrato entre a Empresa de Colonização de Meyer e Faulhaber, o então pastor passou a ser o diretor da Colônia. O contrato foi assinado no segundo semestre de 1908, quando a família Faulhaber havia retornado à Alemanha, depois de cumprir o primeiro contrato. De volta ao Brasil, em março de 1909, Hermann Faulhaber afastou-se das atividades de pastor para se dedicar a administração do empreendimento de Herrmann Meyer. Neste período de transição de cargos não se fala da Biblioteca, nem quem cuidou de sua administração. No entanto, podemos fazer um paralelo com a Colônia de Xingu, onde esta função ficou a cargo do professor responsável pela escola (MARTINELLI; NEUMANN, 2012). Assim, podemos considerar que a Biblioteca de Neu-Württemberg também era administrada pelo professor da escola local. Como Marie e Hermann Faulhaber não se afastaram das atividades escolares, mesmo quando Faulhaber mudou de cargo – com exceção do período em que estiveram na Alemanha, entre tempo de férias e assinatura do novo contrato com Meyer – é plausível considerar que a administração da Biblioteca tenha sempre ficado a cargo da família Faulhaber.

Sobre a caracterização do acervo no período inicial, Fausel (1949, p. 26) afirma que:

---

<sup>13</sup> Livro com vários recortes de jornais – Acervo do MAHP

<sup>14</sup> Firmino de Paula ficou conhecido pela sua atuação violenta na Revolução Federalista. Era integrante do Partido Republicano. Foi um dos fundadores do Centro Republicano de Cruz Alta, no qual havia uma biblioteca. Desta biblioteca não temos informações precisas sobre o ano de sua fundação, mas o livro de registro de retirada das obras sugere 1906. Este livro tem uma tabela com data da retirada do livro, nome da obra retirada, assinatura do retirante, e data da devolução da obra. O livro de controle é dos anos de 1906 – 1911. Livro de registro da Biblioteca Centro Republicano – Acervo do Arquivo Municipal de Cruz Alta.

Em reportagem no jornal *Cruz Alta - Orgam Partido Republicano*, de 29 de novembro de 1906, lê-se uma relação de revistas, livros e jornais que foram doados para a biblioteca do Centro Republicano. O pedido de doações havia sido feito por Firmino de Paula. No mesmo jornal, em 26 de julho, consta uma pequena nota sobre a vontade do Intendente Candido Machado (administração 1905-1908) em criar uma biblioteca municipal. Já em 16 de agosto de 1906, menos de um mês depois, consta outra nota que destaca a doação de diversos livros – jornal *Cruz Alta - Orgam Partido Republicano*, Acervo da Hemeroteca da Casa de Cultura Justino Martins de Cruz Alta. Ao demonstrarmos que haviam outras bibliotecas ou salas de leituras, registramos que a Biblioteca de Neu-Württemberg não era a única do município de Cruz Alta.

<sup>15</sup> Firmino de Paula Filho foi intendente de Cruz Alta de 1909 a 1923 (FÉLIX, 1996).

havia, naturalmente numerosas brochuras, muitas obras duplas. Naquela época 29 jornais e revistas nacionais e estrangeiras, em língua portuguesa e alemã (17 brasileiras e 12 estrangeiras) eram postos à disposição dos leitores com regularidade. O gosto pela leitura aumentou de tal modo que já no inverno de 1906, em média, cada família lia, mensalmente, 3 a 4 livros e revistas<sup>16</sup>.

Segundo El Far (1970, p. 32) as brochuras eram “edições populares voltadas não para um público específico, mas sim para todos os bolsos e gostos”. Já quanto aos jornais percebemos uma grande quantidade dos mesmos à disposição dos moradores de Neu-Württemberg. No pedido de renovação das assinaturas para o ano de 1905, feitas pelo guarda-livros João Diehl Filho, encontram-se os seguintes jornais: *Alto Taquari*, *Colonie*, *Fortschritt*, *Deutsche Post*, *Bote von S. Lourenço*, *Deutsche Zeitung*, *Rio Grandenser Vaterland*, *Koseritz Deutsche Zeitung*, *Deutsches Volksblatt* e *A Federação*<sup>17</sup>. Neumann (2009, p. 144) ainda cita os seguintes periódicos alemães: “*Tägliche Rundschau*; *Umschau*; *Deutsche Monatsschrift*; *Echo*”<sup>18</sup>.

Em relação ao jornal *A Federação*, existe diversas cartas<sup>19</sup> que reclamam das remessas em atraso ou números que não foram enviados. A assinatura do jornal incluía um exemplar para a Alemanha, que deveria ser enviado para a residência de Meyer e outro que devia ser despachado para a Colônia. Meyer buscava saber o que acontecia no Brasil, acompanhando as reportagens que saíam nos meios de comunicação sobre suas Colônias.

Percebe-se, portanto, uma grande variedade de jornais disponíveis na Biblioteca. O jornal tem por característica a oferta de informações sucintas para a vida cotidiana, pois “é um meio que trata de notícias do dia a dia, com comentários rápidos, com poucos artigos de informação ou de doutrinação mais amplos” (GERTZ, 2004, p. 101). Assim o jornal tem a função de informar de maneira prática, com conteúdo direto, através de uma leitura rápida. Esta variedade também possibilitava que os leitores não tivessem apenas informações de uma única fonte, possibilitando cruzar informações, bem como o acesso a notícias de regiões diferentes, até mesmo da Alemanha. Segundo Wittmann (1999, p. 155),

<sup>16</sup> Em 1905 havia 99 famílias, num total de 494 habitantes na Colônia de Neu-Württemberg (MAHP, 2013). No entanto não sabemos quantos eram os leitores deste período.

<sup>17</sup> Carta transcrita, datada de 29/12/1904 – Fundo da Colonizadora Meyer – Acervo do MAHP.

<sup>18</sup> “a Colonizadora Meyer assinava, variando de ano a ano, em torno de 10 jornais e almanaques, dentre eles, jornais diários da capital Porto Alegre e do Rio de Janeiro” (NEUMANN, 2009, p. 210). No entanto não fica claro se estes jornais eram específicos para a Biblioteca, ou tinham outra destinação, mas devido aos registros de que havia jornais na Biblioteca e que eram mantidos ou enviados por Meyer, através de sua empresa, podemos considerar que estes periódicos citados estavam à disposição da população.

<sup>19</sup> As cartas são tanto do guarda livro João Diehl Filho, como do diretor da Colônia no período, Alfred Bornmüller. Fundo da Colonizadora Meyer – Acervo do MAHP.

desde o fim do século XVII havia reclamações sobre a “inoportuna febre de jornais”, mas esta também ganhou uma nova dimensão. Expandiu-se para além das camadas burguesas a ânsia por atualidades, por informações jornalísticas sobre acontecimentos recentes, políticos e eclesiásticos, literários e econômicos.

O número de jornais que estavam a disposição dos leitores demonstra que o fundador da Colônia, que vivia a dinâmica do mundo editorial, influenciado pelos hábitos da leitura do jornal, como descritos por Wittmann (1999), buscou estender para a Colônia o contexto no qual ele estava inserido. Nesse sentido, podemos afirmar que a Biblioteca não se caracterizava apenas como fonte de lazer, mas também de informação.

Os raros documentos que registram este período são cópias dos originais, que foram enviadas a outras instituições, documentos produzidos posteriormente e alguns livros de registro que foram devolvido anos mais tarde, o que não nos possibilita saber a caracterização completa do acervo antes de 1942. A imagem que visualizamos na Figura 2 é do Catálogo Topográfico dos livros em língua alemã - II. O Catálogo é um caderno de registro das obras em alemão, descritos de forma aleatória, sem respeitar a ordem de entrada no acervo. No Catálogo em questão consta as obras de nº 1 à 1800, apesar de ser considerado o segundo. O Catálogo I possui o registro das obras do nº 1801 à 3500 e o Catálogo III obras do nº 10.000 em diante. O Catálogo foi produzido possivelmente depois da segunda metade de 1965, pois nas informações contidas na capa consta o número de cadastro no Conselho Nacional de Serviço Social, realizado em 1965.



Figura 2 - Catálogo Topográfico dos livros em língua alemã - II

Autor	Titulos	1903
Brehm, Dr. Alfred E.	Die Fische	1903
"	Niedere Tiere	1906
Deppert, Dr. Ernst	Nordamerika	1908
Philipsson, Dr. Alfred	Europa	1905
Sievers, Dr. Wilhelm	Asien	1905
Sievers, Dr. Wilhelm	Arabischen Sprachen	1905
Kern von Marilaun, N. A.	Pflanzenleben	1905
"	"	1905
Rodenberg, Julius	Goethe Jugend	1905
"	"	1905
"	"	1905
"	"	1905
Diversos	einmütigen	1905
Gaupp, Robert	Psychologie des Kindes	1905
Diversos	Handb. d. D. u. G. u. u. u.	1906
"	"	1906
Foerster, Dr. W.	Jugend leben	1912
"	Schule und Charakter	1912
Ratzel, Dr. Friedrich	Die Erde und das Leben	1903
Ratzel, Dr. Friedrich	Völkerkunde I	1903
"	"	1903
Breuer, Dr. Alfred E.	Pädagogik Band III	1903
"	Die Vögel I	1903

Fonte: Catálogo das obras em alemão da instituição. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – MAHP

Dentre os livros pertencentes ao acervo inicial, em 1903, identificamos os exemplares *Die Vögel*, *Säugetiere Band III*, *Die Fische e Niedere Tiere*, de Alfred Brehm, *Die Erde und das Leben*, *Völkerkunde I e II*, de Friedrich Ratzel, *Der lotse und \*\*\*\** (letra ilegível), de Jonas Lie. Dentre os livros em língua alemã que estavam a disposição no período que compreende 1903 a 1926, ou seja, período de funcionamento da Biblioteca, identificamos obras de temáticas variadas, dos quais citamos alguns autores: Tolstoi, Shakespeare, Victor Hugo, Rodenberg, Louise François, Jonas Lie, Liesbet Dill, Hermann Sudermann, Franz Donat, Felix Braum, Wilhelm Raabe, Gabriele Reuter, Friedrich Gerstäcker (literatura), Gaupp, Kerner (filosofia), Ratzel (etnologia), Keller, Schmitthenner (poesia), Alfred Philipsson (geologia), Sievers (geografia), Rummel, Ernst Pasqué (música). Os livros de literatura, música e poesia são a grande maioria na década de 1920, enquanto de 1903 a 1909, os livros que predominavam eram de filosofia, geografia, história, botânica, religião, sendo poucos os de literatura<sup>20</sup>. Como a

<sup>20</sup>Dos livros que foram adicionados no acervo de 1903 a 1926, devido ao confisco que ocorreu em 1942, não temos o catálogo do período, mas a partir da devolução de algumas obras que ocorreu após 1945, identificamos 147 livros em alemão, dentre eles alguns autores foram citados acima. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

Biblioteca estava dentro da escola e conforme ata escolar de 1920<sup>21</sup>, que prestava contas do ano anterior, a Biblioteca não pertencia a Sociedade Escolar, mas estava ligada a ela, pois servia de suporte aos alunos, o que é perceptível pela caracterização do acervo. Na década de 1920 os poucos livros dos quais temos registro são mais voltados ao entretenimento e ligados as atividades paralelas de Marie Faulhaber, como veremos no capítulo 3.

Na Biblioteca também encontramos registro em 1925 do livro *Urupês*, de Monteiro Lobato, livro em português, adquirido através de compra. O livro reúne 14 contos, dentre eles o conto de mesmo nome do livro que retrata o caboclo Jeca Tatu. Monteiro Lobato na década de 1940 sofreu censura, tendo suas obras sido consideradas perniciosas, propagadoras do comunismo entre as crianças (CARNEIRO, 2002).

Todos os livros em alemão, que integravam o acervo neste período foram adquiridos por meio de doações. Mesmo considerando o parco número de livros do acervo da Biblioteca, aos quais tivemos acesso, podemos inferir que as doações ao mesmo tempo em que faziam o acervo crescer, não eram uma escolha dos administradores, no caso o casal Marie e Hermann Faulhaber, e sim escolhas que vinham principalmente da Alemanha, do fundador da Colônia Herrmann Meyer, bem como das instituições que buscavam a manutenção do germanismo no exterior. Estas considerações não são conclusivas, pois estes livros não correspondem à totalidade das obras que integravam o acervo da Biblioteca.

A Biblioteca que nos primeiros anos funcionou de forma centralizada, na sede da Colônia – ou seja, na Stadtplatz -, mudou seu sistema de funcionamento depois da fundação de uma rede de escolas pelo interior do complexo colonial – na área rural – a partir dos anos 1910. Com isso, a Biblioteca passou a funcionar de forma descentralizada, com a sede na Stadtplatzschule e com filiais nas localidades rurais – as ramais. Segundo a Ata escolar de 1920, estas ramais eram: Norte, Oeste, Magdalena, Palmeira e Hindenburg, sendo que Rincão Frente também passaria a ter uma ramal em breve. Cada uma destas subunidades possuía um acervo permanente, mas também contava com um sistema de troca de livros entre a biblioteca central e as filiais rurais, constituindo um rodízio do acervo, havendo assim a circulação dos livros entre as mesmas. Este sistema realizava a troca de 50 a 100 livros entre as bibliotecas. A descentralização possibilitava o fácil acesso dos leitores do interior a biblioteca, sem a necessidade de deslocamento

---

<sup>21</sup>Ata escolar transcrita datada de 25/04/1920, presta contas do ano escolar de 1919. Esta ata apresenta regras e aspectos sobre o funcionamento da biblioteca – Acervo do MAHP.

dos mesmos até a sede da Colônia para retirar os livros ou para devolvê-los. As filiais, bem como a central, funcionavam dentro do espaço escolar<sup>22</sup>.

Sobre o sistema de organização da Biblioteca podemos perceber que o acervo dentro do espaço escolar servia de suporte aos alunos ao mesmo tempo que aproximava a comunidade da escola ao trazer os sócios para dentro da instituição de ensino. Quanto à descentralização, foi uma iniciativa administrativa voltada ao incentivo da leitura dentro da Colônia, buscando atingir maior número de leitores. Por mais que a estas especificações constem em uma Ata escolar, Hermann Faulhaber, presidente da Sociedade Escolar e bibliotecário<sup>23</sup>, afirmava neste mesmo documento que a Biblioteca estava intimamente ligada a escola, mas que não pertencia a mesma, sendo uma instituição independente.

O funcionamento da Biblioteca dava-se a partir da retirada de livros e revistas, permitindo ao sócio ficar com as obras por um período de quatro semanas, ou seja, a Biblioteca era voltada apenas para o empréstimo de obras para leitura domiciliar. Para a utilização dos serviços da instituição era necessário ser sócio e pagar uma taxa mensal, sendo esta revertida para a encadernação dos livros e ampliação do acervo. Outra forma de aumentar o acervo provinha de recursos financeiros disponibilizados por Meyer ou ainda a doação de livros. A doação de obras foi uma constante na história da instituição, muitas delas feitas pelos próprios sócios, por empresas locais e/ou instituições alemãs.

Este projeto de escola e biblioteca voltadas à população tem a similaridade com os Gabinetes de Leitura de São Paulo, descritos por Martins (2015). Os Gabinetes de Leitura paulistas eram instituições que possuíam um projeto de educação popular aberta a toda a sociedade. No entanto, em Neu-Württemberg temos uma biblioteca dentro da escola, mas organizadas como instituições distintas, por mais que uma se beneficie da outra, enquanto nos Gabinetes de Leitura temos as bibliotecas oferecendo educação popular, sendo a escola um projeto desta instituição. Os Gabinetes de Leitura investigados por Martins (2015) tinham vinculação com a maçonaria, esta por sua vez, visava um Estado laico e uma população esclarecida, por isso a fundação desses espaços de leitura, que ofertavam educação gratuita. Estes Gabinetes de Leitura eram uma

---

<sup>22</sup> Ata escolar transcrita datada de 25/04/1920 que presta contas do ano escolar de 1919. Acervo do MAHP. Não foram encontrados outros documentos que citassem a descentralização da Biblioteca.

<sup>23</sup> Ao usarmos o termo bibliotecário não nos referimos a formação ou profissão, apenas optamos por deixar como foi descrito nos documentos.

[...] rede de estabelecimentos voltados para a leitura e que, dotados de estatutos homogêneos, previam a formação de uma biblioteca de gêneros e títulos diversificados, onde se podiam alugar livros; previam, igualmente, uma escola de primeiras letras, que formasse leitores para consumo daquele acervo enquanto encetavam a alfabetização dos segmentos menos favorecidos da sociedade (MARTINS, 1999, p 401).

Na Biblioteca de Neu-Württemberg, a princípio, não foram encontrados documentos que a vinculem, pelo menos de forma direta, com a maçonaria, apesar de apresentar semelhanças ao projeto dos Gabinetes de Leitura paulistas, pois os dois projetos tinham a educação e a leitura como alvo<sup>24</sup>, apesar da Biblioteca ser descrita apenas para recreação cultural dos moradores da Colônia e servir de suporte para a educação, enquanto que os Gabinetes de Leitura paulistas tinham por objetivo a educação e a formação de leitores em prol de um Estado laico, além de colocar a disposição da comunidade seu acervo. No entanto, como afirma Martins (2015, p.103):

o livro, o jornal, as palavras impressas, enfim, prestavam-se como instrumentos poderosos para a veiculação do projeto laico. Revestidos de conteúdo sedutor, aliciavam o leitor por meio de uma produção literária romântica, realista e naturalista, enquanto projetavam nos textos idealizações, novos hábitos e práticas, a busca da Ilustração.

Sendo assim o texto tem a função de transformar o leitor, mesmo que ele não a busque esta intenção, pois o leitor não é um mero receptor, visto que ele constrói suas leituras como forma de distinção e de diferenciação em relação aos demais (LEONEL, 2010). Mas para que estes grupos tivessem acesso à leitura, um acervo bibliográfico era indispensável. Para Hipólito da Costa as sociedades literárias tinham ainda outra função, a de instruir os cidadãos sobre os bons costumes e a moral, assim como as sociedades maçônicas, por isso deveriam ser incentivadas (SILVA, 2015).

---

<sup>24</sup>Existem possíveis influências da maçonaria na fundação da Biblioteca, bem como na sua manutenção. O pai de Marie – fundadora da Biblioteca e formadora de novos leitores –, August von Reinhardt, escreveu obras sobre a maçonaria. Na descrição biográfica de August no Catálogo da Biblioteca Nacional da Alemanha, consta soldado, General Major, escritor e maçom. Assim podemos entender que o conteúdo dos livros que ele produziu tinha um apelo favorável a maçonaria. Disponível em: <[https://portal.dnb.de/opac.htm?method=showFullRecord&currentResultId=idn%3D128069082%26any\\_currentPosition=0](https://portal.dnb.de/opac.htm?method=showFullRecord&currentResultId=idn%3D128069082%26any_currentPosition=0)> Acesso em 20 agost. 2016. Sobre a família Reinhardt mais no subtítulo 4.2 – A família de Marie.

Quanto aos Faulhaber, temos elementos da simbologia maçônica no brasão da família. Este brasão está em um cartão postal datado do final da década de 1950. No entanto, não podemos afirmar que Hermann Faulhaber ou seu filho Walter – que foi por muitos anos secretário da instituição - tenham sido maçons. Sobre o fundador da Colônia, Herrmann Meyer não foram encontrados evidências concretas de ligação com a maçonaria. O cartão postal está na Pasta diversos da família Faulhaber – Acervo MAHP.

Quando não era a Loja maçônica que fundava as Sociedades ou Gabinetes de Leitura, eram os seus integrantes que o faziam, em nome dos mesmos ideais, como ocorreu em Cruz Alta, como afirma Cavalari (2015, p. 177):

[...] alguns membros da Loja Harmonia Cruzaltense, juntamente com outros cidadãos, capitaneados pelo português e maçom Evaristo Affonso de Castro, fundaram em 28 de setembro a Sociedade Literária Aurora da Serra, cujo fim principal seria de discussões literárias e o aprimoramento intelectual de seus convivas.

Algo semelhante ocorreu em Neu-Württemberg, se nos voltarmos ao trabalho de Marie, que realizava discussões das obras literárias com seus alunos, em sua residência. No entanto, este trabalho não tinha vinculação oficial com a Biblioteca e depois com a Sociedade de Leitura, por mais que ela tenha trabalhado como bibliotecária e que seus alunos posteriormente tenham se tornado sócios da Sociedade de Leitura. Se as vinculações da Biblioteca com a maçonaria não são explícitas, a forma de criação e manutenção da Biblioteca ligava-a aos ideais maçons, pois facilitava o acesso dos moradores locais à leitura, que de certa forma foi selecionada, para integrar o acervo da instituição, no entanto, não é porque instituições compartilhem de práticas e ideais que elas podem ser vistas como semelhantes.

O projeto da Biblioteca foi do fundador da Colônia Herrmann Meyer, configurando uma iniciativa particular, mas que foi colocada em prática pelo casal Faulhaber. Mas com a morte autogerida de Faulhaber em 1926, decidiu-se registrar em alguns documentos Hermann Faulhaber como o único fundador da Biblioteca, como forma de manter esquecida a forma da morte do antigo diretor e exaltar o seu trabalho na Colônia. Por mais de duas décadas, o casal Faulhaber esteve a frente das decisões administrativas da instituição, o que mudou depois da morte autogerida de Faulhaber. As mudanças administrativas e estruturais realizadas em razão do ocorrido não afastaram a família Faulhaber do círculo de influência ou de decisão referentes a mesma, por mais que não correspondesse mais somente a família as decisões em relação a instituição, pois a Biblioteca tornou-se uma Sociedade de Leitura, com regras e estatutos que a regiam.

## 2.2 A SOCIEDADE DE LEITURA FAULHABER

Em 1927 a Biblioteca passou a denominar-se Sociedade de Leitura Faulhaber, momento em que ocorreram alterações para que houvesse uma melhor gestão da instituição. Assim, houve a regulamentação da Biblioteca, através do estatuto, bem como o registro em órgão governamental. Ao escolher o nome Faulhaber para a Sociedade de Leitura, buscava-se homenagear o administrador e bibliotecário. “A homenagem costura simbolicamente discursos, objetos, tempos e espaços que simbolizam uma trajetória e sintonizam um mito fundador que reafirma os valores do grupo” (TEDESCO, 2002, p. 64).

A morte autodirigida de Hermann ocasionou um trauma na comunidade, que necessitou ser apagado da memória dos moradores de Neu-Württemberg, bem como da história. A repercussão da morte de Faulhaber não ocorreu apenas por ele ser um líder local ou mesmo por ser conhecido na região, mas também pelo fato de ter formação teológica e ter atuado como pastor, o que por si só já leva a condenação do suicídio (SCHMITT, 2014). Ao escolher o nome de Faulhaber para a Sociedade buscava-se enfatizar o trabalho de Hermann pela instituição, assim como apagar de maneira velada a forma da sua morte. O fato de não colocar o nome do diretor da Colônia, mas apenas o seu sobrenome, de certa forma ainda abarcava o trabalho de Marie à frente da instituição. No entanto, ao escolher Hermann Faulhaber como o personagem central da história da Biblioteca e registrar seu nome na Sociedade de Leitura, o nome de Herrmann Meyer aos poucos foi desaparecendo da história da instituição. A ideia de fundar a Biblioteca havia sido de Meyer, enquanto que Marie e Hermann Faulhaber foram os seus executores, responsáveis pela sua organização e manutenção. Ainda assim, Herrmann Meyer continuou contribuindo financeiramente, bem como mandando livros para ampliar o acervo, mas foi à memória do trabalho de Hermann Faulhaber pela instituição que os sócios decidiram registrar.

A biblioteca da Sociedade de Leitura foi descrita como popular no livro *Neu-Württemberg. Eine Siedlung Deutscher in Rio Grande do Sul/ Brasilien*<sup>25</sup>, obra que não só trazia informações do empreendimento de Herrmann Meyer, como também prestava contas aos investidores alemães que buscavam manter a cultura e os costumes alemães no exterior<sup>26</sup>. Com a publicação buscava-se angariar recursos para construir um prédio de alvenaria para a escola urbana da Colônia. O texto sobre a Sociedade de Leitura, produzido pela Faulhaberstiftung, fundação criada em 1927, depois da morte do diretor, com intuito de dar seguimento a

---

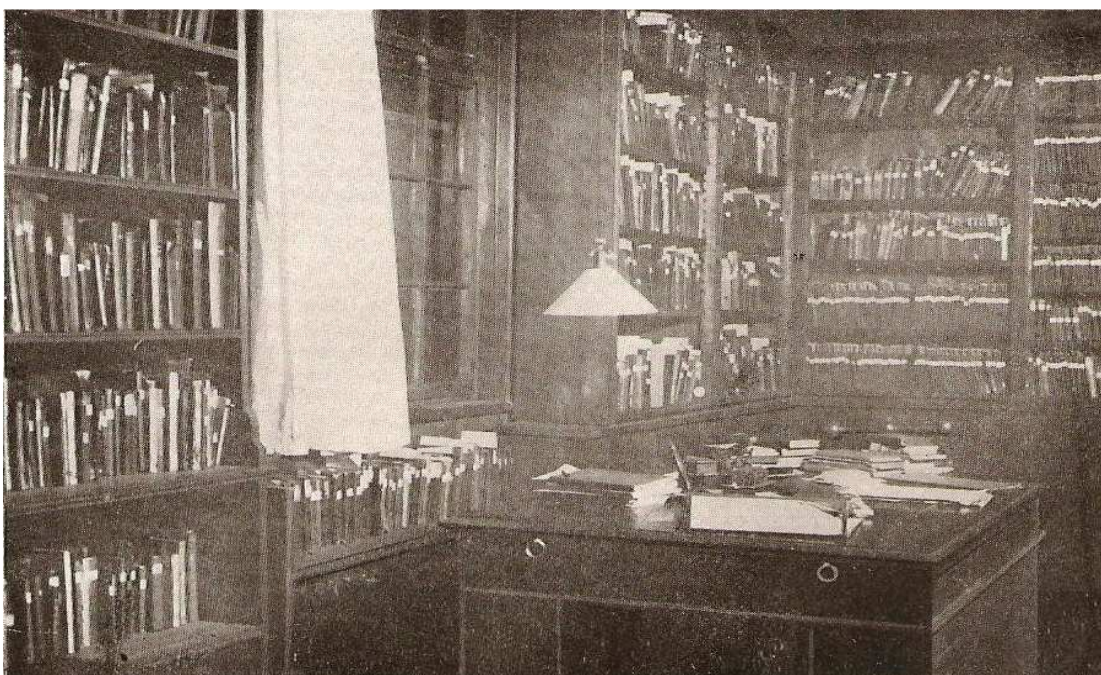
<sup>25</sup>Livro publicado em Stuttgart, Alemanha em 1933.

<sup>26</sup>Em 1932, o fundador da Colônia, Herrmann Meyer, faleceu e procurou-se prestar contas do capital investido, bem como arrecadar novos recursos com investidores alemães, pois não havia mais o intermédio de Herrmann Meyer.



administração colonial e funcionar como mantenedora da escola, afirma que a qualidade do acervo colocado a disposição dos colonos era bom, apesar das taxas cobradas dos leitores serem baixas, o que não era suficiente para cobrir os custos de manutenção. Anteriormente o dinheiro que Herrmann Meyer disponibilizava, mesmo que esporadicamente, ajudava na manutenção da instituição, mas depois da morte do fundador da Colônia, em 1932, o dinheiro arrecadado com as taxas de anuidade não era suficiente para suprir os custos da Sociedade de Leitura. Na fotografia que ilustra a *Neu-Württemberg. Eine Siedlung Deutscher in Rio Grande do Sul/ Brasilien*, podemos vislumbrar um acervo catalogado, com um volume considerável de livros, que preenchem as estantes que iam até o teto (Figura 3).

Figura 3 - Foto do acervo da Sociedade de Leitura, no início da década de 1930



Fonte: FAULHABERSTIFTUNG, 1933, p. 60

A manutenção de ligações culturais e econômicas entre os imigrantes e a Alemanha foi algo pensado pelo governo alemão, como forma de manter um mercado consumidor para a indústria nascente da Alemanha, ainda no século XIX, “por meio de estreitas ligações econômicas deveriam ser fortalecidas também ligações culturais, garantindo entre alemães emigrados a preservação da língua e dos costumes” (CUNHA, 2006, p. 283). Mas esta manutenção também era lembrada pelos que aqui estavam, bem como pretendida, principalmente

quando se desejava buscar recursos na Alemanha, como percebemos no livro *Neu-Württemberg. Eine Siedlung Deutscher in Rio Grande do Sul/ Brasilien* que descreve a Colônia aos investidores como um pedacinho da Alemanha, onde o ser alemão, os usos e os costumes alemães persistiam após quase 40 anos (FAULHABERSTIFTUNG, 1933).

Os livros doados por alemães ou instituições alemãs ajudaram aumentar o acervo da Biblioteca e posterior Sociedade de Leitura. Dizer que a manutenção das ligações culturais alemãs no exterior foi somente para o proveito do governo alemão é desconsiderar os muitos recursos que permitiram, auxiliaram e ampliaram o sistema educacional em muitas colônias. Por exemplo, em Neu-Württemberg houve remessas de livros, material didático e auxílio para a construção da escola central. Claro que nem todos os imigrantes/descentes se beneficiaram, pois o acesso a educação era somente para os que tinham condições de pagar por ela, bem como a Biblioteca e posterior Sociedade de Leitura, por mais que os valores fossem ínfimos para ser sócio.

Depois da transformação da Biblioteca em Sociedade de Leitura não foram encontradas informações se o acervo que estava descentralizado foi novamente reunido, ou se as bibliotecas ramais foram transformadas em bibliotecas escolares. Conjeturamos esta última opção, com base em uma das finalidades da Sociedade Escolar: manter uma biblioteca para alunos e professores (FAULHABERSTIFTUNG, 1933). Esta hipótese é reforçada pela documentação que demonstra que, entre o material didático enviado da Alemanha, havia livros infantis para compor a biblioteca escolar<sup>27</sup>. O fato é que não se mencionou mais a descentralização, apenas que a partir da fundação da Sociedade de Leitura, a mesma passou a funcionar na residência de Marie Faulhaber, que continuou o serviço voluntário na manutenção da instituição. A Sociedade de Leitura ficou alocada na casa dos Faulhaber até 1935, ano em que o novo prédio de alvenaria da escola Elsenau ficou pronto e o acervo da Sociedade de Leitura Faulhaber voltou a ser alocado na escola<sup>28</sup>.

Em 1932 houve nova doação de livros, num total de 2.500 obras, provenientes da biblioteca particular de Hermann Meyer. A doação foi realizada pela família de Meyer, depois de morte do fundador de Neu-Württemberg. A ampliação do acervo por meio de doações ocorreu de forma constante na história da Sociedade de Leitura, tanto que os títulos do Catálogo em língua

---

<sup>27</sup> Ata escolar transcrita de 1919, livros publicados pelo CEP - Acervo do MAHP.

<sup>28</sup> Recorte do jornal a *Notícia Ilustrada*, nº 389, de 23 de janeiro de 1974, com reportagem comemorativa aos 70 anos da Sociedade de Leitura. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.



alemã I, que integraram o acervo de 1903 a 1930, são fruto de doações. A ampliação de acervos bibliográficos em instituições voltadas para a leitura – Gabinetes, Sociedades ou Bibliotecas – por meio de doação sempre ocorreu neste meio. As doações vinham de instituições privadas ou governamentais e/ou de estabelecimentos comerciais e, dessa forma, marcavam presença dentro do acervo de forma implícita/explicita, diante de projetos ou ideais diferenciados. As doações ainda podiam ser de particulares que dispensavam obras de seus acervos (MARTINS, 2015). Em todos os casos sempre pode ser feita uma leitura destas doações, pois poderia indicar o condicionamento que estavam impondo ao leitor a partir da seleção de obras disponibilizadas, bem como serviam para lembrar o leitor da generosidade do doador. As doações que vinham da Alemanha mantinham os colonos ligados à cultura alemã, como desejava o governo alemão, ainda no final do século XIX. A doação da família de Meyer voltava a colocá-lo como um benfeitor entre os moradores da Colônia, ou melhor, entre os sócios da Sociedade de Leitura.

Foi também em 1932 que o acervo foi catalogado. O trabalho foi realizado pelas sócias da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas (OASE), que, a convite de Marie, passaram a encadernar os livros com tecido e bordar os números, para identificá-los<sup>29</sup>, nos encontros semanais organizados pela OASE. Durante a catalogação, também foi realizado trabalho de restauro. As reuniões ocorriam na residência de Marie, local onde estava alocado o acervo. Na Ata não é especificado o tipo de tecido, cor, ou sobre técnicas de encadernação, mas a decisão de fazer esse trabalho de forma artesanal, com a ajuda das mulheres da OASE ocorreu devido à corte de gastos. Anteriormente, como relatados nos documentos de prestação de contas à Empresa de Colonização de Meyer, havia um valor destinado a manutenção e encadernação dos livros. Não há maiores informações se havia alguém que conhecesse técnicas de restauro ou sobre os tipos de reparos que foram feitos nos livros<sup>30</sup>. Inicialmente os custos de encadernação eram enviados a Empresa de Colonização, mas depois da morte de Meyer em 1932, as despesas foram absorvidas pela Sociedade de Leitura. A restauração e encadernação artesanal foi uma alternativa que pode

---

<sup>29</sup>Ata da OASE de 19/10/1932. A OASE foi fundada em Neu-Württemberg, em 1910, e teve como uma das fundadoras, Marie Faulhaber. Conjunto de Atas e Relatórios da OASE, correspondente ao período de 1920 a 1936. Acervo pessoal de Helga Schünemann.

<sup>30</sup> Em conversa informal, soube-se que houve a ajuda da bibliotecária Hildegard Sydow, formada na Alemanha e que havia migrado para Neu-Württemberg no início da década de 1930. No entanto não há registro se realmente Hildegard trabalhou na Sociedade de Leitura. O único documento que conseguimos de Hildegard foi a certidão de nascimento de seu filho, Günther, nascido em 18/09/1937. Na certidão consta que Hildegard e o marido Eberhardt eram alemães e que a profissão dela era definida como “do lar”.

ter sido empregada em outros anos, mas é pertinente destacar que na década de 1940 voltou-se a registrar despesas com encadernação<sup>31</sup>.

Grafton (1999, p. 20) afirma que a encadernação foi sugerida pelos impressores ainda na Renascença como forma de personalizar o livro, sugerindo que “o comprador educado normalmente mandaria encadernar seus livros (...) e o leitor culto sabia que deveria pagar por este gasto adicional”. Como vimos anteriormente, uma das características iniciais do acervo eram as brochuras, que eram edições populares. Neste sentido, a encadernação entrava não só como forma de personalizar os livros da Biblioteca e posterior Sociedade de Leitura, mas também um meio de torná-los mais duráveis.

Também foi na década de 1930 que se colocou um pequeno texto na contracapa dos livros, pedindo ao leitor que cuidasse do livro (Figura 4). Esta advertência inicialmente era feita em alemão e depois, com a política do Estado Novo, passou a ser escrita em português. No lado esquerdo da Figura 4 temos o aviso em alemão, descrevendo a obra como pertencente à Faulhaberstiftung, no lado direito o aviso em português, possivelmente depois das leis de nacionalização<sup>32</sup>. Alterou-se também a quem pertencia à obra, passando da Faulhaberstiftung a Sociedade de Leitura Faulhaber de Panambi. O texto em alemão, ao descrever a obra como pertencente à Faulhaberstiftung, leva-nos a questionar tal ato, pois a fundação foi criada no mesmo dia que a Sociedade de Leitura. No estatuto da Sociedade de Leitura é afirmado que, em caso de dissolução da instituição, os bens da mesma deveriam ser entregues a fundação, que entre uma das suas funções estava: ser mantenedora da escola. A fundação mudou de nome várias vezes, sendo Faulhaberstiftung de 1927 a 1939, depois passou a ser Sociedade Beneficência de Pindorama. Assim, porque não colocar como pertencente à Sociedade de Leitura? Na documentação levantada não conseguimos responder a esta pergunta. Quanto ao aviso em português, este foi redigido antes de 1955, ano em que a Sociedade de Leitura Faulhaber teve seu nome alterado para Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber.

O aviso também pode ser lido como manual de utilização do livro, pois se buscava garantir maior durabilidade à obra. Ainda sugeria a leitura como forma de lazer. Também podemos ver a advertência de que, em caso de perda ou não cumprimento das ordens do manual,

---

<sup>31</sup> Livros de contabilidade da instituição – Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber.

<sup>32</sup> A política de nacionalização do Estado Novo estava voltada para a educação, mas afetou também questões religiosas, a imprensa, o serviço público e militar. As Igrejas deveriam fazer suas cerimônias em português, os jornais e revistas só poderiam circular com a tradução em português. CUNHA, Célio da. *Educação e Autoritarismo no Estado Novo*. São Paulo: Autores Associados; Cortez Editora, 1981.

o usuário/sócio devia substituir a obra por outra, mas não ficou claro se um livro igual ao que foi “perdido” ou por se poderia ser outro livro.

Este aviso da contracapa nos leva às origens da Sociedade de Leitura. Em vários momentos a Biblioteca foi considerada parte integrante da escola, e, pelo que nos parece, nem mesmo com a criação da Sociedade de Leitura a instituição conseguiu total autonomia. Se antes a Biblioteca estava atrelada a Sociedade Escolar, a mantenedora da escola, onde a Biblioteca estava dentro do espaço escolar, sendo que ambas tinham o mesmo administrador, a Sociedade de Leitura, por vez, tinha vinculações com a Faulhaberstiftung, sendo que também num primeiro momento a Sociedade de Leitura estava dentro da escola. Ambas as instituições receberam os nomes em menção a Hermann Faulhaber, e compartilhavam integrantes do quadro administrativo e organizacional, como Friedrich Krahe que foi presidente e secretário da Faulhaberstiftung e da Sociedade de Leitura, sendo responsável por filiar esta última ao Instituto Nacional do Livro e ter enviando informações da Sociedade de Leitura, através dos relatórios de estatística, ao governo<sup>33</sup>. Não foram encontrados documentos que descrevessem quem eram os membros da diretoria da Sociedade de Leitura anterior a 1942.

Figura 4 - Aviso na contracapa dos livros



Fonte: Livros do acervo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – MAHP.

<sup>33</sup> No livro Guia das Bibliotecas Brasileiras, publicado em 1942 e reeditado em 1944, com todas as bibliotecas registradas até 1938, na página 303 consta a Sociedade de Leitura Faulhaber e como secretário da instituição Friedrich Krahe.

Esta ligação da Sociedade de Leitura com a escola afetou o funcionamento da instituição, quando a escola foi fechada. Segundo o livro comemorativo aos 65 anos do Colégio Evangélico Panambi, o fechamento ocorreu em dezembro de 1939, devido às políticas de nacionalização do Estado Novo. Estas políticas, iniciadas em 1937, tornaram mais incisivas em 1938, gerando

medidas legais e projetos identificados com a construção do nacional brasileiro. Alguns desses projetos e medidas revelam o conteúdo doutrinário e político do projeto nacionalista que se criava. Falar destas medidas e projetos é lembrar o contexto da época. Foi neste ano que a investida integralista chegou ao seu apogeu e, simultaneamente, ao início de sua queda, por ação repressiva do Estado. Foi neste ano que se formulou o projeto de Organização Nacional da Juventude, em moldes fascistas e mobilizantes na sua concepção, por intervenção de setores do Exército. Foi também em 1938 que a campanha de nacionalização do ensino chegou ao seu clímax com a formulação e promulgação de um número substancial de decretos-leis destinados essencialmente a deter a experiência educacional dos núcleos estrangeiros nas zonas de colonização (SCHWARTZMAN, BOMENY e COSTA, 2000, p. 165)

Esta intensificação nas leis de nacionalização afetou o cotidiano nas Colônias. A nacionalização do ensino, efetivado principalmente por meio de decretos-leis,

(...) iniciou com o Decreto n. 406 de maio de 1938, que se dirigia diretamente para as escolas rurais, que eram as que aparentemente representavam maior perigo. Esse decreto foi seguido pelo n.º 1.545 de 25 de agosto de 1939, considerado como o mais importante. Este proibiu que a direção da escola ficasse a cargo de estrangeiro, que se fizesse uso de língua estrangeira em assembleias e reuniões públicas (...). Instruía ainda aos Secretários de Educação Estaduais a construir e manter escolas em áreas de colonização estrangeira para a estimulação do patriotismo por parte dos estudantes, sendo que deveriam fiscalizar o ensino das línguas estrangeiras e intensificar o ensino de história e geografia do Brasil. Ainda tivemos o decreto 1.006 de 10 de dezembro de 1939, o Decreto 2.072 de 08 de março de 1940 e o Decreto 3.580 de 3 de setembro de 1941, que complementavam o processo de nacionalização em diversos aspectos, o que significou efetivamente o término das escolas étnicas de imigrantes (Kreutz, 2010, p.77)

O decreto n.º 1.006 de 10 de dezembro de 1939 estabelecia as condições de produção, importação e utilização do livro didático, que afetou em cheio as escolas étnicas que recebiam livros de instituições estrangeiras ou mesmo os livros impressos no Brasil. Na Colônia de Neu-Württemberg, que no período em questão era distrito de Cruz Alta, sob o nome de Pindorama, ocorreram protestos contra as leis, como descreve o Relatório apresentado a Secretária da Educação e Saúde Pública ((RIO GRANDE DO SUL, 1939, p. 10, apud NEUMANN, 2015, p. 211):

uma de nossas professoras, em “Pindorama”, ex Neu-Württemberg, município de Cruz Alta, ao procurar tomar posse no Colégio “Elsenau”, foi corrida, é o termo, pelo Diretor que em sinal de protesto [...] organizou (sic) um desfile dos professores, alunos e população, pela praça pública, durante o qual marchava de braço erguido, na clássica saudação do ‘fuehrer’ nazista. O estabelecimento de ensino foi fechado e a Chefatura de Policia tomou a si este caso.

O Colégio Elsenau era a escola da sede e o diretor era Erich Schild, genro de Marie, casado com Maria Sofia que também atuava como professora na escola. O relatório foi apresentado em 10 de fevereiro de 1939 e Erich Schild foi preso. Para Beuter (2013, p. 359) o motivo da prisão foi a canção suábica “Wo ä klein’s Hüttele”, que no alemão erudito se escreve “Wo eine kleine Hütte steht” e tem como tradução “onde está uma pequena cabana”. A palavra Hüttele foi confundida com Hitler, por um ouvinte, que delatou o fato às autoridades locais. Erich Schild foi preso e levado a cidade de Cruz Alta, ficando recluso por quatro dias. Por influência de Marie e autoridades locais, Schild foi libertado. Depois deste episódio, Erich Schild juntamente com Maria Sofia e os filhos do casal foram para Alemanha. A família que foi até o porto de Santos - SP, para de lá embarcar em um navio rumo a Europa, receberam, antes do embarque, a notícia da morte de Marie, ocorrida em 11 de abril de 1939 (BEUTER, 2013). A prisão de Schild talvez tenha sido resultado da soma das ações cometidas por ele, como falar o idioma alemão em público, que já estava proibido por lei, não permitir que a professora designada pelo governo brasileiro tomasse posse na escola da sede e realizar um desfile com a comunidade escolar, com a saudação nazista.

Ainda sobre o Decreto-Lei nº 1.545 de 25 de agosto de 1939, que dispõe sobre a adaptação ao meio nacional dos brasileiros descendentes de estrangeiros, destacamos o Art. 17, no qual consta que a “União deveria auxiliar os Estados para a organização de pequenas bibliotecas de livros nacionais nos centros de aglomeração de estrangeiros” (BRASIL, 1939). O projeto de criar bibliotecas públicas já estava em processo de andamento, através do Instituto Nacional do Livro (INL), criado em 1937.

No ano de 1938, em texto enviado às bibliotecas associadas ao Instituto Nacional do Livro, assinada pelo Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, no segundo parágrafo afirma-se que é “dever do Estado proteger o livro, não só promovendo ou facilitando a sua produção ou divulgação, mas ainda vigiando no sentido que ele seja, não instrumento do mal,

mas sempre o inspirador das grandes causas humanas”<sup>34</sup>. O Estado Novo, que já havia criado o INL, um órgão que tinha o propósito de fundar bibliotecas e difundir os títulos que lhe eram caros, reconhecia a importância do livro e das bibliotecas quando serviam às causas do Estado, do contrário era visto como ameaça. Segundo Jacob (2008, p. 14),

o poder das bibliotecas não se situa apenas no mundo das palavras e dos conceitos. Como Alexandria já o significava claramente, o domínio da memória escrita e a acumulação dos livros não deixam de ter significação políticas. Eles são instrumentos de poder. Poder espiritual da Igreja. Poder temporal dos monarcas, dos príncipes, da aristocracia, da nação e da república. Poder econômico de quem dispõem recursos necessários para comprar livros, impressos ou manuscritos, em grande quantidade. Poder, enfim, intelectual e sobre os intelectuais, tanto é verdade que o domínio dos livros tem como corolário o direito de autorizar ou de proibir sua comunicação, ampliá-la ou restringi-la.

Visando controlar a difusão de idéias e a produção de livros, revistas, jornais e outros impressos, o Estado Novo criou órgãos de controle como o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), bem como instituições que disseminassem seus ideais, entre elas o Instituto Nacional do Livro. Segundo Leitão (2011) o INL foi fundado com a intenção de criar um projeto atualizado da bibliografia nacional, mas, principalmente no período Vargas, o INL se restringiu à publicação de livros aprovados pela censura. Neste sentido, é pertinente considerar que “sem dúvida, o INL priorizou a propaganda do livro, como contribuição ao fortalecimento dos ideais do governo de Getúlio Vargas” (LEITÃO, 2011, p. 151).

Sobre a importância das bibliotecas, Jacob afirma que “toda a biblioteca dissimula uma concepção implícita da cultura, do saber e da memória, bem como da função que lhes cabe na sociedade de seu tempo” (JACOB, 2008, p. 10). A nacionalização promovida pelo governo Vargas reconhecia a poder do livro e das bibliotecas, tanto que buscou destruir tudo aquilo que não contemplava o seu projeto. Ao mesmo tempo, colocou em Lei a indicação da necessidade de fundar bibliotecas que valorizassem seus ideais, o que aumentava a importância do Instituto Nacional do Livro.

Com o fechamento da Escola, em 1939, o acervo da Sociedade de Leitura retornou à residência dos Faulhaber. Sobre o encerramento da Escola, no entanto, pairam algumas dúvidas, há um silenciamento sobre o caso. Sobre a data em que a Escola é fechada, temos apenas a

---

<sup>34</sup>A carta esta arquivada no Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP e também há uma cópia no CPDOC – RJ, no Fundo Capanema.

afirmação do livro comemorativo indicando dezembro de 1939, o que nos leva a suposições sobre as circunstâncias de como o acervo da Sociedade de Leitura retornou para a casa dos Faulhaber. A primeira delas é que houve a permissão da retirada do acervo do espaço escolar durante o fechamento da escola, o que sugere que a Sociedade de Leitura não estava em desacordo com as políticas de nacionalização, pois não foi apreendida no momento<sup>35</sup>, apesar de já existirem proibições de impressos em língua estrangeira. Suposição endossada pelo fato de que, em novembro do mesmo ano, a Sociedade de Leitura recebeu uma remessa de livros do Instituto Nacional do Livro e, na carta de aviso de recebimento, de 6 de novembro de 1939, afirmava-se que a Sociedade estava fechada e passando por reorganização e que em 1º de janeiro de 1940 a instituição voltaria a abrir as suas portas<sup>36</sup>. Esta suposição é reforçada pela concordância dos sócios da Sociedade Escolar Elsenau - local onde estava alocado o acervo da Sociedade de Leitura -, em assembléia de 15 de julho de 1939, na dissolução da Sociedade Escolar e a venda do prédio da escola ao governo<sup>37</sup>. Na carta não é mencionado o motivo pelo qual a Sociedade estava fechada e nem a necessidade de reorganização. Outra suposição é de que a Sociedade de Leitura retirou o acervo da escola antes do fechamento da mesma, sendo que em novembro, quando recebeu os livros do INL, já estava na casa dos Faulhaber e a escola só teria sido fechada em dezembro. Tal suposição apenas se mantém se concordarmos com o livro Colégio Evangélico Panambi, no qual afirma que a mesma fechou em dezembro de 1939. Até o momento não encontramos mais documentos que afirmem ou refutem as suposições levantadas. Por mais que o livro comemorativo institucional do Colégio Evangélico Panambi afirme que a escola fechou em dezembro de 1939, os indícios de que ela tenha fechado ainda na primeira metade de 1939 são grandes.

### 2.3 OS ESTATUTOS

Com a fundação da Sociedade de Leitura Faulhaber, a instituição passou a ter estatutos. Sobre os estatutos, Radünz (2010, p.2) afirma que “uma vez supridas às necessidades primárias, fazia-se necessário organizá-las em termos de funcionamento interno, e é neste contexto que são

---

<sup>35</sup> A Sociedade de Leitura teve seu Registro na Repartição Central de Policia e no DOPS em 4 de outubro de 1939. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>36</sup> Cópia do aviso de recebimento dos livros. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>37</sup> Ata da Sociedade Escolar – Acervo do MAHP.

criados os Estatutos, os quais tinham por finalidade lançar os parâmetros de funcionamento das comunidades”. Segundo Flores (1983), o controle estatutário determina padrões e regras de comportamento social aceitos pela comunidade que produziu os estatutos, sendo estes considerados eficientes para manter o equilíbrio das relações sociais. A instituição, com suas normas e controles descritos no estatuto, representava o grupo.

Como já mencionado, o primeiro estatuto surgiu com a transformação da Biblioteca em Sociedade de Leitura. No entanto, o primeiro regimento da instituição não foi registrado<sup>38</sup>, e pode ter sido redigido anos depois da fundação da Sociedade. Entre os documentos da Sociedade de Leitura existem duas versões do estatuto não registrado, que apresentam discrepâncias, o que nos permite analisar estas diferenças em ambos, para então tentar datá-los a partir informações contidas na redação dos mesmos<sup>39</sup>.

Ambos são compostos de cinco capítulos, diferindo o número de artigos, pois um tem 16 artigos enquanto o outro tem 20. O capítulo I se ocupa da Sociedade e afins. É neste capítulo, no Art. 1 que encontramos uma das principais diferenças entre os dois estatutos. No primeiro documento analisado, afirma-se que a Sociedade foi fundada em 1903 e justifica o nome da instituição em memória de Hermann Faulhaber, pioneiro da vida cultural na Colônia de Neu-Württemberg. Também é dito que a Sociedade de Leitura tem por objetivo congregar seus sócios para fins culturais e instrutivos, através do espírito e costumes legados por seus ancestrais, a serviço da brasilidade. No segundo estatuto, afirma-se que a fundação da Sociedade foi 25 de agosto de 1927, e altera-se o nome Colônia Neu-Württemberg para Colônia Pindorama, ex-Nova Württemberg. Ainda é subtraída a parte *através do espírito e costumes legados por seus ancestrais*. Enquanto o primeiro estatuto demonstra a Sociedade de Leitura como uma continuidade da Biblioteca, o segundo descreve a Sociedade como uma instituição nova.

Conforme Neumann (2009), em 1916, a Colônia de Neu-Württemberg foi elevada a distrito. Com o Decreto nº 7.199, de 31 de março de 1938, que dava execução ao Decreto-Lei Nacional nº 311, de 2 de março de 1938, Neu-Württemberg foi elevada a vila, sob o nome de Nova-Württemberg. No mesmo ano, em novembro, sob o Decreto nº 7.589, houve a alteração para o nome de Pindorama, que permaneceu até o ano de 1943. Uma nova alteração ocorreu através do Decreto-Lei do governo estadual nº 720, de 29-12-1944, quando o distrito de

---

<sup>38</sup> Em uma das versões do Estatuto da Sociedade de Leitura Faulhaber, em folha datilografada, consta no canto superior direito a seguinte frase: Antigos, não registrados.

<sup>39</sup> Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.



Pindorama passou a denominar-se Panambi. Assim, quando se coloca Colônia Pindorama, este estatuto só pode ter sido redigido entre 1938 e 1943, período em que a Colônia havia tornado distrito de Cruz Alta, sob o nome de Pindorama.

O artigo segundo é igual em ambos os estatutos, referindo-se às obrigações em manter a biblioteca cultural e instrutiva, bem como a realização de reuniões recreativas e conferências. O terceiro artigo do primeiro estatuto corresponde ao sexto artigo do segundo estatuto, no qual se afirma que a Sociedade será regida pelas suas leis, não respondendo por ações de seus sócios. Os artigos 3, 4, e 5 que constam no primeiro estatuto são suprimidos no segundo. Nestes constam a proibição da Sociedade de filiar-se ou associar-se a organizações que não sejam brasileiras (terceiro artigo), nem se envolver com assuntos de caráter político-partidário ou religiosos, nem mesmo discuti-los nas reuniões (quarto artigo). Estes artigos do primeiro estatuto apresentam a preocupação de manter relações com instituições brasileiras e a proibição das discussões político-partidárias. O quinto artigo refere-se às relações sociais, afirmando que se fará uso de língua vernácula e do alemão para comunicação, mas estabelece como obrigatório o uso do português para todos os atos de efeito jurídico. Ao não restringir a comunicação em alemão, permitia-se a manutenção da identidade linguística, por mais que houvesse a preocupação de que os registros fossem somente em português. Estes três artigos parecem ter sido influenciados pelas políticas de nacionalização do Estado Novo, o que demonstra que depois da fundação da Sociedade de Leitura a diretoria ainda levou um tempo para regulamentar as ações da instituição.

O capítulo II era sobre os sócios, seus direitos e deveres. Os dois primeiros artigos são iguais nos dois estatutos<sup>40</sup>, no qual afirma que a solicitação para ser sócio passará pela apreciação da diretoria, apesar de não explicar qual eram estes critérios, apenas que o solicitante deve residir na Colônia. A negação do pedido por parte da diretoria não precisava vir acompanhada de explicação ou aviso. A Sociedade reservou-se o direito de selecionar os integrantes da instituição, bem como o direito de não prestar esclarecimento ao solicitante, se a este lhe fosse negada a entrada na Sociedade de Leitura. Ainda consta que para ser sócio havia a obrigatoriedade de pagar uma taxa, que na primeira aparece como anuidade e na segunda como mensalidade, que poderia ser menor para sócios carentes, o que demonstra certa preocupação em relação as que não tivessem condições de pagar o valor estabelecido. O sócio teria direito de utilizar a biblioteca semanalmente, com a retirada de quatro livros (apenas no primeiro estatuto). O diferencial é que

---

<sup>40</sup> No estatuto um são os artigos sete e oito, no estatuto dois são os artigos quatro e cinco.

no primeiro estatuto consta mais um artigo, que descreve sobre a retirada de livros por não sócios, mas somente mediante anuidade, que no caso era o dobro do valor pago pelos sócios. Estes casos somente poderiam ocorrer com autorização da diretoria.

No capítulo III são dispostas as normas de administração da Sociedade de Leitura, composta por uma diretoria com cinco cargos: presidente, secretário geral, tesoureiro e dois conselheiros, que deviam ser eleitos anualmente em assembleia geral. As exigências para pertencer ao quadro administrativo eram de não ter antecedentes criminais e residir no país há pelo menos cinco anos. A diretoria tinha plenos poderes para resolver todos os atos de gestão, sendo que em parágrafo único consta que era facultada à diretoria a nomeação de uma bibliotecária remunerada. Somente no primeiro estatuto consta sobre a necessidade de se expressar simultaneamente nas duas línguas, alemã e vernácula.

Em referência ao capítulo IV, os dois estatutos são iguais ao disporem sobre a assembleia geral e seu funcionamento. O último capítulo descreve sobre a durabilidade indeterminada da Sociedade de Leitura. Em caso de dissolução, o primeiro estatuto descreve que seus bens devem ser doados para a Sociedade Escolar, enquanto no segundo afirma que deveriam ser colocados a disposição da Sociedade de Beneficência<sup>41</sup>, o que no caso é a mesma instituição mantenedora da Sociedade Escolar Elsenau, ou escola da sede. Os estatutos voltam a demonstrar a ligação entre as instituições, pois em caso de dissolução da Sociedade de Leitura, seu patrimônio deveria ir para a mantenedora da escola.

Ao comparar os dois estatutos é possível pressupor que foram produzidos em um período próximo. No entanto, o primeiro estatuto foi redigido ainda sob a influência da manutenção da cultura alemã no exterior (Capítulo I - *através do espírito e costumes legados por seus ancestrais*), com forte referência aos anos iniciais da Biblioteca, antes da transformação em Sociedade de Leitura. Porém já constava neste estatuto restrições sobre a não associação a grupos que não fossem brasileiros, a proibição de qualquer ligação política ou partidária e a obrigatoriedade do uso da língua portuguesa para registros jurídicos ou documentais. Percebe-se que havia já uma preocupação com a questão nacional, possivelmente para que não fossem mal interpretados pelo governo brasileiro. Já o segundo estatuto apresenta as alterações ocorridas pelas políticas de nacionalização do Estado Novo, quando a Colônia passou a ser denominada

---

<sup>41</sup>Sociedade Escolar era antes de 1926, já Faulhaberstiftung foi de 1927 a 1939, depois Sociedade Beneficência de Pindorama e por fim só Sociedade Beneficência.

Pindorama, depois de novembro de 1938, o que comprova que foi redigido depois desta data, mas não depois de 1944, quando o distrito passou a ser Panambi.

O primeiro estatuto ainda apresentava várias “correções”, feitas a lápis, que parecem querer atualizar o registro. Este estatuto parece ter servido de modelo para o estatuto impresso, que anunciava em seu cabeçalho a aprovação e registro na Repartição Central de Polícia e no DOPS, em 4 de outubro de 1939. As diferenças em relação ao possível primeiro estatuto são poucas, como nome da localidade, que em vez de Colônia de Neu-Württemberg, agora constava Pindorama, o nome de Hermann que passou a ser Germano - nacionalização de nome próprio - e a frase do capítulo 1, Art.1º. – *“através do espírito e costumes legados por seus ancestrais”* – que não constava mais. O primeiro estatuto dá maior ênfase à questão da manutenção da germanidade, da possibilidade de pessoas que não tivessem condições de pagar o valor exigido para poder participar, ao mesmo tempo em que apresentava preocupações com as questões de nacionalização, enquanto o segundo era fruto destas políticas.

Nos estatutos verificados, se lê no último artigo: “Os presentes estatutos revogam os anteriores e sua alteração somente pode ocorrer em assembléia geral extraordinária”. Com este artigo levanta-se a possibilidade de que nenhum deles tenha sido o primeiro estatuto da instituição, no entanto, pode ser que o primeiro estatuto aqui descrito serviu para regulamentar questões que eram praticadas antes da transformação da Biblioteca em Sociedade de Leitura, ou mesmo alterações sobre normas de “costumes”, que precisaram ser extintas, por isso este artigo constaria também no possível primeiro estatuto, mas é apenas uma hipótese. O estatuto impresso é o que foi aprovado e registrado nos órgãos competentes, o que ocorreu mais de dez anos depois da fundação da Sociedade de Leitura Faulhaber.

Estes estatutos analisados, apesar de serem redigidos em momentos diferentes, possuem um tom de apreensão, que parece sugerir que havia algo a se temer ou a evitar. As mudanças dos nomes locais ou do próprio fundador, assim como a proibição de se filiar a outras instituições, a ênfase na brasilidade do grupo ou da sua intenção, demonstra o contexto do Estado Novo, com sua política nacionalizante, que levou à imposição de limitações e até proibições aos imigrantes.

## 2.4 A SOCIEDADE DE LEITURA E O INL

Em 21 de dezembro de 1937 o Instituto Cairú foi transformado em Instituto Nacional do Livro (INL). Segundo Hallewell (2012), o Cairú era um órgão de pequena importância, que Vargas transformou no INL, visando alterar questões importantes sobre o acesso da população ao livro no Brasil. Vargas nomeou o poeta gaúcho Augusto Meyer para a direção do INL, função que exerceu até 1954, ano da morte de Vargas e posteriormente entre 1961 e 1967. O INL tinha atribuições específicas, dentre as quais destacamos:

- Art. 2º Competirá ao Instituto Nacional do Livro;
- a) organizar e publicar a Enciclopédia Brasileira e o Dicionário da Língua Nacional, revendo-lhes as sucessivas edições;
  - b) editar toda sorte de obras raras ou preciosas, que sejam de grande interesse para a cultura nacional;
  - c) promover as medidas necessárias para aumentar, melhorar e baratear a edição de livros no país bem como para facilitar a importação de livros estrangeiros;
  - d) *incentivar a organização e auxiliar a manutenção de bibliotecas públicas em todo o território nacional* (DECRETO LEI Nº 93, grifo nosso)

Por mais que a criação de bibliotecas públicas e as doações de livros para a formação e atualização do acervo tenham permitido o acesso de muitas pessoas à leitura, também ocorreu, por parte do INL, um meio de seleção dos livros que os brasileiros poderiam ler, bem como uma forma de vigiar e controlar a leitura. Leitão (2011, p. 150), afirma que “o INL desencadeou uma expectativa de ampliação e estruturação de bibliotecas pelo país. Mas o que de fato ocorreu foi uma dispersão de recursos e atuação oficial sem planejamento”.

No Decreto Lei nº 93, que criou o Instituto Nacional do Livro, consta no Art. 6 que a distribuição gratuita de livros seria somente para as bibliotecas públicas filiadas a ele. O decreto entrou em vigor em 1º de janeiro 1938. No entanto, não se refere à filiação a outros tipos de bibliotecas como Sociedades ou Gabinetes de Leitura, sendo elas privadas ou particulares. Mesmo assim a Sociedade de Leitura Faulhaber, segundo a documentação investigada, filiou-se ao INL em 1938, registrada sob o nº 444<sup>42</sup>, passando a receber remessas de livros regulares que ampliaram o acervo da instituição. Na introdução do *Guia das Bibliotecas Brasileiras*, afirmava-se que havia bibliotecas públicas, semipúblicas e privadas associadas ao INL. Por mais que a lei

---

<sup>42</sup> A Sociedade teve ainda mais dois números de registro junto ao INL, o segundo em 1946, com o nº. 2356 e o último em 1953, quando recebeu o número de inscrição nº. 5613. Estas alterações de número de registro pelo que foi possível acompanhar na documentação foi uma sequência de descuido em relação à documentação enviada pela Sociedade de Leitura ao INL, que acabava gerando um novo número de registro, que depois gerava uma burocracia para a Sociedade de Leitura conseguir desativar o registro anterior. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

previsse a distribuição de livros somente às bibliotecas públicas, o INL criou pacotes de livros diferenciados para doar às bibliotecas afiliadas a ele. No caso das privadas, como a Sociedade de Leitura, o INL enviava somente livros publicados por ele. Já quanto à diferenciação entre públicas e semipúblicas não conseguimos encontrar, principalmente em virtude da inacessibilidade ao arquivo da Biblioteca Nacional (local onde se encontra a documentação do Instituto Nacional do Livro), pois estava em obras. Mas sabemos que o número de livros e frequência de envio era maior para às públicas em relação às semipúblicas, sendo às privadas era mandado um número mais restrito de obras e com uma baixa frequência de envios.

Em decorrência disso, a Sociedade de Leitura almejava, depois de 1942, tornar-se semipública<sup>43</sup>, assim, começou a descrever-se nos relatórios ao INL como tal. Mas em carta do diretor Augusto Meyer, de 21 de janeiro de 1946, a Sociedade ainda constava nos registros do INL como privada, tendo o direito de receber apenas as publicações oficiais do Ministério da Educação e da Saúde, em doações avulsas. Nesta mesma carta, Augusto Meyer afirma que para receber doações regulares a Sociedade deveria ser aberta ao público, para consultas em geral e leitura local, ou seja, a Sociedade necessitava de uma sala de leitura.

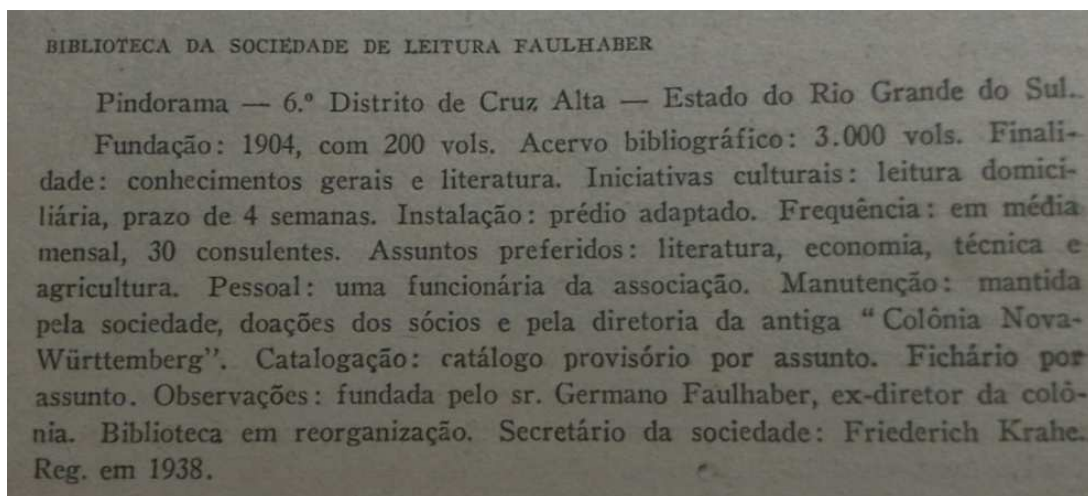
No *Guia das Bibliotecas Brasileiras*, publicado em 1942 e reeditado em 1944, com todas as bibliotecas registradas entre junho de 1938 e março de 1942, na página 303, está o registro da Sociedade de Leitura Faulhaber. O Guia Brasileiro dava visibilidade à Sociedade de Leitura, assim como, a todas as bibliotecas descritas neste, ao mesmo tempo em que fazia um mapa das instituições voltas à leitura e ao livro, ligadas ao INL. Possivelmente não foi o único Guia em que a Sociedade teve seus dados publicados, pois em 2 de maio de 1953 a Sociedade de Leitura recebeu a segunda carta da Secretaria Geral da União Pan-Americana, solicitando mais informações sobre a instituição, pois em breve seria lançado o guia das bibliotecas mais importantes da América Latina<sup>44</sup>. No entanto, não encontramos mais informações sobre este Guia, nem conseguimos localizar um exemplar do mesmo para verificarmos se a Sociedade de Leitura foi colocada na publicação daquele ano ou em edições posteriores.

---

<sup>43</sup> Cartas e relatórios de estatística da Sociedade de leitura. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>44</sup> Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

Figura 5 - Registro da Sociedade de leitura no INL



Fonte: Ministério da Educação e Saúde – Instituto Nacional do Livro, 1944, p. 303. Acervo da Biblioteca Rodolfo Garcia, da Academia Brasileira de Letras (ABL) – RJ.

No *Guia das Bibliotecas Brasileiras*, a Sociedade possui os seguintes dados: fundada em 1904, com um acervo de 3.000 livros na data do registro, consultada por 30 consulentes, tendo por fundador Germano Faulhaber. Chama atenção a data de fundação, 1904 e não 1903, que seria o correto, mas que de certa forma remete a fundação da Biblioteca e não da Sociedade de Leitura. O nome de Hermann Faulhaber está com grafia aportuguesada, como em uma das versões dos estatutos. Ainda nos chamou a atenção o baixo número de consulentes. Entre o período de 1938 a 1942, ou seja, entre a filiação da Sociedade de Leitura ao INL e o lançamento do *Guia das Bibliotecas Brasileiras*, a Sociedade passou por duas reorganizações do acervo, uma em 1939, conforme carta enviada ao INL em novembro do mesmo ano e depois do confisco de 1942, ocorrido entre janeiro e fevereiro deste ano. Por mais que o *Guia das Bibliotecas Brasileiras* mencione na introdução que os dados foram retirados dos Relatórios de Estatísticas e teve a data limite março de 1942, não temos certeza sobre qual reorganização o livro estava fazendo referência, se de 1939 ou a de 1942. Caso diga respeito à segunda data, estaria explicado o reduzido número de consulentes, como abordaremos no capítulo seguinte. Caso diga respeito ao ano de 1939, devemos considerar que a Sociedade de Leitura já estava com o baixo número de sócios e freqüentadores.

Em novembro de 1939, os primeiros 18 títulos enviados pelo INL foram acrescentados ao acervo da Sociedade, aumentando a literatura em língua portuguesa. Em 6 de novembro, o secretário da Sociedade de Leitura Walter Faulhaber escreveu uma carta ao INL, para agradecer a

remessa de livros e dizer que os mesmos chegaram em bom estado. Ainda afirmava que em anexo estava enviando o relatório solicitado pelo INL e explicava que no momento a instituição passava por reorganização e que voltaria a funcionar em 1º. de janeiro de 1940.

O Instituto Nacional do Livro detinha “funções de controle direto do governo sobre os livros que podiam ser legalmente publicados ou importados” (HALLEWELL, 2012, p. 438), mas ao não conseguir cumprir com esta designação, a mesma foi repassada ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), criado em 1939. Segundo Carneiro (2002), a censura estava admitida constitucionalmente após 1937 e oficializada na figura do DIP, que “atuava de forma a buscar a uniformização da informação, trabalho complementado pela ação dos investigadores da polícia política que, numa postura vigilante, saiam à caça dos “hereges” (CARNEIRO, 2002, p. 47).

Durante o Estado Novo (1937-1945), tanto o Departamento de Imprensa e Propaganda como o Departamento de Ordem Política e Social foram responsáveis por “atos de saneamento ideológico processados em diferentes categorias. Alimentava-se atitudes de delação, consideradas por muitos como um “ato de fé”, certos de estarem servindo a Nação em nome da Segurança Nacional” (CARNEIRO, 2014, p. 23). Estas delações algumas vezes partiam de outros imigrantes/descendentes devido a competições financeiras ou questões de desavenças pessoais. Os órgãos criados pelo governo estadonovista buscavam a homogeneidade em todos os níveis, regulamentando e controlando, para facilitar a dominação e o controle, como na maioria dos regimes autoritários (CARNEIRO, 2002).

Em busca de manter suas atividades, a Sociedade de Leitura foi registrada em 4 de outubro de 1939, no DOPS. Assim, Dr. Carlos Engler enviou a documentação necessária ao Departamento de Ordem Política e Social, na repartição central em Porto Alegre. A data da entrega da documentação foi considerada o dia do registro, o que nos leva a crer que não houve problemas com a documentação apresentada. A mesma data consta no Estatuto da Sociedade de Leitura Faulhaber.

O registro da Sociedade de Leitura no DOPS ocorreu depois do Decreto Lei nº 406, de maio de 1939, que dispõe sobre a entrada de estrangeiros no país. Nos artigos 85 a 87 encontramos a proibição do livro didático em língua estrangeira e publicação de jornais e revistas somente mediante permissão do Conselho de Imigração e Colonização e autorização e registro no Ministério da Justiça. Durante o governo Vargas (1930-1945) livros considerados perigosos

foram rastreados em todo o país (CARNEIRO, 2002). A fiscalização, proibição e confisco de materiais considerados subversivos levou à apreensão de muitos livros, como o que aconteceu com a Sociedade de Leitura. Por vezes, não foi somente a apreensão dos livros, mas também a destruição das obras, o que levou instituições a fecharem as portas. O fechamento da escola em 1939 determinou a transferência da Sociedade de Leitura para outro local, que no caso, foi o retorno a casa da família Faulhaber.



### 3. DO CONFISCO A CONSTRUÇÃO DA SEDE (1942 – 1963)

O ano de 1939 trouxe impactos no cotidiano da Colônia, pois a prisão do diretor da escola Elsenau, o genro de Maria, levou-o a deixar o país levando consigo a família, que recebeu a notícia da morte de Marie, em abril de 1939, pouco antes de embarcar para a Alemanha. A escola fechou e a Sociedade de Leitura foi realocada na casa da família Faulhaber, mas agora mediante pagamento de aluguel do espaço<sup>45</sup>. Com a morte de Hermann em 1926 e a de Marie em 1939, entrou em cena o protagonismo de Walter Faulhaber, filho do casal, à frente das ações de manutenção da Sociedade de Leitura. Em 1º. de janeiro de 1940, a Sociedade voltou a atender aos sócios, que novamente poderiam retirar os livros para realizar a leitura domiciliar. No entanto, isso ocorreu até início de 1942.

#### 3.1 A MEMÓRIA DO CONFISCO

No início do ano de 1942, a Sociedade de Leitura foi invadida e teve todo o seu acervo confiscado<sup>46</sup>. Este ato gerou indignação e sofrimento, traduzidos nas fontes documentais e no relato oral. Segundo Battles (2003, p. 187), a destruição de bibliotecas “é uma tentativa de eliminar qualquer evidência material – livros, documentos e obras de arte – que possam atestar às gerações futuras que pessoas de diferentes tradições étnicas e religiosas haviam compartilhado uma herança comum”.

A biblioteca, quando foi confiscada, estava alocada na residência que pertenceu a Marie e Hermann Faulhaber, na qual Walter Faulhaber passou a residir com a família. No dia do confisco, a bibliotecária Nilsa Höhle<sup>47</sup> estava sozinha, quando chegou o “agente de repressão no distrito, Sr. Armando Dill, escoltado por policiais e invadiram a biblioteca e começaram a carregar os

---

<sup>45</sup> Foram encontrados dois recibos de pagamento de aluguel, um de 1941 e outro não datado, assinados por Gertrud Faulhaber, irmã de Walter, filha mais nova do casal Marie e Hermann Faulhaber. Fundo da Sociedade de leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>46</sup> Em documento enviado ao INL, Walter Faulhaber afirma que o confisco ocorreu em fevereiro de 1942, já em relatório de aniversário dos 70 anos da instituição afirma-se que o fato aconteceu em janeiro de 1942. Em 28 de janeiro de 1942, o Brasil rompia as relações diplomáticas com a Alemanha e, entre os dias 15 e 18 de fevereiro, navios brasileiros já eram bombardeados por submarinos alemães. Como não sabemos a data específica, não sabemos como estes fatos influenciaram no confisco do acervo da Sociedade de Leitura.

<sup>47</sup> Nilsa, que na época era solteira e assinava seu sobrenome Hack, foi aluna da escola Elsenau, aluna de Marie, participou do Grupo de Leitura e foi bibliotecária até o ano de 1942.

livros no caminhão de carregar porcos” (BEUTER, 2010, p. 384). Sobre o ocorrido, Höhle (2014, s.p.) descreve:

Eu tava sozinha na biblioteca, quando os homens vieram e fecharam e tiraram todos os livros. Isso foi [silêncio]. Ainda estou sofrendo com isso. Tiravam os livros e levavam pra Cruz Alta. Mais tarde, acho que o pessoal se incomodou com isso e foi buscar os livros de novo.

A entrevista com Nilsa Höhle possibilita olhar o fato através da memória da bibliotecária, da sua dor e seu silêncio. Os silêncios muitas vezes falam mais que as próprias palavras, pois podem representar vergonha, medo, impotência, culpa e também uma forma de se proteger. É a dor que ainda permanece, mas que não quer ser verbalizada. Segundo Pollak (1989, p.6) “o silêncio tem razões bastante complexas. Para poder relatar seus sofrimentos uma pessoa precisa, antes de mais nada, encontrar uma escuta”.

Porém, o silêncio não significa esquecimento, pois as lágrimas demonstram que a dor está presente e, neste caso, o silêncio não está relacionado à falta de alguém para ouvir, mas ele nos diz que o rememorar da experiência ainda não foi superado e que não quer ser verbalizado. A impossibilidade do esquecimento é bem perceptível, pois já se passaram mais de setenta anos e a entrevistada demonstra pesar pelo confisco do acervo da Sociedade de Leitura. A memória da bibliotecária reflete o seu *sofrimento*, expresso em seu *silêncio*, em suas *lágrimas*, o que ela vivenciou com o ato do confisco e que revive cada vez que rememora o fato<sup>48</sup>.

No entanto, anterior ao depoimento da bibliotecária, havia outra fonte sobre o confisco, que em alguns momentos divergem do relato de Höhle. Na fonte manuscrita encontramos o texto da imigrante Gertrud Schmitt-Prym, sócia da Sociedade de Leitura e também bibliotecária em 1942. Não sabemos se este depoimento visava somente registrar o fato ou se tinha outra finalidade, mas descreve o encontro com autoridades locais (no caso, os políticos de Cruz Alta), no qual ela solicitou a devolução dos livros confiscados. Ela relatou que durante a conversa lhe foi prometido à devolução dos livros e documentos, o que acabou não acontecendo. Ainda no decorrer do texto ela afirmou que soube, anos mais tarde, que os livros, assim como milhares de outros provindos de outras ações de apreensão, foram vendidos pelo mesmo delegado para a Argentina.

---

<sup>48</sup>A experiência de Höhle foi descrita por outros autores locais em livros e jornais, mas sem a contextualização do período, levando a incitação ao rancor e ao ódio contra a cidade vizinha de Cruz Alta, a qual a Colônia pertencia na época e aos nacionais.

Beuter (2013) afirma que a exigência da devolução dos livros era referente à biblioteca particular de Gertrud. O autor também registra a memória local sobre o confisco, que é compartilhada por alguns moradores que não permitiram o registro de suas memórias, aos quais, no entanto, o autor teve acesso. Esta memória local afirma que muitos livros foram desviados para particulares em Cruz Alta, sendo o fato descoberto por Walter Faulhaber ao visitar uma pessoa conhecida na cidade, quando abriu um dos livros da biblioteca do indivíduo em questão e encontrou na obra o carimbo da Sociedade de Leitura. Beuter (2013) ainda afirma que um dos livros confiscados de Gertrud, que foi presente do seu pai e continha uma dedicatória especial para ela, teria sido descrito no conto *Teinaguá*, narrativa que compõe *Continente*, da trilogia *O Tempo e o Vento* de Érico Veríssimo. No entanto, não foram encontradas outras fontes que possam confirmar e/ou refutar tal afirmação. A mesma obra apresenta várias divergências em relação aos documentos referentes a outros fatos, como por exemplo, ao descrever o confisco do acervo da Sociedade de Leitura em 1939 e não em 1942.

Ao confrontar a memória de Nilsa com a carta de Gerturd, encontramos descrições distintas sobre os livros, pois se pensarmos que os livros foram colocados em um caminhão impróprio para o transporte, como afirma a bibliotecária, os mesmos provavelmente não teriam grande valor comercial em um mercado paralelo. Gertrud não faz menção ao transporte usado para levar os livros à Cruz Alta<sup>49</sup>. Ao mesmo tempo, a memória da bibliotecária não inviabiliza as afirmações de Gertrud.

Ao analisarmos as memórias: uma registrada em carta e outra em entrevista, devemos considerar que a seleção é uma das instâncias da memória, pois segundo Candau (2014) as falhas de memória, os esquecimentos e as lembranças carregadas de emoção são sempre vinculados a uma consciência que age no presente. Por mais que a memória de Nilsa tenha sido selecionada, não sabemos as intenções de Gertrud ao escrever a carta, bem como não sabemos quem eram estas autoridades, apenas que são políticos locais, que conheciam o caso, mas que segundo ela não tomaram providências. Sobre a falta de informações na carta, não sabemos se foi esquecimento ou proposital.

Na revista *Vida Policial*<sup>50</sup>, de 1944, na seção *Cortando as asas do nazismo*, consta uma reportagem sobre a apreensão de material descrito como subversivo. Nas 15 fotografias que

---

<sup>49</sup> Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>50</sup> Revista *Vida Policial*, seção “Cortando as asas do nazismo”, Porto Alegre, n. 69, de abril de 1944. Acervo do MAHP.

ilustram a reportagem aparecem livros, jornais, revistas, mapas, espingardas e fotografias de Hitler e a suástica. Na reportagem é descrita a grande apreensão que houve em Pindorama (antiga Colônia Neu-Württemberg) no ano de 1942, bem como na cidade de Ibirubá - RS (anteriormente General Osório). Na reportagem, os locais foram apresentados como de grande aceitação e práticas nazistas. No entanto, a mesma não se refere à Sociedade de Leitura, nem as fotos que ilustram a reportagem contemplariam o acervo total da instituição, pois são fotografias de pequenos acervos. A revista *Vida Policial* era publicada em Porto Alegre e circulou de agosto de 1938 até agosto de 1946. Segundo Fachel, (2002, p. 108) a revista “foi organizada pela polícia gaúcha com a consciência de que repressão e propaganda devem agir juntas no Estado Novo”. A revista, que era publicada pela Repartição Central de Polícia do Rio Grande do Sul, havia iniciado em fevereiro de 1942 uma série de reportagens demonstrando as ações da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS – RS) na repressão a atividades nazistas no estado. Estas reportagens eram publicadas na seção “Cortando as asas do nazismo” (LUCAS, 2014). Por mais que as apreensões tenham ocorrido em 1942, a reportagem somente foi publicada em abril de 1944.

No jornal *Diário Serrano* de Cruz Alta, de 19 de abril de 1942, em edição especial, em uma reportagem de seis páginas, descreve o crescimento econômico da antiga Colônia, remetendo à história inicial da fundação de Neu-Württemberg, com a escola e a biblioteca. Entretanto, no período em questão, ou seja, o ano de 1942, a educação era ofertada pelo Estado, através do Grupo Escolar, no prédio que pertenceu à escola particular que havia na Colônia, mas não se mencionou nada sobre a Sociedade de Leitura<sup>51</sup>. O texto enfatizou o grande número de empresas, mas apagou a existência da Sociedade de Leitura Faulhaber da história da antiga Colônia.

Com o confisco dos livros colocava-se fim a um acervo construído ao longo de 39 anos. A biblioteca da Sociedade de Leitura tinha ampliado seu acervo desde a fundação da Biblioteca em 1903, sendo o único momento em que diminuiu o número de obras foi em 1926, quando a Biblioteca que funcionava descentralizada passou a ser denominada Sociedade de Leitura, tendo os livros das bibliotecas ramais permanecido nas escolas. As memórias sobre o confisco da

---

<sup>51</sup> Na hemeroteca de Cruz Alta, que fica alocada na Casa de Cultura Justino Martins, não há jornais de janeiro e fevereiro de 1942 - Arquivo Municipal de Cruz Alta.

Sociedade de Leitura não mencionam se também foram levados pertences da família Faulhaber, haja visto que, na época do confisco, a instituição funcionava em sua residência.

A partir do confisco dos livros algumas medidas foram tomadas para manter a Sociedade de Leitura em funcionamento, colocando-se Walter Faulhaber à frente destas iniciativas. A primeira delas foi levar o fato ao conhecimento de Augusto Meyer, diretor do Instituto Nacional do Livro, que foram seguidas por troca de correspondência entre ambos, que por vezes foram cartas institucionais, nas quais ambos discriminavam suas funções, mas também ocorreu cartas pessoais, mas falando sobre assuntos ligados à instituição. A outra medida foi buscar recursos para comprar livros e materiais básicos para o funcionamento da instituição, sendo a Conferência de Ângelo Cibela a ação que mais obteve resultados, como veremos a seguir.

### 3.2 AÇÕES DE REESTRUTURAÇÃO

Augusto Meyer era descendente de imigrantes alemães, nascido em Porto Alegre em 24 de janeiro de 1902. Foi no *Grupo da Livraria do Globo*, como ficaram conhecidos os intelectuais que lá se reuniam, em Porto Alegre, onde conheceu Getúlio Vargas, que lhe nomeou diretor da Biblioteca Pública Estadual, em 1930, cargo que exerceu até 1937, ano em que se transferiu para o Rio de Janeiro, para assumir a direção do Instituto Nacional do Livro. De 1937 a 1954, assim como de 1961 a 1967, Augusto Meyer esteve a frente da direção do Instituto Nacional do Livro (HALLEWELL, 2012).

Foi em correspondências trocadas com Walter Faulhaber, que o então diretor do INL aconselhou o não fechamento da Sociedade de Leitura, sendo que para tal, em sinal de boa vontade, o INL enviou uma remessa de livros para a Sociedade de Leitura<sup>52</sup>. Assim a história da Sociedade de Leitura encontrou seu algoz nas ações do governo Vargas, mas também, por meio de um membro do mesmo governo, encontrou apoio para seu recomeço. No entanto, estas ações mudaram a configuração do acervo, inserindo os títulos em português. Na documentação investigada não encontramos indícios de que Walter Faulhaber e Augusto Meyer se conhecessem ou que mantivessem algum tipo de relação prévia a estes contatos. Sobre a ação de Augusto Meyer mandar livros do INL para a Sociedade de Leitura não sabemos a real motivação: se vinha

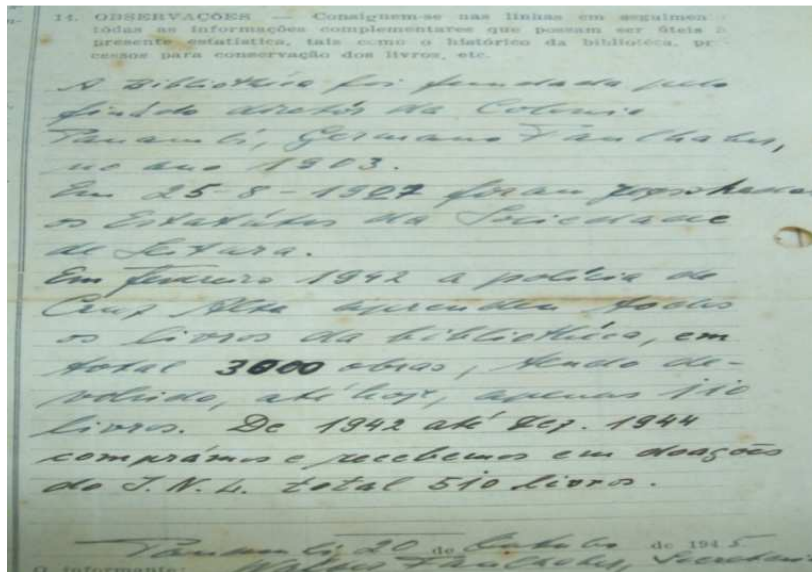
---

<sup>52</sup>O conselho de Meyer é citado em relatórios e na carta que Faulhaber envia em 1943 a Augusto Meyer. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

ao encontro de sua atuação a frente do INL, que tinha o objetivo de fundar bibliotecas (e, ao ver uma biblioteca que recebia livros do INL, desde 1939, ser fechada, quisesse mantê-la funcionando) ou se questões étnicas influenciaram, já que a biblioteca era de imigrantes/descendentes alemães e Augusto Meyer também era descendente de imigrantes alemães. Consideramos que uma não invalida a outra, e que podem ter se somado para influenciar Meyer em sua decisão. Outra questão a ser levada em conta diz respeito à forma como Augusto Meyer recebeu a informação sobre o confisco, que possivelmente tenha sido através do formulário de estatística mensal do INL. Desta maneira, o envio dos livros seria resultado de uma ação de manutenção de uma biblioteca conveniada ao INL e não como resposta a um pedido pessoal de Faulhaber<sup>53</sup>.

Nestes formulários deveriam constar todas as ações ocorridas na biblioteca conveniada. O formulário era composto por questões objetivas, mas havia um espaço para observações, como podemos ver na Figura 6

Figura 6 - Formulário de Estatística do INL



Fonte: Formulário referente aos dados de 1944, enviado em 1945 ao INL. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo MAHP

<sup>53</sup> A documentação do Instituto Nacional do Livro está na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Esta documentação não foi possível acessar, pois o acervo estava indisponível para pesquisa, devido a obras no local. A documentação do INL que tivemos acesso são as cópias que o MAHP possui, alguns documentos, também cópias, foram encontrados no CPDOC – RJ. Já no acervo da Academia Brasileira de Letras - Fundo Augusto Meyer e na Casa Rui Barbosa – Fundo Augusto Meyer, ambas no Rio de Janeiro foram encontrados documentos relativos a Augusto Meyer.

Neste formulário (Figura 6), Walther Faulhaber registrou nas observações as informações sobre a apreensão da biblioteca, ocorrida em fevereiro de 1942. Afirmava que foram levados três mil livros e destes haviam retornado apenas 110. Entre o período de 1942 a 1944 a biblioteca funcionou com 510 livros, sendo que os mesmos foram comprados ou recebidos do INL. O número de livros que integravam o acervo em 1942 é o mesmo descrito em setembro de 1909, na reportagem do jornal *O Independente*, como já mencionamos inicialmente. Por mais que a Biblioteca funcionasse descentralizada até 1926, e que em 1927 o acervo da Sociedade de Leitura tenha iniciado com os livros que estavam na escola Elsenau, temos que considerar que, em 1932, a Sociedade de Leitura recebeu a doação de 2.500 livros da família de Hermann Meyer, que havia falecido. Por mais que houvesse o desgaste dos livros, devido ao manuseio, o número de livros confiscados informado ao INL não fecha com o número de livros que havia na biblioteca.

Em carta de 19 de junho de 1943, Walter Faulhaber agradeceu a remessa de livros, ao mesmo tempo em que explicava a situação da instituição naquela data, não sem antes relembrar que a Sociedade havia sofrido uma interrupção devido a ação policial em 1942, que apreendeu todos os livros, documentos, fichas, sob alegação de que iriam examinar os mesmos. Desta apreensão alguns livros foram devolvidos e, somando-se as doações do INL, foi reformulado um catálogo provisório da instituição, o qual Walter afirmou estar enviando duas cópias ao INL. Assim, o secretário explicitava o reduzido número de livros e pedia uma nova remessa que deveriam atender às necessidades da Sociedade de Leitura, que seriam os assuntos 6, 8 e 9 (respectivamente religião, artes e filosofia), como assinalados no catálogo enviado.

Em outra carta, de 3 de agosto de 1946, Walter Faulhaber solicitava a Augusto Meyer informações sobre a permissão do Estado em relação aos livros em alemão, com o seguinte teor:

Há quatro anos que estou exercendo o cargo de secretário da sociedade de leitura e, simultaneamente, o de bibliotecário. Nossa biblioteca possui agora 850 livros em língua portuguesa, 90 em alemão e 50 em francês, aproximadamente, achando-se em franco desenvolvimento.

Nos formulários de Estatística que mando mensalmente, devidamente preenchidos, ao I.N.L. existe também a pergunta referente às consultas de livros em idioma alemão. Em face de existência desta pergunta, até hoje, não hesitei em deixar consultar livros em idioma alemão. Temos, entre os 100 sócios da nossa sociedade, aproximadamente 15 estrangeiros, de nacionalidade alemã que gostam de ler romances em idioma alemão. Desejo agir sempre dentro da lei e, por isso, rogo a V<sup>a</sup>. Sia. ter a gentileza de informar-me, se é permitida a uma biblioteca como a nossa, a propriedade de livros em idioma alemão e se os mesmos podem ser consultados pelos nossos leitores.

Numa verdadeira democracia, na qual reina liberdade, igualdade e justiça para todos os cidadãos, talvez, a minha pergunta pareça um tanto supérflua, mas, desejo ter certeza.<sup>54</sup>

Nesta carta, Walter Faulhaber não usou o nome da Sociedade de Leitura, escreveu em nome próprio. Outrossim, a missiva não tinha o INL como remetente, e sim Augusto Meyer, não deixando de manter a forma de tratamento respeitoso e formal, sem demonstrar intimidade, algo própria e usual da época. Mesmo que Augusto Meyer e Walter Faulhaber tivessem alguma proximidade ou familiaridade, devemos considerar que ainda havia tensões em decorrências das ações governamentais sofridas pelos imigrantes/descendentes durante o Estado Novo de Vargas, sendo assim, era melhor não demonstrar proximidade, se é que havia.

Outra ação que refletiu na reestruturação da Sociedade de Leitura foi a Conferência realizada pelo jornalista Ângelo Cibela<sup>55</sup>, em 8 de setembro de 1943. Este jornalista contribuiu para vários jornais, entre eles o jornal *Correio de Aracaju*, bem como para a *Revista de Garanhuns*, foi editor da revista *A Economista* e colaborou no livro *Um nome, uma vida, uma obra*, juntamente com Dilermando de Assis, que trata do assassinato de Euclides da Cunha e seu filho<sup>56</sup>. A conferência em Panambi, distrito de Cruz Alta, motivou arrecadações em benefício da Sociedade de Leitura, sendo que o próprio Cibela doou o maior valor, como vemos na Tabela 1 abaixo<sup>57</sup>:

<sup>54</sup>Cópia da carta enviada a Augusto Meyer, por Walter Faulhaber. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>55</sup> Ângelo Cibela é mencionado em blogs que recuperam a história local, disponíveis em: <[http://www.anchietagueiros.com/2014\\_09\\_01\\_archive.html](http://www.anchietagueiros.com/2014_09_01_archive.html)>, ou <<http://lampiaoaceso.blogspot.com.br/2011/06/maria-bonita.html>> ou ainda <<http://catafau.blogspot.com.br/2013/04/so-para-quem-gosta-de-sobral.html>>. Acessados em: 15 jan. 2017. Também encontramos sobre Cibela em CARVALHO, Marta; FERRO, Maria. A expansão da escola primária no Piauí-Brasil (1930-1961): fontes Alternativas (livros, almanaques, revistas e periódicos). Disponível em: <<http://sis.ufpi.br/22sic/Documentos/RESUMOS/Modalidade/Humanas/MARTA%20SUSANY%20MOURA%20CARVALHO.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2017, resumo que cita: CIBELA, Ângelo. *A Economista*. Recife, 5º ano, 1938. Ainda encontramos referências em: NASCIMENTO, Luiz. História da Imprensa de Pernambuco (1821-1954) Vol. III. Diários de Recife. S. L: Imprensa Universitária – Universidade Federal de Pernambuco. 1967. Disponível em: <[http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia\\_da\\_imprensa\\_v03.pdf](http://www.fundaj.gov.br/geral/200anosdaimprensa/historia_da_imprensa_v03.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2017.

<sup>56</sup>Dilermando de Assis foi amante de Ana, esposa de Euclides da Cunha. A obra *Um nome, uma vida, uma obra* é uma sequência de *A Tragédia da Piedade*, a qual é uma autodefesa e resposta ao livro *A Vida Dramática de Euclides da Cunha*, de Eloi Pontes. Neste livro Dilermando analisa todas as provas periciais dos autos de sua acusação, nos dois homicídios envolvendo os Cunha (pai e filho). Mais sobre o tema em: Del Priory, Mary. *Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

<sup>57</sup>Dos contribuintes identificados, quinze deles eram sócios em outubro de 1942, quando a Sociedade de Leitura voltou as atividades.



Tabela 1 - Lista de contribuintes na Conferência de Cibela.

<b>Contribuinte</b>	<b>Valor</b>	<b>Contribuinte</b>	<b>Valor</b>	<b>Contribuinte</b>	<b>Valor</b>
Ângelo Cibella	50,00	Armando Dill	10,00	D. Elma Winkler	10,00
Flavio Castro	20,00	Constantino Villeroy	10,00	Geraldo Hartmann	10,00
Edmund Hartmann	20,00	Walter Schneider	10,00	Norberto Leonhardt	10,00
Dr. Lothario Doern	40,00	Bruno Knorr	10,00	Delmar Lasch	10,00
Walter Faulhaber	20,00	Egen Knorr	10,00	Elimar Weyrich	10,00
Erich Korndoerfer	20,00	Erneste Reusbh	10,00	Adolfo Franke	20,00
Carlos Jaco	10,00	Oscar Fetter	10,00	Pastor Dreher	20,00
Ivo Meister	10,00	Alberto Amann	10,00	Carlos Hisserich	10,00
Harry Franke	10,00	Conrado Doeth	10,00	Fritz Lehsten	20,00
Rudi Franke	10,00	Dr. A. Lieberknecht	10,00	Wolfi Hartmann	20,00
Ernesto Kepler	10,00	B. Hartung	10,00	D. Lourdes	10,00
Otto Kepler	10,00	Hans Phillip	10,00	Oscar Schneider	10,00
Walter Kepler	10,00	B. Coelho	10,00	Line Fischer	10,00
Mario Zagoutegue	10,00	Adie A. Malheiros	10,00	W. Schmidt-Pryn	10,00
Otto Berndoerfer	10,00	Pastor Matschulatt	10,00	Diversos	70,00
Neco Bacher	10,00	Affonso Schüssler	10,00	Otto Weber	20,00
Eugen Franke	10,00	D. Rosa Martins	10,00	Reinoldo Fischer	10,00
Rodolfo Koch	10,00	D. Nair Lyrio	10,00	Affonso Borchardt	10,00
Ramon Pacheco	10,00	D. Candida	10,00	Henrique Hartemink	10,00
Pedro Silva	10,00	Otto Reich	10,00	Contribuintes na caixa de entrada	190,00
<b>Total arrecadado</b>			<b>Cr\$: 1.000,00</b>		

Fonte: Lista dos doadores e respectivos valores. Grafia dos nomes mantida conforme o documento. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo MAHP.

Walter Faulhaber, em carta enviada ao jornal *Diário Serrano*, de Cruz Alta – RS, em 11 de setembro de 1943, reclamava retificação da reportagem do dia anterior que registrou a Conferência realizada por Ângelo Cibela. Segundo Faulhaber, a Conferência estava relacionada

aos festejos da semana da pátria e Cibela teve a gentileza de realizar a conferência em benefício da Sociedade de Leitura. No entanto, a reportagem falava da biblioteca particular do solicitante, o que poderia dar motivo para outras interpretações que pudessem comprometer o secretário da Sociedade de Leitura, em vez de falar sobre a instituição que visava a atividade coletiva, sendo a arrecadação em prol da Sociedade e não em benefício particular<sup>58</sup>.

Ainda sobre a Conferência não temos informações sobre a temática abordada, bem como não sabemos por que Cibela estava na antiga Colônia ou de quem partiu a iniciativa de convidá-lo. Os documentos referentes à Conferência relatam apenas os contribuintes que doaram maior valor, pois tiveram seus nomes registrados em uma lista, diferente dos que doaram valores mais ínfimos, que tiveram suas contribuições somadas nos itens *diversos* ou *contribuições na caixa da porta* (Tabela 1), não ficando seus nomes registrados como contribuintes. Ao observarmos os dados, constatamos cinquenta e oito contribuintes, sendo que a maior contribuição veio do conferencista, Ângelo Cibela; dos contribuintes, sete eram mulheres, bem como foram identificados quinze sócios da Sociedade de Leitura; ainda contabiliza-se o item *diversos* e a caixa de entrada, que foram contribuições não identificadas.

Sobre Ângelo Cibela, apuramos que juntamente com um grupo de intelectuais, formado por Dr. Júlio Costamilan Rosa, juiz da comarca, os advogados Américo Godoy Ilha e Olympio Zanin, e o sociólogo Rúbio Brasileiro, fundaram a Biblioteca Municipal de Erechim – RS (cidade a 200 km aproximadamente da antiga Colônia), no ano seguinte à conferência em Panambi, em 1944. A fundação desta biblioteca partiu dos anseios deste grupo que aspirava criar um local que proporcionasse a leitura à comunidade. Assim organizaram o “Baile do Livro”, cujo ingresso era a doação de um livro. Ainda foi acrescida ao acervo inicial a doação de uma caixa de livros da Biblioteca Pública do Rio Grande do Sul. Ângelo Cibela foi quem nomeou a instituição como Biblioteca Pública Humberto Campos<sup>59</sup>.

As ações de reestruturação que contaram com o apoio dos agentes externos Augusto Meyer e Ângelo Cibela foram importantes para a manutenção da Sociedade de Leitura. Enquanto

---

<sup>58</sup>Carta enviada por Walter Faulhaber ao Jornal Diário Serrano. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>59</sup>Humberto de Campos foi jornalista, crítico, contista e memorialista. Nasceu em Miritiba, atualmente cidade de Humberto de Campos, no Maranhão, em 25/10/1886, e faleceu no Rio de Janeiro, em 5/12/1934. Ocupou a cadeira 20 na Academia Brasileira de Letras. Foi deputado federal pelo Maranhão em 1920 e diretor da Casa Rui Barbosa. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D221/biografia>>. Acesso em 16 jan. 2017. Atualmente a biblioteca possui o nome de Biblioteca Pública Municipal Dr. Gladstone Osório Mársico de Erechim. Requerimento 062/2013 da Câmara Municipal de Erechim. Disponível em: <[http://sapl.erechim.rs.leg.br/sapl\\_documentos/materia/729\\_texto\\_integral](http://sapl.erechim.rs.leg.br/sapl_documentos/materia/729_texto_integral)> Acesso em: 15 agot. 2016.

a Conferência realizada por Cibela permitiu o aumento do acervo e sua manutenção por certo período (como demonstra os recibos arquivados na Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber e no acervo do MAHP), o conselho de Augusto Meyer a Walter Faulhaber, de não fechar a Sociedade somando-se a doação de livros em nome do INL, permitiu que a Sociedade de Leitura não fechasse as portas. Desta maneira, ficaram amenizadas as marcas deixadas pelas ações do Estado Novo, pois os documentos produzidos depois de 1942 lembram a atitude de Meyer como um ato de boa vontade<sup>60</sup>.

Os documentos, tanto da época do confisco como posteriores ao fato, sempre colocam que a decisão em manter a Sociedade de Leitura funcionando ocorreu devido ao conselho de Augusto Meyer. Se a única motivação foi esta, não temos certeza, mas podemos perceber que ao afirmar que o pedido em manter a Sociedade funcionando veio de Augusto Meyer, diretor de um órgão do governo, e ainda, amigo do presidente Vargas, concluímos que isto levava as autoridades locais a terem cuidado com ações futuras contra a Sociedade de Leitura. A responsabilidade foi retirada da instituição e colocada em um órgão federal. Assim, no cartaz que informava os horários de funcionamento da Sociedade, bem como os órgãos governamentais aos quais ela era afiliada e registrada, foi colocado o seguinte texto: “Visto. Não poderão ser colecionados e nem distribuídos livros nas línguas do “Eixo” totalitário”. O texto é de 8 de maio de 1943 e possui o carimbo da Sub-Delegacia de Polícia do 6º Distrito de Cruz Alta. Assim, a retomada das atividades da Sociedade foi permitida pela Polícia local, mas com restrições, como era de se esperar<sup>61</sup>.

---

<sup>60</sup>Relatórios institucionais dos anos de 1963 e 1974. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>61</sup>Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP

Figura 7 - Cartaz de aviso da Sociedade de Leitura



Fonte: Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP

O cartaz refere-se à biblioteca da Sociedade de Leitura como fundada em 1903 e informa sobre o horário de funcionamento, ou seja, somente aos sábados a tarde, com um horário relativamente curto, de 2 horas. Ao falar da sede, o cartaz remete à casa da família Faulhaber, local onde a biblioteca estava alocada. O carimbo da subdelegacia demonstrava aos que a instituição possuía o aval oficial para o funcionamento, contanto que seguisse as restrições apontadas.

### 3.3 OS SÓCIOS

Depois do confisco do acervo da Sociedade de Leitura no início de 1942, a biblioteca da instituição voltou a atender aos sócios em 11 de outubro do mesmo ano. Na documentação da instituição em momento algum a mesma foi declarada fechada, apenas afirmava-se que estava passando por reorganização. Sobre os sócios anteriores à apreensão dos livros, bem como de toda a documentação da Sociedade antes de 1942, não temos informações, mas em outubro do mesmo ano, quando a biblioteca voltou a funcionar, contabilizavam-se trinta e oito sócios (Quadro 1).

Quadro 1- Os sócios da reestruturação

<b>Sócios em outubro de 1942</b>	
1- Edmund Hartmann -	20 – Otto Kepler
2- Wilhelm Schmitt - Prym	21 – Rodolfo Koch
3- Dr. Lothario Doern	22 – Rudi Franke
4 -Pastor Dreher	23 – Elsa Aman
5 - Walter Faulhaber	24 – Pedro Luiz da Silva
6- Wolfgang Hartmann	25 – Arnaldo Krambech
7 - Norbert Christamann	26 – Orlando Schmidt Almeida
8 - Gerhardt Hartmann	27 - Erich Koendoerfer
9 - ??? Fischer	28 - Gertrudes Klemen
10 - Ivone Kreis	29 - Rosa Martins – Diretora Grupo Escolar
11 - Amando Santer	30 - Pfluger Hempe
12 - Mario	31 – Herry Franke
13 - Carlos Franke	32 - D. Juvira Bacher
14 - Oscar Schneider	33 - Alsino Schneider
15 - Norbert Lenhardt	34 - Aracy Schuler
16 - Lisette Kreiser	35 - Rodolfo Graser
17 - Margarida Flad	36 - Lindolfo Fensterseifer
18 - Otto Weiser	37 - Adolfo Franke
19 - Lula Kelsner	38 - Francisco Hemesath

Fonte: Livro de controle dos Sócios. Grafia dos nomes mantida conforme o documento. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

Conforme o relatório do presidente Otto Kepler, em 14 de dezembro de 1946, apenas vinte eram sócios efetivos, com um acervo a disposição que contava com 110 livros no reinício das atividades, em outubro de 1942. Estas informações também foram encontradas no relatório de 1974, alusivo aos 70 anos da instituição, no qual relata que os sócios efetivos eram 21, que usufruíam de 165 livros que compunham o acervo, em dezembro de 1942. Otto Kepler foi presidente da Sociedade de Leitura entre 1942 e 1947. Já o relatório de 1974 foi feito pelo presidente Wilhelm Schmitt-Prym, que estava na administração desde 1963. Ambos foram sócios

na época da reestruturação em 1942, como vemos no Quadro1 (assinalados em verde). Ainda sobre os sócios desta fase de reestruturação, Otto Kepler, presidente da Sociedade em 1946, afirmava no relatório anual:

É deveres digno de nota a coragem e a perseverança de alguns sócios da nossa entidade que, procurando conservar esta obra cultural, intimamente ligada à história de Nova-Württemberg, tiveram o ânimo de começar, mesmo em época difícil e com meios escassos, a reconstruir a nossa biblioteca com o triste e reduzido número de livros que se conseguiu salvar das mãos de agentes policiais que, infelizmente, não estavam a altura de compreender o alto valor cultural e educativo duma biblioteca<sup>62</sup>.

Entre os sócios deste período temos Rosa Martins (Quadro 1, assinalada em azul), Diretora do Grupo Escolar, escola pública onde os descendentes de imigrantes de baixa renda e nacionais estudavam, na antiga Colônia de Neu-Württemberg. Foi para esta escola que muitos alunos se dirigiram, quando a escola Elsenau foi fechada em 1939, momento em que o acervo da Sociedade de Leitura foi transferido da escola para a residência dos Faulhaber. Rosa Martins recebeu descrição de sua função, no caso, diretora do Grupo Escolar, no livro dos sócios, diferente de todos os demais inscritos. Dentro do sistema de nacionalização, designavam-se agentes fiscais para as instituições de ensino consideradas suspeitas, para exercer uma vigilância preventiva (NEUMANN, 2015). As escolas estavam sob vigilância e Rosa possivelmente era uma destas agentes, pois ela era diretora da escola, cargo ao qual foi designada pelo governo. Ela tornou-se sócia da Sociedade de Leitura em dezembro de 1942 e permaneceu como sócia em 1943, bem como fez doação na Conferência de Ângelo Cibela. O nome de Rosa foi acompanhado de uma descrição sobre quem era, o que pode reforçar a hipótese de que ela estava a serviço do governo, pois a equipe diretiva da Sociedade ao assinalar o nome da diretora demonstrou receio quanto a ela e suas intenções.

A partir da reestruturação da Sociedade de Leitura o número de livros aumentou ano a ano, enquanto o número de sócios sofreu aumento significativo do ano de 1942 para o ano de 1946, período em que passou de 21 associados para 107. Nos demais anos, manteve-se estabilizado, com posterior aumento significativo em 1962, quando a Sociedade de Leitura passou a contar com 142 associados e com um acervo de quase cinco mil livros, e novo aumento ocorreu em 1963, ano da inauguração da sede, quando a Sociedade passou a ter 156 sócios, como apresentamos na Tabela 2.

---

<sup>62</sup> Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

Tabela 2- Números da Sociedade de Leitura

<b>Ano</b>	<b>Nº de Sócios</b>	<b>Livros Catalogados</b>	<b>Empréstimos a domicílio</b>	<b>Presidente</b>	<b>Bibliotecários</b>
1942	21	165	Não consta	Otto Kepler	Nilsa Hack e Gertrud Schmitt-Prym
1943	45	396	Não consta	Otto Kepler	Aracy Schüler e Gertrud Schmitt-Prym
1944	63	620	1940	Otto Kepler	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber
1945	61	703	2023	Otto Kepler	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber
1946	107	1021	2753	Otto Kepler	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber
1947	105	1276	2874	Otto Kepler	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber
1948	100	1508	3909	Prof. O. Lange	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber e Prof. O. Lange
1949	105	1761	3900	Prof. O. Lange	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber e Prof. O. Lange
1950	106	2025	3837	Prof. O. Lange	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber e Prof. O. Lange
1951	120	2146	4051	Bruno Prass	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber e Prof. O. Lange
1952	123	2411	4322	Bruno Prass	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber e Prof. O. Lange
1953	118	2649	4176	Bruno Prass	Aracy Schüler e Sigrid Faulhaber e Prof. O. Lange
1954	129	2942	5988	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne
1955	116	3146	6211	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne
1956	124	3439	7421	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne
1957	122	3706	7117	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne
1958	116	3894	7097	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne
1959	117	4212	6721	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne
1960	115	4368	9111	Bruno Prass	Sigrid Faulhaber, Lili, Frida Werne

1961	119	4598	9055	Bruno Prass	Lili Pinz, Hild. Lange
1962	142	4968	9797	Bruno Prass	Lili Pinz, Hild. Lange e Edit Kopp
1963	156	5196	8450	W. Schmitt- Prym	Lili Pinz, Hild. Lange e Edit Kopp

Fonte: Relatório anual do Presidente em 1974. Grafia dos nomes mantida conforme o documento - Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo MAHP.

O cargo de presidente da Sociedade de Leitura entre os anos de 1942 a 1963 foi ocupado por apenas quatro pessoas. Já em relação aos bibliotecários, em 1942, temos Nilsa Hack (que com o casamento tornou-se Höhle) e Gertrud Schmitt-Pryim, ambas protagonistas da memória do confisco do acervo da Sociedade de Leitura. Em suas memórias, Nilsa Höhle afirma ter trabalhado de forma voluntária na Sociedade, no entanto no livro de contabilidade da instituição, no ano de 1942, consta a designação dos dividendos da bibliotecária Nilsa, sendo alias o último ano que trabalhou instituição. Não sabemos se nos anos anteriores a 1942 Nilsa recebeu por seu trabalho, devido a falta de documentação. Gertrud consta como bibliotecária apenas nos anos de 1942 e 1943, não retornando nem mesmo quando seu marido assumiu a presidência da Sociedade de Leitura em 1963. Sigrid Faulhaber, esposa de Walter Faulhaber, trabalhou na instituição de 1944 até o ano de 1960. No relatório comemorativo aos 70 anos da instituição, foram homenageadas algumas bibliotecárias que trabalharam de forma voluntária, mas não foram citados os nomes de Nilsa ou Gertrud.

O acervo foi ampliado a cada ano, como demonstra a Tabela 2, considerando apenas os livros catalogados, pois havia também livros não catalogados, como mencionou os relatórios de 1946 e de 1974. Na documentação apurada não encontramos explicações para os livros não catalogados, mas levantamos a hipótese de doações e compras realizadas no final do ano, período em que eram gerados os relatórios do presidente ou de estatística do INL, ou ainda como aconteceu em 5 de dezembro de 1956, quando o Instituto Beneficente e Genealógico Frederico Mentz<sup>63</sup>, de Porto Alegre, enviou uma carta com a lista de livros que estava devolvendo a

<sup>63</sup> O instituto foi idealizado como uma fundação de caridade que se tornou um espaço de pesquisas genealógicas e que começou seu acervo com Frederico Mentz (1867–1931) colecionando jornais. O instituto teve vários nomes: inicialmente Fundação Frederico Mentz, depois Instituto Beneficente e Genealógico Frederico Mentz e por fim Instituto Benno Mentz. O instituto funcionou até 1970. Atualmente o Acervo Benno Mentz encontra-se no DELFOS - Espaço de Documentação e Memória Cultural Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.



Sociedade de Leitura. Seis dias depois os livros foram enviados, com uma segunda carta, na qual consta:

Atendendo seu pedido verbal, por ocasião de sua visita em março do ano fluente, temos a satisfação de remeter a V. Sa. os livros do Schulverein Neu-Württemberg que foram retirados pelo nosso orientador Dr. Albano Volkmer, da Casa de Correção, desta Capital para evitar quaisquer estrago ou danos dessas preciosas obras, e entregues aos cuidados de nosso Instituto<sup>64</sup>

Com a devolução, eram mais 52 livros que voltaram a integrar o acervo da Sociedade de leitura, livros estes confiscados no início de 1942. Segundo Walter Faulhaber, 3.000 livros foram confiscados em 1942, sendo que destes foram devolvidos apenas 110 até outubro de 1945. Estes 52 livros, devolvidos em 1956, eram todos em alemão e a maior parte deles pertencentes a Coleção Meyers Klassiker-Ausgaben, uma edição dos clássicos da literatura, publicados pela Bibliographischen Institut, que pertencia a família de Herrmann Meyer, fundador da Colônia de Neu-Württemberg. Walter ao visitar o Instituto Beneficente e Genealógico Frederico Mentz, em Porto Alegre, solicitou a devolução dos livros que pertenciam a Sociedade de Leitura. Já os responsáveis pelo Instituto afirmam que os livros foram retirados da Casa de Correção<sup>65</sup>, para evitar estragos. Não se menciona como Dr. Albano Volkmer, responsável por retirar os livros conseguiu fazê-lo, apenas é descrita a sua boa vontade de preservar os livros.

A partir deste documento de devolução dos livros confiscados em 1942, encontramos um novo paradeiro para as obras da Sociedade de Leitura. Até então se mencionava que os livros estariam em Cruz Alta, com indivíduos que se beneficiaram com a apreensão. Citava-se, também, a possibilidade de que parte dos livros tenham sido levados à Argentina, para serem vendidos em um mercado paralelo, de obras raras, mas não se mencionava a possibilidade de estarem em Porto Alegre. No entanto, dos 3.000 livros confiscados, foram reintegrados ao acervo da Sociedade apenas 162 obras. Não sabemos, em virtude da escassez documental, se havia mais livros da Sociedade de Leitura na Casa de Correção.

Ainda sobre a questão de ampliação do acervo, percebemos que desde 1942 o número de obras estava em crescimento, por mais que em 1959 a Sociedade de Leitura tenha doado 40 livros

---

<sup>64</sup>Carta do Instituto Beneficente e Genealógico Frederico Mentz dirigida a Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>65</sup>A Casa de Correção de Porto Alegre, também conhecida por Cadeia Civil, foi inaugurada em 1855 e implodida em 1962, no governo de Leonel Brizola.

do seu acervo para a Biblioteca Popular Hermann Steiger, da Linha Ocearu, localidade do interior de Panambi. Dentre os livros doados, havia 5 revistas, sendo 3 em alemão. Quanto aos livros, eram em grande maioria de literatura, pelo que se pode perceber pelos títulos. Consta este único documento, assinado pelo secretário da biblioteca de Ocearu Geraldo Wagner, não havendo explicações no relatório do presidente Bruno Prass, sobre a motivação da doação dos livros e revistas ou critério de seleção para a escolha destas obras, ou qualquer outro documento.

Quanto ao número de empréstimos a domicílio, não temos dados referentes a 1942/43, mas percebemos que se manteve em ascensão, com pequenas oscilações, com apenas duas baixas significativas, uma em 1959, quando houve uma diminuição entorno de 5,25% e outra em 1963, sendo esta a maior, de 13%. A diminuição apontada é sempre em comparação ao ano anterior<sup>66</sup>. Por mais que em 1963, por exemplo, tenham diminuído os empréstimos a domicílio, devemos considerar que foram 8.450 livros retirados, de um total de 5.196 livros catalogados a disposição de 156 sócios, o que nos leva a uma média de 54 livros por sócio. Os aumentos e oscilações de retirada dos livros entre os anos de 1942 a 1963 está melhor explicitado no Gráfico 1.

Gráfico 1- Livros retirados entre 1942 -1963



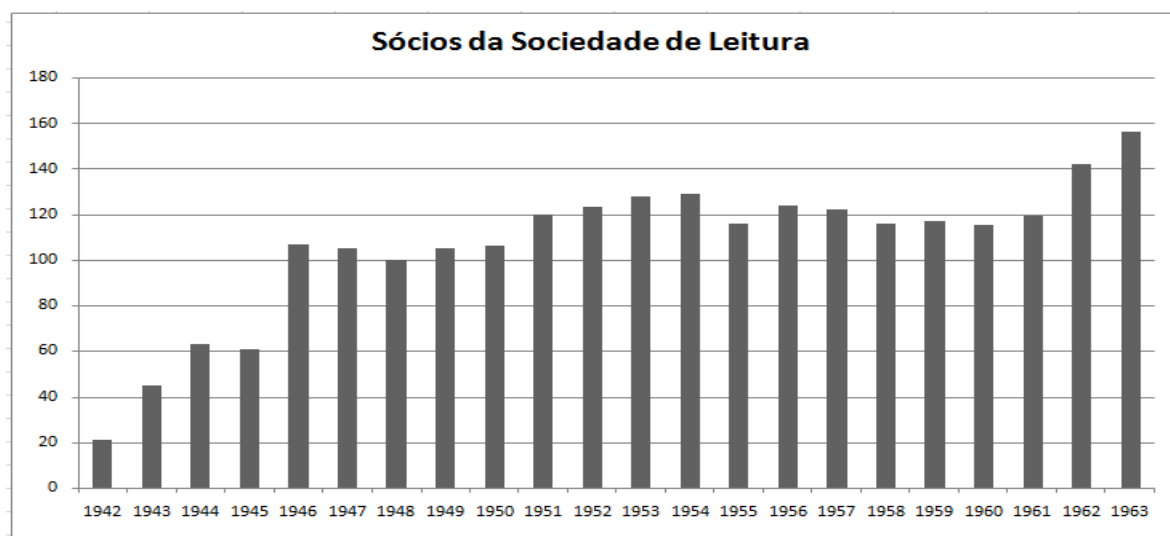
Fonte: Sistematizado a partir dos relatórios de estatística da Sociedade de Leitura- Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo MAHP

<sup>66</sup>Nestes anos em questão, temos o término da administração de Walter Faulhaber a frente a prefeitura de Panambi, candidatura 1954-1959, e em 1963 ocorreu a inauguração da sede da Sociedade de Leitura, mas não sabemos se estes fatos influenciaram na retirada dos livros pelos sócios, ou melhor, a não retirada dos livros para leitura domiciliar.

Em 1947 foi realizada uma solicitação aos sócios para que cada um realizasse a doação de pelo menos um livro para ampliar o acervo da Sociedade de Leitura, em especial de livros em língua alemã. Segundo o relatório do presidente Otto Kepler, o número de livros em alemão – 105 títulos, em 1947, num acervo de 1.276 obras – não supria as necessidades dos leitores. Neste ano foram realizados 2.874 empréstimos a domicílio.

A preocupação demonstrada nos documentos quanto o número de livros colocados a disposição dos sócios era constante, principalmente quando aumentava os sócios, o que ocorreu de forma progressiva, sendo que em 1944, dobrou o número de sócios em relação a 1942. Registra-se pequena queda em 1945, mas em 1946 o número aumentou consideravelmente, como podemos visualizar no Gráfico 2.

Gráfico 2- Sócios de 1942 -1963.



Fonte: Sistematizado a partir do Livro dos Sócios – Fundo da Sociedade de Leitura de Hermann Faulhaber - Acervo MAHP.

Percebemos que a Sociedade de Leitura aumentou os sócios ainda no período do Estado Novo, mas triplicou em 1946 se compararmos a 1942, o que demonstra que ainda havia medo entre os imigrantes/descendentes em associar-se a instituição, que já havia sofrido com o confisco, temendo perseguições ou represálias. Depois de 1946 se manteve a média de sócios entre 100 e 125, tendo um novo aumento em 1962, quando o quadro chegou a 142 sócios e em

1963, ano da inauguração da sede da Sociedade de Leitura, a instituição teve o maior número de sócios, com um total de 156 membros.

### 3.4 LIVRARIAS E AQUISIÇÕES

A compra de livros por meio de catálogos das livrarias foi a forma mais utilizada pela Sociedade de Leitura para ampliar o acervo, quando a questão era compra de livros novos. Geralmente a Sociedade de Leitura tinha um valor creditado na livraria, do qual ia descontando conforme os pedidos de compras iam sendo realizados. As livrarias e editoras que foram mapeadas na documentação da Sociedade de Leitura concentravam-se em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, havendo ainda São Leopoldo, Joinville e Cruz Alta (Quadro 2).

Quadro 2 - Livrarias /Cidade

<b>Livraria</b>	<b>Cidade</b>
Rotermund & CO.	São Leopoldo - RS
Livraria do Globo	Porto Alegre – RS
Livraria e Papelaria Americana	Porto Alegre - RS
Livraria Rosário	Porto Alegre – RS
Livraria Continente	Porto Alegre – RS
Livraria Hermann	Porto Alegre – RS
Livraria Borba	Cruz Alta - RS
Arnildo Hack - Representação	Cruz Alta - RS
Livraria Importadora H. Kohls	Joinville - SC
Livraria Civilização Brasileira	São Paulo- SP
Círculo da Boa Leitura	São Paulo- SP
Livraria Martins Editora S.A.	São Paulo - SP
Editora Mérito	São Paulo- SP
Editora Universitária Ltda	São Paulo- SP
Companhia Melhoramentos	São Paulo- SP
Representações UEBEL	Rio de Janeiro - RJ

Editora Guanabara	Rio de Janeiro - RJ
Livraria e Editora Kosmos	Rio de Janeiro – RJ
José Olympio Editora	Rio de Janeiro – RJ
Livraria do Castelo Ltda	Rio de Janeiro - RJ

Fonte: Tabela sistematizada a partir de cartas e recibos das livrarias em nome da Sociedade de Leitura, com documentos referentes aos anos de 1942 a 1963. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

Das livrarias, editoras e representantes citados acima encontramos recibos de compra, cartas de aviso sobre a situação do crédito da Sociedade de Leitura ou informações sobre a atualização do catálogo, no entanto não encontramos os catálogos. A Sociedade também fez contato com outras livrarias, enviando cartas solicitando o catálogo destas, mas não encontramos pedidos de compra nem recibos, apenas a resposta de uma livraria informando que o catálogo estava desatualizado, mas mesmo assim estaria enviando o material. Devido a quantidade de livrarias com as quais a Sociedade negociou, percebe-se que buscavam maior opção de títulos, bem como melhores preços, antes de efetuar a aquisição. Dentre as livrarias que a Sociedade de Leitura mais efetuou aquisições citamos a Livraria do Globo, Companhia Melhoramentos, José Olympio Editora e Livraria do Castelo Ltda.

A primeira aquisição depois do confisco ocorreu em 16 de novembro de 1942, com quatro livros adquiridos na Livraria do Globo, de Porto Alegre, sendo eles: *Hotel Shangai*, de Vicki Baum; *Como era verde meu vale*, de Richard Llewellyn; *Gato preto em campo de neve*, do escritor cruz-altense Erico Veríssimo; *E o vento levou...*, de Margaret Mitchell e *As vinhas da ira*, de John Steinbeck. Segundo Hallewell (2012) enquanto a produção de livros didáticos tornou-se monopólio de São Paulo, em Porto Alegre, no início dos anos 1930, a Livraria do Globo tornava-se uma produtora conhecida e dedicada à tradução de literatura estrangeira. A livraria do Globo destacou-se a partir de 1922 quando começou a publicar livros oriundos de um renascimento literário local, em contrapartida ao movimento modernista de São Paulo, sendo que entre os autores estavam: Manoelito de Ornelas, Vargas Neto, Moysés Vellinho e Augusto Meyer, que anos mais tarde tornou-se diretor da Biblioteca Pública do Estado – RS e do Instituto Nacional do Livro – RJ.

Os autores Goethe, Tolstoi, Dumas, Victor Hugo, Austen, Dostoievski, entre outros, voltaram as estantes da Sociedade de Leitura, mas agora traduzidos para o português. Os títulos

em língua alemã só foram comprados depois da carta enviada a Augusto Meyer, em 03 de agosto de 1946, por Walter Faulhaber. A carta solicitava informações sobre a possibilidade de voltar a colecionar livros em alemão. Depois da resposta de Augusto Meyer, foi realizada a primeira compra de livros em língua alemã, em 12 de novembro de 1946, através de um pedido para Representações UEBEL, do Rio de Janeiro. O recibo de compra faz referência a três títulos, sendo eles: *Political Testament*, *Das leben beginnt noch einmale Tragoedia Deutschland*.

O livro *Political Testament*, de Carl Friedrich Goerdeler, descreve a posição política do autor contra a atuação do nazismo na Alemanha. Quanto ao título *Das leben beginnt noch einmal*, que em tradução literal seria *A vida começa de novo, destinos da emigração*, de Fred Heller, que fugiu dos nazistas para Montevidéu, relata 48 histórias sobre emigração. Já *Tragoedia Deutschland*, sem informação de autor, une italiano e alemão no título, para falar sobre tragédia e Alemanha. Com base nos títulos, percebe-se que os responsáveis pela aquisição dos livros que integrariam o acervo da Sociedade tinham interesse em compreender o que havia ocorrido na Alemanha nazista, através da ótica crítica ao governo de Adolfo Hitler. Outra interpretação que podemos dar a escolha dos títulos é que a Sociedade de Leitura não queria vinculações aos nazistas, adquirindo livros contrários a estes.

Por mais que estes tenham sido os primeiros livros que a Sociedade de Leitura tenha adquirido depois do confisco em 1942, conforme a documentação consultada, na carta que Walter enviou a Augusto Meyer, solicitando informações, como descrevemos acima, também afirmava que o acervo já possuía 90 livros em alemão, em 1946, mas não informou como estes livros foram integrados ao acervo, mas sugere-se que tenham sido parte dos livros que foram reintegrados a Sociedade de Leitura, pois como já descrevemos anteriormente, em 1945 haviam retornado 110 livros, dos 3.000 confiscados em 1942. Ainda no ano de 1946 foram acrescentadas mais doações, como descrito no relatório do presidente Otto Kepler, que afirmou que foram incorporados 318 livros, sendo que apenas 139 foram comprados neste ano, os demais foram doações, destacando-se entre elas os 23 livros do INL. A carta de Walter além de descrever os 90 livros em alemão, também afirmava que o acervo contava com 850 títulos em português e 50 livros em francês.

Dentre os livros adquiridos entre 1942 e 1963, percebemos que os livros em francês foram perdendo espaço para os livros em inglês, no acervo da Sociedade de Leitura. No ano de 1961 o relatório de estatística detalhou a composição do acervo quanto ao idioma dos livros, sendo 2.480

em português, 1.907 em alemão, 173 em inglês, 32 em francês, 5 em espanhol e 1 em esperanto. Já no ano de 1962 foram acrescentados 31 livros em inglês, dos quais 10 foram adquiridos por compra e 21 por meio de doação. Em relação aos livros em francês, em 1962, o acervo recebeu uma unidade, por meio de doação.

Em 1946 o acervo contava com 50 títulos em francês, segundo Walter, mas o secretário não mencionou livros em inglês. Em 1962, o acervo diminuiu os livros em francês para 32 e não foram mais investidos recursos em aquisições de novas obras na língua, enquanto os títulos em inglês, além de receber 21 doações, foram alvo de investimentos pela Sociedade de Leitura na aquisição de novas obras. O aumento dos livros em inglês iniciou a partir de 1952, depois de Walter ter enviado uma carta de agradecimento a Embaixada dos Estados Unidos - Setor Cultural, no Rio de Janeiro, pelo envio gratuito da revista *Life*. Na oportunidade, o secretário da Sociedade de Leitura pediu que se mantivesse o envio regular da revista, bem como outras publicações que a embaixada disponibilizasse<sup>67</sup>.

Os relatórios estatísticos de 1944 a 1957 especificavam apenas os idiomas alemão e português, somente a partir de 1958 começou a indicação de outros idiomas, que além do português, alemão e francês somava-se o espanhol e esperanto, sendo que este último constava apenas uma obra, não descrita a forma como foi integrada ao acervo, se por meio de compra ou doação, nem mesmo o nome da obra, ou ainda a motivação em ter a obra no acervo. O esperanto é uma língua artificial, neutra, criada como instrumento de preservação das línguas e culturas dos povos, pelo médico polonês Lázaro Zamenhof, em 1887<sup>68</sup>.

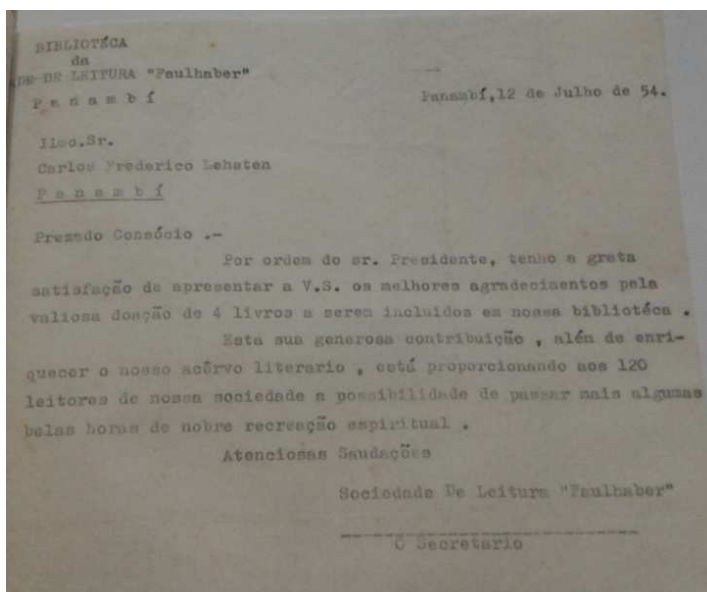
Poucos doadores foram identificados através das cópias das cartas de agradecimento (exemplo na Figura 8), mas não sabemos quais os livros doados nem a motivação.

---

<sup>67</sup>Cópia da carta enviada por Walter a Embaixada dos EUA. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>68</sup>Sobre esperanto ver o site esperanto Brasil. Disponível em: <<http://www.esperanto.com.br/>>. Acesso em 22 nov. 2016.

Figura 8 - Carta de agradecimento



Fonte: Carta enviada pela Sociedade de Leitura a quem doava livros para a instituição. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP

A carta em nome da Sociedade de Leitura Faulhaber, que não está assinada ou com carimbo da instituição por ser uma cópia para ser arquivada, agradecia ao doador dos livros, avisando-o que os mesmos foram incorporados à biblioteca da instituição. Segundo as palavras do secretário, autorizado pelo presidente, os livros proporcionariam mais horas de recreação espiritual aos sócios. As demais cópias de cartas de agradecimentos arquivadas no Fundo da Sociedade de Leitura, que também são deste período, não seguiam um padrão, apenas repetiam o teor de agradecimento, mas não eram escritas da mesma forma a todos os doadores. Na documentação consultada não encontramos referências a campanha de doação entre os sócios neste período, como foi feita em 1946<sup>69</sup>.

Depois do confisco do acervo em 1942, a Sociedade de Leitura começou a formar uma nova biblioteca, colecionando livros que recebia de doações, mas também a partir da compra de livros selecionados pela instituição. Os recursos para a aquisição das obras inicialmente saíram do caixa da Sociedade de Leitura, que realizou ações para arrecadar dinheiro, como a Conferência de Cibela, descrita acima, mas também buscou recursos junto a instituições que auxiliavam bibliotecas, como vimos em relação ao INL. Em carta ao jornal *Correio do Povo* de

<sup>69</sup> No relatório do presidente de 1946 menciona-se a possibilidade de incentivar os sócios a doarem livros com a finalidade de aumentar o acervo. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.



Porto Alegre, em 10 de julho de 1963, a Sociedade de Leitura solicitava informações sobre a Câmara Rio Grandense do Livro, sobre a qual o jornal havia feito uma reportagem no dia 5 do mesmo mês. A carta buscava saber o endereço da Câmara Rio Grandense do Livro, pois a reportagem descrevia que a mesma estava distribuindo livros para instituições e escolas.

### 3.5 REGULAMENTAÇÕES E CONQUISTAS

A Sociedade de Leitura estava alocada em um espaço pequeno que não possibilitava a permanência dos sócios no local, ou mesmo a visitação dos moradores locais à instituição. Por esse motivo, almejou-se conquistar um espaço físico mais amplo, que possibilitasse a leitura no local, bem como um lugar condizente para a instalação do acervo. Inicialmente ocorreu a transferência da Sociedade de Leitura, em 1953, para uma sala alugada no Clube Grêmio Desportivo Panambi- GDP<sup>70</sup>. Em 21 de agosto de 1954 a diretoria do GDP aceitou a sugestão verbal de Walter Faulhaber para que a sala de leitura da Sociedade fosse transferida da dependência da secretaria para a Sala de Honra do Clube<sup>71</sup>.

A transferência ocorreu em meio a agitações políticas que envolviam o distrito de Panambi, que buscava emancipar-se de Cruz Alta. Desde 1949 o distrito empenhava-se para se emancipar, mas o primeiro plebiscito obteve resultado negativo, possivelmente devido a fraude quanto ao número de eleitores (BEUTER, 2013). O segundo plebiscito ocorreu em 1953, mas promulgado somente em dezembro de 1954, tendo as eleições para prefeito e vereadores em fevereiro de 1955, quando a cidade de Panambi escolheu como primeiro prefeito Walter Faulhaber (MAHP, 2013). Se em 1954 ocorreram agitações políticas, a nível local com o plebiscito e a nível nacional com a morte autodirigida de Getúlio Vargas, na Sociedade de Leitura foi o ano em que o número de sócios aumentou de 118 para 129 e os empréstimos a domicílio cresceram de 4.176 a 5.988, de 1953 a 1954, apresentando um aumento de 1.812 livros retirados. Se a perspectiva de se tornar independente de Cruz Alta e a morte do Presidente Vargas, responsabilizado entre os imigrantes pelas perseguições que sofreram, bem como a destruição de seus bens, tiveram algo a ver com o aumento dos sócios, assim como o aumento dos livros

---

<sup>70</sup>Recorte do jornal a Notícia Ilustrada, n° 389, de 23 de janeiro de 1974, com reportagem comemorativa aos 70 anos da Sociedade de Leitura. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP

<sup>71</sup> Documento informando a Sociedade de Leitura da resolução da diretoria do GDP. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

retirados, não sabemos, mas acreditamos que sim. Por mais que o número de sócios tenha aumentado em 1954, devemos considerar que a população de Panambi neste ano era de 36.360 habitantes, o que indica que apenas 0,35% da população eram sócios da Sociedade de Leitura, uma demonstração do pequeno alcance da instituição entre os moradores locais.

Em 1954 também iniciaram as buscas por documentos jurídicos da Sociedade de Leitura, para enfim proceder a aquisição de um terreno para construir a sede, pois com o confisco de 1942 toda a documentação da Sociedade de Leitura foi levada pela polícia local, sendo necessário requisitar a segunda via dos documentos. Assim, foi enviada uma carta em 21 de julho de 1954 a José Carlos Englert, advogado responsável por registrar os estatutos da Sociedade de Leitura no DOPS em 1939. Na carta solicitou-se ao advogado em quais órgãos a instituição havia sido registrada; quais os procedimentos para obtenção da segunda via dos documentos; e, em caso de não consegui-las, quais as orientações sobre como deveriam proceder. Em resposta datada de 28 de julho, Englert afirmava que havia recebido autorização em 1939 apenas para fazer o registro social, que era exigido pela polícia na época e que não realizou o registro de pessoa jurídica, sendo este possível somente na comarca a qual pertencia a instituição, no caso, em Cruz Alta. O advogado ainda orientou os representantes da Sociedade a efetuarem uma busca no cartório local para levantar informações, que, aliás, não foram encontradas, o que os levou a crer que a mesma não foi registrada em 1939, como se acreditava. Dessa forma, a Sociedade de Leitura decidiu elaborar novos estatutos, de forma a condizer com a realidade em 1954, para então fazer o registro de pessoa jurídica. Na carta de 20 de agosto do mesmo ano, a Sociedade comunicava o fato ao advogado Englert e solicitava o envio do estatuto antigo, para que servisse de base<sup>72</sup>.

Com o novo estatuto, a Sociedade de Leitura passou a ser denominada Hermann Faulhaber, o que definitivamente retirava Marie como fundadora da instituição, ficando apenas Hermann. No novo estatuto afirmava-se que o objetivo da Sociedade era manter uma biblioteca cultural, instrutiva e recreativa, bem como promover conferências e reuniões recreativas, o que no caso destas últimas não foram encontradas evidências que tenham ocorrido. Para tornar-se sócio o interessado deveria apresentar uma solicitação por escrito e assinada, que receberia uma resposta positiva ou negativa da instituição, sendo que a mesma não necessitava apresentar

---

<sup>72</sup>Troca de correspondência entre Walter Faulhaber, em nome da Sociedade de Leitura e o advogado José Carlos Englert, de Porto Alegre. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

justificativa para a recusa de um candidato a sócio, assim como no estatuto de 1939. Caso aceito, o mesmo devia pagar a jóia e a mensalidade.

A maior diferença em relação aos outros estatutos está no capítulo IV, reservado às finalidades da biblioteca, no qual afirmava:

Art. 16º - A Biblioteca terá caráter “semipúblico e deverá oferecer a todos os interessados a oportunidade de consultar na sede, ficando privilégio exclusivo dos sócios a Leitura a Domicílio.

Art. 17º - A organização da Biblioteca deverá sempre obedecer às normas traçadas pelo INL.

Art. 18º - Os meios de aquisição de livros são:

- a) A compra, por ocasião da qual serão atendidos, - dentro das possibilidades financeiras - os desejos dos sócios que deverão ser formuladas por escrito;
- b) A doação por lado dos sócios, entidades particulares e oficiais;
- c) A permuta, com sociedades congêneres.

Art. 19º - Cada sócio tem direito de utilizar-se semanalmente, de - no máximo - quatro livros para leitura em domicílio que terá que devolver no prazo de três semanas.

Enquanto o estatuto registrado no DOPS, em 1939, tinha preocupação com questões administrativas gerais da Sociedade, devido às políticas de controle e censura do Estado Novo, o novo estatuto mantinha as questões administrativas, mas acrescentava um capítulo referente somente a biblioteca, abrindo a instituição aos não sócios. O caráter semipúblico permitiu a instituição ganhar uma quantia maior de livros do INL. Se inicialmente a instituição tinha um caráter de manutenção da cultura alemã na Colônia, buscando alcançar o maior número de pessoas (como no período em que foi descentralizada), a partir de 1954 o caráter semipúblico da Sociedade de Leitura procurava arrecadar o maior volume de livros para a instituição. Com a entrada de livros em língua portuguesa ficava excluída a ênfase na manutenção da cultura alemã por meio da língua. O estatuto previa também a participação do sócio na escolha dos títulos que iriam compor o acervo, algo que não era mencionado anteriormente. Com o novo estatuto, a Sociedade de Leitura enfim poderia alterar o status na documentação do INL.

A promulgação do novo estatuto ocorreu em 6 de agosto de 1955 em assembleia geral. Em 28 de maio de 1956 a Sociedade obteve o registro de pessoa jurídica, sob o nº. 145, na modalidade semipública, o que possibilitou a troca de categoria no INL, passando a receber mais livros do órgão governamental. Walter estava no cargo de prefeito, não atuante mais na Sociedade de Leitura como antes. Em 1961 a Sociedade de Leitura foi reconhecida por lei como caráter de utilidade pública, útil e imprescindível ao aperfeiçoamento intelectual da população do

município, através da Lei Municipal 159/61, que entrou em vigor em 3 de janeiro de 1962, assinada pelo prefeito Arno Goldhardt.

A busca por documentos e registros em órgãos governamentais abriu as portas para o novo passo, a construção da sede. Para isso a Sociedade de Leitura buscou recursos junto aos sócios, empresas locais, recebendo doações em dinheiro ou em forma de serviços prestados, além de realizarem rifa e enviar cartas a políticos que ocupavam cargos públicos, solicitando um percentual da verba pessoal, sendo que receberam respostas afirmativas do deputado estadual Siegfried Hesser<sup>73</sup>, do deputado federal Antônio Bresolin<sup>74</sup> e do deputado Estadual Pedro Afonso Anschau<sup>75</sup>. Receberam doações em apólice da prefeitura de Panambi e uma verba do Governado do Estado, assinada por Leonel Brizola<sup>76</sup>, que em agosto de 1963 ainda não havia sido entregue a Sociedade. A liquidação da Sociedade Beneficência, em 9 de junho de 1962, reverteu o dinheiro em caixa para a Sociedade de Leitura. A antiga mantenedora da escola, a qual deveria reverter os bens da Sociedade de Leitura, se esta findasse suas atividades, por fim foi liquidada antes da mesma. No novo estatuto da Sociedade de Leitura, aprovado em 1955, constava que, em caso de dissolução da instituição, o patrimônio deveria ser entregue a Administração Municipal, o que acabou ocorrendo em 1999.

---

<sup>73</sup>Nasceu em Santa Cruz do Sul -RS em 1919. Contabilista, economista, professor e político. Era graduado em Ciências Contábeis pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e em Ciências Econômicas e Administração de Empresas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Fundou e, mais tarde, presidiu a Sociedade de Economia do Rio Grande do Sul, além de integrar o Conselho Regional de Economistas Profissionais por sete anos, contribuindo para a organização da profissão no Estado. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/>> Acesso em 20 jan. 2017. Heuser foi deputado nas legislaturas 39ª, 40ª e 41ª da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, ou seja, de 1951 a 1963. <http://www2.al.rs.gov.br/memorial/Informa%C3%A7%C3%B5esParlamentares/Legislativas/tabid/3543/Default.aspx>> Acesso em 21 jan. 2017.

<sup>74</sup>Nasceu em Cruz Alta-RS em 1913, mas radicou-se em Ijuí, cidade vizinha. Elegeu-se deputado estadual, mandato 1958-1962 e em 1963 a cadeira na Câmara dos Deputados, para o mandato federal. Com a derrubada do Presidente João Goulart em 1964, tornou-se líder da minoria. Disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/bresolin-antonio>> Acesso em 15 dez.2016.

<sup>75</sup>Nasceu em Cerro Largo - RS em 1925. Foi vereador pela cidade de Três Passos – RS por três mandatos. Em 1954 elegeu-se deputado à Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul na legenda do PRP. Encerrando o mandato de vereador, foi empossado deputado estadual em fevereiro de 1955. Na Assembléia Legislativa gaúcha, integrou as comissões de Agricultura, de Divisão Territorial e de Educação e Cultura da Assembléia e em 1956 foi o primeiro secretário da mesa. Reeleito em outubro de 1958, nesse mesmo ano voltou a ocupar o cargo de primeiro secretário. Presidente da Assembléia em 1960, nessa condição substituiu em 27 ocasiões o governador Leonel Brizola. Ainda foi eleito para a Câmara dos Deputados para o mandato 1963-1967. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/pedro-afonso-anschau>>Acesso em 15 dez. 2016.

<sup>76</sup>A cópia da carta enviada pela Sociedade de Leitura ao Governador, afirma que a instituição estava eufórica com a notícia da destinação de verba e solicitavam a comunicação do número do decreto. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

O terreno para a construção da sede, também foi fruto de doação, no caso, do casal Walter e Sigrid Faulhaber, realizada em 12 de junho de 1958. Nas especificações do terreno consta que a norte e leste os limites eram com os doadores Walter e Sigrid, a sul com a Rua Nova-Württemberg e a oeste com Roland Koch, sendo que o “imóvel havido em maior extensão de Da. Maria Faulhaber”<sup>77</sup>. Na escritura de doação ficou registrado que o terreno havia pertencido à fundadora da Biblioteca, da qual se originara a Sociedade de Leitura, ou seja, da professora Marie, formadora dos novos leitores na antiga Colônia

Figura 9 - Vista da sede da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber



Fonte: Fotografia s.d. da Sede da Sociedade de Leitura. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

Em 13 de novembro de 1962, Walter Faulhaber faleceu sem ver a sede finalizada (BEUTER, 2013). Em 13 de março de 1963, o presidente da Sociedade de Leitura, Wilhelm Schmitt-Prym, assinou contrato de locação com a prefeitura, alugando a sala da leitura e a sala de espera para ali funcionar a Câmara Municipal de Vereadores<sup>78</sup>. Antes mesmo dos sócios concluírem a organização do acervo no novo local, o espaço já foi alugado para terceiros. Com o aluguel da sala de leitura terminava a ideia de manter um espaço exclusivo para leitura e consulta

<sup>77</sup> Escritura Pública de Doação. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

<sup>78</sup> Contrato de locação. Fundo da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber – Acervo do MAHP.

local, um dos motivos alegados para a construção da sede. Desta forma, a Sociedade de Leitura manteve apenas os empréstimos a domicílio como fez já fazia ao longo de toda a sua existência.

A primeira assembléia geral na sede ocorreu em 24 de agosto. Dois dias antes da inauguração Sigrid Faulhaber, bibliotecária voluntária, viúva de Walter, doou um terreno para a instalação de uma quadra de Tênis. A inauguração oficial da nova sede da Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber ocorreu em 21 de setembro de 1963, com festejos que contaram com autoridades municipais, sócios e amigos que prestigiaram o evento.

Figura 10 - A inauguração



Fonte: Acervo fotográfico do MAHP

Na inauguração, os quadros de Hermann, Walter e Marie Faulhaber demonstravam aos sócios da instituição, a liderança da família a frente de um projeto cultural voltado a leitura. Com a descrição de Marie na Certidão de doação do terreno e a sua fotografia no mural de entrada da sede, reabilitava-se o trabalho da professora a frente da instituição, no entanto foi o nome de Hermann que ficou registrado nos estatutos da instituição e o seu nome que serviu de nomenclatura para a Sociedade de Leitura.

Figura 11 - O interior da Sociedade de Leitura



Fonte: Acervo fotográfico do MAHP

O acervo foi organizado em prateleiras de metal, separado do público, que necessitava das bibliotecárias para escolher a obra, como visualizamos na fotografia (Figura 11). A construção da sede não proporcionou todo o espaço que o acervo necessitava. O aluguel da sala de espera e da sala de leitura retirou a possibilidade de aguardar o atendimento com mais conforto, ou usufruir das obras no local, mas por outro lado possibilitou a entrada de dinheiro em caixa para sanar as dívidas decorrentes da construção da sede.



#### 4. MARIE E A FORMAÇÃO DE LEITORES

Neste capítulo tratamos da formação de leitores na Colônia através do trabalho de Marie, trabalho que perpassou a história da Biblioteca e da Sociedade de Leitura. Marie foi fundadora da Biblioteca e bibliotecária desta instituição, função que também exerceu na Sociedade de Leitura. Mas para além destes afazeres, Marie foi responsável pela formação de novos leitores em Neu-Württemberg. Assim, neste capítulo enfocamos não só o trabalho de formadora de leitores através da educação formal e das atividades culturais desenvolvidas por ela em Neu-Württemberg<sup>79</sup>, mas também descrevemos Marie em seu contexto familiar e educacional na Alemanha, pois consideramos que tais questões a prepararam para sua atuação na Colônia.

O trabalho de Marie demonstra-se importante porque através da formação de novos leitores permitiu-se a continuidade de um público leitor na Colônia, que usufruiu tanto da Biblioteca, como depois da Sociedade de Leitura. Se a instituição tinha a função de manter a cultura entre os colonos, Marie teve a função de formar os leitores que permitiram a continuidade da instituição.

##### 4.1 A CONFIGURAÇÃO DA LEITURA

Com Johannes Gutenberg, surgiu uma das revoluções da leitura, a invenção da imprensa, que reduziu os custos de produção, baixando o preço dos livros, ampliando o acesso de leitores às obras, mas isso não significou num primeiro momento o acesso da população em geral a leitura, devido ao grande número de analfabetos. Mas foi também com a ampliação dos impressos que surgiu outra das tantas revoluções que a leitura passou ao longo da história, a passagem da leitura intensiva para a extensiva, que Chartier (2011, p. 86) explica da seguinte forma:

Inicialmente o leitor é aí confrontado com um número reduzido de livros (Bíblia, as obras de piedade, o almanaque), que perpetuam os mesmos textos ou as mesmas formas, que fornecem às gerações sucessivas referências idênticas. Por outro lado, a leitura pessoal encontra-se apoiada sobre o livro: a escuta de textos lidos e relidos em voz alta, na família ou na igreja, a memorização desses textos ouvidos, mais reconhecidos do que lidos, sua recitação para si ou para os outros. Na Alemanha reformada, assim como na América puritana, a Bíblia constitui, evidentemente, o alimento primeiro dessa prática

---

<sup>79</sup> Os subcapítulos 4.2, 4.3 e 4.4 tem por base a monografia intitulada *Marie Faulhaber: a trajetória de uma imigrante alemã em Neu-Württemberg 1902-1939/RS*, que descreveu a sua trajetória. A monografia, de minha autoria, foi defendida em dezembro de 2014 no curso de graduação em História da UFSM.



cultural do escrito. Enfim, nesse estilo antigo, a leitura é reverência e respeito pelo livro, cujo texto torna-se uma referência familiar, cujas fórmulas dão forma às maneiras de pensar e de contar. Uma relação atenta e diferente liga o leitor àquilo que lê, incorporando em seu ser mais íntimo a letra do que leu.

Quanto a leitura extensiva, o próprio autor descreve:

Entre 1750 e 1850, da Alemanha à Nova Inglaterra, uma nova maneira de ler vai se impor. Ela é leitura de números textos, lidos em uma relação intimidade, silenciosa e individualmente. É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações religiosas, eclesiásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolvido com o compromisso com o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados. Mais superficial, esse novo estilo de leitura traduz um menor investimento no livro e, sem dúvida, uma menor eficácia dos textos, antigamente mestres da vida (CHARTIER, 2011, p. 86).

Enquanto o leitor intensivo estava envolto no corpus limitado e fechado de textos, lidos e relidos, memorizados e recitados, entendidos e conhecidos de cor, o leitor extensivo, filho da fúria de ler que se apoderou da Alemanha nos tempos de Goethe, é o leitor que consumia numerosos e diversos impressos, lia com rapidez e avidez (CHARTIER, 2003).

São dois tipos de leitor, sendo que o primeiro é o leitor intensivo, explicitado pelo leitor protestante, que tem na leitura da Bíblia a base da sua crença, que é o alicerce da religião, com isso o livro é “considerado e recebido como sagrado, que permite não apenas a continuidade das práticas religiosas, mas em especial a manutenção da memória coletiva” (LEONEL, 2010, p. 15). E o leitor que ultrapassou o limite da prática religiosa, entrando no âmbito da informação e do lazer, isto é, da leitura extensiva, aquela que lança mão de tudo o que existe e que ressoa (MOLLIER, 2008). Assim a leitura passou a fazer parte do cotidiano destes grupos não mais só como prática religiosa, mas também se tornou sinônimo de informação e lazer.

Ao nos voltarmos para Colônia de Neu-Württemberg, que não foi pensada como confessional, segundo Neumann (2009), mas que atraiu um grupo considerável de protestantes, descrita por Roche (1969) como rota preferencial dos protestantes, bem como por Michels (2001, p. 144) que, ao citar o livro *História dos Cinquenta anos da Igreja Emanuel*, afirma que “o proprietário da Colônia, Herrmann Meyer por ele mesmo ser protestante, logo organizava caravanas de imigrantes protestantes [...] para se estabelecer em Neu-Württemberg”. Esta configuração da Colônia trouxe características culturais próprias, como da leitura intensiva através da religião, por mais que não tenha sido apenas protestantes que se fixaram em Neu-Württemberg, pois além dos luteranos e batistas também havia imigrantes/descendentes católicos.

No entanto, ao fundar a Biblioteca, instituição voltada ao empréstimo de livros para a leitura domiciliar, encontramos as origens do incentivo a leitura extensiva na Colônia, o que trouxe uma nova configuração, pois o acesso aos livros, jornais e revistas permitiu outra forma de lazer e informação no meio colonial. Assim entrou em cena a leitura extensiva em Neu-Württemberg, ainda nos anos iniciais de formação da Colônia, através da fundação da Biblioteca, o que confere um diferencial a Neu-Württemberg. A leitura extensiva manteve-se posteriormente através da Sociedade de Leitura.

Segundo Baratin e Jacob (2008) uma biblioteca só adquire sentido pelo uso de seus leitores, e, desta maneira, a existência de uma biblioteca só ocorre com a sua utilização. Desta maneira era necessário haver um público leitor na Colônia e, principalmente, que se mantivesse ao longo dos anos, para que a Biblioteca e depois a Sociedade de Leitura tivesse sentido de existir. Por mais que houvesse a tradição da leitura entre os moradores, por si só isso não garante a formação de leitores extensivos. A leitura não é uma atividade que acontece por si, pois a introdução do livro e do impresso na vida dos leitores ocorre através do convencimento de que o mesmo pode trazer algo útil ou agradável (MOLLIER, 2008). Isto demonstra a necessidade de intermediação para a formação do leitor, pois só a alfabetização não garante a formação do mesmo. Com isso entra em cena o trabalho de Marie Faulhaber, professora, bibliotecária voluntária, teatróloga, figura pública que tinha formação no magistério alemão e que pertencia a uma família influente na Alemanha. No Brasil envolveu-se com várias atividades culturais e recreativas na Colônia, promovendo entre elas a leitura e a formação dos novos leitores.

#### 4.2 A FAMÍLIA DE MARIE REINHARDT

Marie, a quarta entre os sete filhos que o casal August von Reinhardt e Emilie Widenmann tiveram, nasceu em 8 de setembro de 1867 em Hohenasperg, quando o pai comandava a fortaleza local. O pai fez carreira militar, alcançando o posto de Major General e devido aos serviços prestados recebeu o status de nobreza pessoal, identificado através do acréscimo do “von” em seu nome. A tradição de nobres ocuparem cargos militares havia começado na Prússia, através do decreto de Frederico, o Grande, e manteve-se após a Unificação da Alemanha. No entanto, houve uma reformulação na estrutura hierárquica e social do Exército, permitindo que pessoas que não fossem oriundas da nobreza ascendessem a cargos militares. A

partir do Congresso de Viena a prática de nomear nobres para os cargos militares mais elevados retornou ao mesmo tempo em que manteve uma margem para os plebeus (FISCHER, 2007). August von Reinhardt, ao receber o título de nobreza durante sua atuação no Exército, demonstrava que não era de uma família pertencente à nobreza. Em relação aos seus filhos não constam registro de que os mesmos tenham recebido títulos de nobreza. Ele ainda exerceu atividades literárias, publicando 10 livros, sendo que entre os temas mapeados está a maçonaria<sup>80</sup>.

Quanto aos filhos Wilhelm, Ernst Friedrich e Walther Gustav, seguiram o exemplo do pai e fizeram carreira militar. Walther foi Ministro de Guerra e Chefe do Comando do Exército<sup>81</sup>, Wilhelm foi médico militar e morreu em combate na Primeira Guerra Mundial (1914-1918)<sup>82</sup>, enquanto Ernest tornou-se Tenente-Coronel e comandante da 53ª Brigada de Infantaria<sup>83</sup>. “Para a sociedade [alemã] do século XIX, tudo o que era militar suscitava um enorme respeito. Ser oficial do Exército, ou pelo menos oficial da reserva, constituía para a sociedade da época a mais alta distinção” (FISCHER, 2007, p. 97).

As irmãs Reinhardt, Bertha, Marie e Sofia tornaram-se professoras, a exemplo do avô materno Wilhelm Widenmann, no entanto as irmãs atuavam no ensino elementar, enquanto Wilhelm era professor universitário. Quanto à Luise, não encontramos informações. Bertha foi uma ativista dos direitos femininos, reivindicando o direito das mulheres frequentarem a universidade. Celibatária, Bertha construiu uma casa com vários quartos para alugar para

<sup>80</sup> Sobre August von Reinhardt encontramos informações através do projeto Neue Deutsche Biographie (NDB) da Allgemeine Deutsche Biographie (ADB). Disponível em: <<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&query=idn%3D128069082>> Acesso em: 19 dez. 2016. Sobre os livros publicados por August, encontramos estes títulos "Offener Brief über die Ziele der Freimaurerei an Solche, welche sich für den Freimaurerbund interessieren: aus der Loge Carl zu den 3 Ulmen in Ulm.", "Die Judenfrage und der Freimaurerbund" e "Reines Menschentum". Disponível em <

<sup>81</sup> Sobre Walther Reinhardt: Deutschen Nationalbibliothek. Disponível em: <<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&reset=true&referrerPosition=0&referrerResultId=idn%3D133590313%26dea&query=idn%3D118744291>>. Acesso em 18 dez. 2016.

No acervo particular de Cecília Faulhaber possui a obra dedicada a biografia militar de Walther, intitulada: *Wehrkraft und Wehrwille. Aus dem Nachlaß mit einer Lebensbeschreibung*. Editada por Ernest Reinhardt, em 1932.

<sup>82</sup> Deutschen Nationalbibliothek. Disponível em: <<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&reset=true&referrerPosition=0&referrerResultId=idn%3D118744291%26dea&query=idn%3D137941617>>. Acesso em: 20/12/2016.

<sup>83</sup> Ernest também publicou livros referentes a vida militar e combates de guerra, entre as obras constam: *Die 54. (Württembergische) Reserve-Division im Weltkriege 1914-18* e *Einzelheiten aus dem Gefecht bei Longuyon-Noers*. Disponível em: <<https://portal.dnb.de/opac.htm?method=simpleSearch&cqlMode=true&reset=true&referrerPosition=0&referrerResultId=idn%3D128069082%26dea&query=idn%3D133590313>>. Acesso em: 20 out. 2016.

estudantes universitários, com preços acessíveis. Na Primeira Guerra Mundial, comprou bovinos, que manteve nos jardins da sua propriedade, para assim ter mantimentos para seus hóspedes (SCHNEIDER, s.d.). A luta de Bertha estava sintonizada com o que as mulheres burguesas reivindicavam na época, ou seja, igualdade perante a lei, acesso às profissões liberais e à emancipação com relação ao controle patriarcal, pois elas alegavam que o ideal de mulher exigido pela sociedade patriarcal do final do século XIX, de ser esposa e mãe não contemplava as mulheres que ficavam solteiras ou que não podiam ter filhos (KITCHEN, 2013). Sofia ao casar com um pastor deixou o magistério, mas depois da morte do marido na Primeira Guerra Mundial mudou de profissão, dedicando-se ao trabalho de assistente social (SCHNEIDER, s.d.). As irmãs Bertha e Marie foram lembradas no livro *100 Jahre Frauenstudium an der Universität Tübingen 1904 – 2004*, publicado pela Eberhard Karls Universität Tübingen<sup>84</sup>, alusivo aos 100 anos das mulheres na universidade.

O avô materno de Marie, Wilhelm Von Widenmann foi Engenheiro Florestal e professor na Universidade de Tübingen, a mesma universidade onde Marie assistiu a aulas como ouvinte e na qual Bertha reivindicou a participação feminina. Widenmann escreveu livros sobre a necessidade de preservação das florestas<sup>85</sup>, considerado referência na questão de preservação das matas e do meio ambiente, no período.

A família Reinhardt estava envolvida no meio educacional e militar alemão, sendo estes cargos de visibilidade, pelo menos ao que compreende aos cargos masculinos. Nas pesquisas realizadas, as informações sobre os homens da família Reinhardt constam em maior quantidade em relação às mulheres. Fischer (2007, p. 106) afirma que “em uma sociedade que vivia impregnada pelo militarismo, o papel das mulheres era reduzido”. Segundo Kitchen (2013) a vida das mulheres era determinada pelo pai, pelos irmãos e pelo marido, tanto que o homem e a mulher eram educados separadamente e de maneira diferente e eram desiguais perante a lei. Esta educação diferenciada incluía a separação dos alunos pelo sexo, tanto que Marie foi professora em uma escola só de meninas, como veremos a seguir.

---

<sup>84</sup> Disponível em: <<https://publikationen.uni-tuebingen.de/xmlui/handle/10900/44021>>. Acesso em 02 nov. 2016

<sup>85</sup> Dentreos livros, constam os títulos: *Untersuchungen über die Veränderungen, die durch die Ausrottung der Wälder in dem physischen Zustand der Länder entstehen* e *Geschichtliche Einleitung in die Forstwissenschaft*. Disponível em: <<http://www.deutsche-biographie.de/sfz106633.html>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

#### 4.3 A EDUCAÇÃO NA ALEMANHA

Marie, devido às leis alemãs do período, não frequentou a universidade como acadêmica, apenas como ouvinte. Segundo Kitchen (2013, p. 207) “as mulheres eram proibidas de frequentar a universidade, de modo que não podiam ingressar em profissões liberais. A única exceção era o magistério, mas mesmo assim só se aplicava às solteiras: ao se casar, a mulher tinha que renunciar ao cargo de professora”. Knab (s.d., p.2) afirma que em “Tübingen as mulheres só receberam a permissão de serem estudantes universitárias em 1904, assim como em Baden em 1900 e na Baviera em 1903”. Então, anterior a estas resoluções locais, as mulheres somente podiam frequentar a universidade quando autorizadas e apenas como ouvinte. Dentro destas regras, Marie buscou se aperfeiçoar, e

no semestre de inverno 1897/1898, tentou juntamente com suas colegas Lina Tritschler e Otilie Storz admissão para uma palestra na Universidade de Tübingen, com historiador Dr. Busch, sobre a história na época da Reforma e da Contra Reforma. No período que Marie frequentou a Universidade de Tübingen, assistiu as disciplinas de história, cultura e história e astronomia como ouvinte (SCHNEIDER, s.d., p. 378).

Marie esteve entre estas primeiras mulheres a pedir autorização para frequentar à Universidade de Tübingen, como outras mulheres estavam fazendo em outras universidades alemãs. A trajetória acadêmica da alemã Carey Thomas, ao se matricular na Universidade Johns Hopkins, em 1877, não se difere muito da trajetória de Marie, como afirma Gay (1988, p. 141):

[Carey] frequentou a universidade em condições especiais e muito inconvenientes: forneceram-lhes a bibliografia a ser consultada e permitiram-lhe assistir a algumas conferências, porém para realizar um trabalho de peso, ela teria que depender de aulas particulares dadas por professores que se dispusessem a tal. Às aulas não teve acesso.

Na formação e trajetória docente, Marie buscou estudar e se aperfeiçoar. Frequentou a escola secundária para moças em Ulm, Ludwigsburg e Heilbronn e dos 17 aos 19 anos (1884-1886) estudou no seminário para professoras em Stuttgart. Formada professora, trabalhou por um ano em uma escola particular em Backnang. Com 21 anos ela decidiu morar por um ano na Suíça francesa. Consideramos que Marie decidiu ir a este país para aperfeiçoar a língua francesa, com base nos feitos de sua irmã Bertha, que, segundo Schneider (s.d.), passou dois anos na Inglaterra atuando como professora de línguas e depois mais dois anos na França para melhorar suas habilidades na língua francesa, estudando na Sorbonne. Marie ao retornar a Alemanha tornou-se

professora em Prieserei, uma escola secundária em Stuttgart, ficando no cargo por cinco anos. Quando Marie solicitou autorização para assistir as aulas na Universidade de Tübingen, estava com 30 anos de idade (SCHNEIDER, s.d.). Devido a escolha profissional, Marie manteve-se celibatária enquanto morou na Alemanha.

A busca da profissionalização feminina encontrou uma possibilidade no magistério, que levou a saturação do mercado em poucos anos. Na Alemanha, as “mulheres antes de serem empregadas pelo Estado alemão esperavam em média até 11 anos” para lecionarem em escolas públicas (SCHNEIDER, s.d., p. 376). Marie buscou formação, tinha o diferencial de falar francês e pertencia a uma família de prestígio, o que provavelmente a tenha ajudado a conseguir autorização para frequentar a universidade como ouvinte. Mesmo assim devemos considerar que ela enfrentou uma sociedade patriarcal e militarista, em busca de conhecimento que reverteu em aperfeiçoamento para sua profissão. Suas escolhas também demonstram suas predileções, das quais chamamos a atenção para a palestra de história da Reforma e Contra Reforma, o que posteriormente lhe auxiliou nas suas “atividades de esposa de pastor” e a disciplina de história e cultura. Também podemos fazer uma relação com os livros dos autores alemães preferidos de Marie, e com o teatro e a poesia que ela escrevia, assim como a música que ela apreciava e tocava. Marie tocava vários instrumentos e atuou como regente de coral na Colônia (SCHMITT, 2014), atividades sobre as quais trataremos mais adiante.

Meyer (2000) ao discutir sobre a docência feminina na Alemanha descreveu sobre o celibato das professoras, afirmando que enquanto para os católicos a docência feminina era um sacerdócio, para os protestantes a função feminina era o casamento e a maternidade, e a licenciatura devia ser desempenhada apenas por mulheres solteiras. As duas igrejas se valeram de afirmações diferentes em relação às mulheres, mas ambas endossaram o celibato para a docência feminina. As instituições entendiam que a mulher não podia dedicar-se à maternidade e à docência ao mesmo tempo, mas a realização da maternidade poderia ser efetivada na profissão. Com isso “o celibato, com o exercício da castidade que lhe é constitutivo, foi uma exigência legal para o ingresso e a permanência de mulheres leigas no magistério alemão, durante todo o século XIX” (MEYER, 2000, p. 184). Esta “exigência foi mantida para o exercício profissional das mulheres professoras até a primeira década deste século [XX], com apoio de suas instituições”. (MEYER, 2000, p. 191).

Marie além da formação no magistério havia frequentado a Universidade de Tübingen como ouvinte, atuava como professora na Alemanha, ensinando em uma escola para meninas. Ao decidir emigrar para Neu-Württemberg, Marie se casou e abriu mão de uma estrutura organizacional escolar, para atuar como professora em uma escola que ajudou a fundar, em um espaço em formação, com estrutura precária e, por vezes, até inexistente, ainda auxiliando o marido em atividades religiosas.

#### 4.4 O TRABALHO NA COLÔNIA

Marie, ao se casar com Hermann Faulhaber, tornou-se esposa de pastor, que tinha por responsabilidade ajudar o marido em todas as atividades do sacerdócio, apesar de não haver qualquer estatuto oficial ou legitimidade institucional sobre seus afazeres. Dentre as funções da esposa de um pastor estava a organização das festas religiosas e o auxílio à comunidade, traduzidos na forma de cuidados com os enfermos e ensino sobre saúde ou educando na escola ligada a igreja (BAUBÉROT, 1991).

Marie foi descrita por Fausel (1949, p. 15) como “conselheira dos doentes e sãos”. Quando ela chegou a Colônia não havia médicos, por isso muitas vezes os moradores recorriam a curandeiros e benzedoras para tratar as doenças. Os remédios fornecidos geralmente eram cobrados e nem sempre traziam resultados (RADMANN, 1986). Marie decidiu mudar a situação:

[...] a primeira medida foi de alertar as famílias dos colonos contra a exploração e contra tratamentos incorretos, de muitos males, sempre destacando que: “Muito curandeiro é charlatão e, quase toda a benzedura é fruto de superstição” [...]. “O cuidado pela saúde não depende apenas do dinheiro que uma pessoa possui. Em primeiro lugar, depende de uma alimentação correta. Se mesmo assim uma doença aparece, então é necessário tratá-la corretamente. Existe doença que pode até ser tratada com remédio que cresce na horta, no meio do pasto dos poteiros ou no mato” (RADMANN, 1986, s.p.).

O cuidado com a saúde da população tornou-se pauta dos encontros realizados na casa de Marie, onde ela ensinava as mulheres da Colônia a respeito dos cuidados básicos de higiene e alimentação, bem como produzir medicamentos “caseiros”. Segundo Baubérot (1991) o cuidado com a saúde das mulheres pertencia ao mundo feminino, por isso elas mesmas deviam se ocupar deste assunto.

Por mais que Marie realizasse o que era esperado dela como esposa do pastor, ela manteve

estas ações mesmo depois de Faulhaber renunciar as atividades religiosas, o que demonstra que Marie além de ter conquistado o respeito e a confiança dos moradores da Colônia, também continuou com atividades que não eram mais de sua alçada, o que demonstra sua disposição em auxiliar os colonos, bem como o prestígio construído entre os mesmos que continuaram a lhe procurar. Com seu trabalho, Marie conquistou acesso a vida dos moradores locais e ao cotidiano da comunidade. Sua atuação lhe conferiu visibilidade, mas também notoriedade ao seu marido. Baubérot (1991, p. 242) afirma que as mulheres “estiveram mais ou menos associadas ao ministério do marido, e o sucesso deste dependia em parte das qualidades de que elas davam provas”. Como esposa do pastor, Marie tinha a possibilidade de circular em espaços que as outras mulheres não podiam, adentrando em espaços públicos e privados, mas principalmente, manteve esta circulação mesmo depois do marido ter renunciado as atividades de pastor.

Todas as funções que Marie desempenhou não foram remuneradas, pois foi Hermann que havia assinado contrato com a Empresa de Colonização de Meyer e não Marie. Seu trabalho foi voluntário e de auxílio ao marido (SCHMITT, 2014).

#### 4.5 FORMANDO LEITORES EM NEU-WÜRTTEMBERG

No Brasil, Marie ajudou a fundar a primeira escola da Colônia, com turmas mistas, não criando distinção entre meninos e meninas, diferente da realidade que viveu na Alemanha como também diferente da primeira escola pública fundada em Neu-Württemberg, em 1906, sob responsabilidade do professor Minoly Gomes Amorim. Na instituição pública as aulas eram ministradas somente para meninos, pois as meninas não eram aceitas. No entanto, o mesmo professor ministrava aulas particulares para ambos os sexos (MAHP, 2013).

Depois de 1910, quando Faulhaber já atuava como diretor da Colônia, foi ampliada a oferta escolar em Neu-Württemberg, quando foram criadas escolas na área rural. O primeiro currículo que Marie e Hermann organizaram possuía disciplinas de:

Leitura, Caligrafia, Aritmética, Canto, Religião, História, Geografia, Alemão e Educação Física. Tanto a professora Maria como o professor Hermann ministravam diversas disciplinas, simultaneamente. Porém, as aulas de Religião e de Educação Física eram ministradas apenas pelo professor Hermann, nas duas Classes. Percebe-se que a base curricular concentrava-se fortemente nas disciplinas humanas, onde aprender a língua alemã era o foco central [...]. A língua portuguesa só se tornou permanente no currículo a



partir de 1905. Junto com ela, a disciplina de Ciências, únicas ministradas em língua portuguesa. (COLÉGIO EVANGÉLICO PANAMBI, s.d., p. 47).

Havia duas classes inicialmente, sendo que em uma delas o currículo estava assim distribuído: 4 horas de religião, 4 horas de cálculo, 6 horas de leitura e escrita, 2 horas de ginástica e 2 horas de canto (NEUMANN, 2009). Percebe-se uma ênfase na leitura e na escrita em relação as demais disciplinas. Para Hébrand (2011) “o ensino da leitura é um meio de transformar os valores e os hábitos dos grupos sociais”. Marie e Hermann haviam criado um currículo que priorizava a leitura, tanto que em 1907 as turmas já contavam com livros de leitura específicos para cada ano (Quadro 3).

Quadro 3- Lista de livros por classe<sup>86</sup>

<b>Livro</b>	<b>Classe</b>
Fibelfürevangelische Volksschulen	1 <sup>a</sup>
Lesebuchfür die Evangelischen e Volksschulen Württembergs	2 <sup>a</sup>
Lesebuchfür die Evangelischen e Volksschulen Württembergs	3 <sup>a</sup>
Willy Scheel, e outros	4 <sup>a</sup>
Willy Scheel; Heinrich Solger	5 <sup>a</sup>
Willy Scheel; Schiller; Goethe; Geibel; Fontane (em alemão) e Rottermund (livro de leitura)	6 <sup>a</sup>

Fonte: Dados sistematizados a partir de Neumann (2009).

Inicialmente a leitura era realizada em alemão, com livros específicos por turma, e apenas no sexto ano era introduzido a leitura em português. O livro de leitura era uma espécie de livro didático para inserir a leitura em sala de aula, para depois acrescentar os livros de literatura. Segundo o aluno Orlando Schneider, ao recordar as aulas que frequentou na década de 1930, “uma das coisas mais prazerosas [...] era o dia de aula chuvoso [...]. Diversos alunos se ausentavam em função do mau tempo [...]. Parava-se o andamento do conteúdo para fazer leitura de livros, tanto em português quanto em alemão” (COLÉGIO EVANGÉLICO PANAMBI, 2003,

<sup>86</sup> Os livros da classe 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> são cartilhas para escolas protestantes, enquanto que para as demais classes são citados os autores alemães e não os títulos dos livros, com exceção de Rottermund Livro de Leitura, que era o livro de leitura da editora de São Leopoldo - RS.

p. 91). A leitura em sala de aula, segundo o depoimento do aluno, era fonte de prazer para ele, enquanto para os professores era uma forma de não prejudicar os alunos que haviam faltado devido ao difícil deslocamento em dias chuvosos. Logo, “o gozo da leitura, tantas vezes associado ao lazer, especialmente no caso do romance, passava a ser encontrado também [...] na escola (VIDAL, 1999, p. 353).

Segundo Mollier (2008, p. 10) “o livro de sala de aula foi o primeiro componente das bibliotecas familiares, tanto no campo como na cidade, e unificou, ou ao mesmo tendeu a homogeneizar as visões”. Já para os alunos, o livro de leitura possibilitava “associar leitura instrutiva a exercícios práticos, destinados a verificar a compreensão do leitor” (MOLLIER, 2008, p.71). Este leitor em formação é direcionado ou formatado através da escolha do professor que selecionou a obra, da escrita do autor e também pela formatação dada pelo editor.

No sexto ano também eram introduzidos os chamados clássicos alemães: Schiller e Goethe, os preferidos de Marie. No escritório da residência dos Faulhaber, onde hoje reside a neta de Marie, Cecília Faulhaber Grans e família, existe uma biblioteca, cujo acervo começou com Marie e Hermann. Entre as obras encontradas no acervo estão *Fausto*, de Goethe, *Werke - Vol. 1 e 2*, de Schiller, e obras de Keller. Darnton (1995, p. 152, apud MANKE, 2008, p. 135) afirma que:

A análise do catálogo de uma biblioteca particular pode ser significativa para traçar um perfil do leitor, [...] mesmo que não leiamos muitos livros que possuímos e leiamos muitos livros que nunca compraremos [...] o estudo das bibliotecas particulares tem a vantagem de ligar o ‘que’ com o ‘quem’ da leitura.

Aqui olhamos para as preferências de Marie, sua biblioteca, seu gosto literário. Gosto este que buscou passar para seus alunos, tanto em sala de aula, através da disciplina de leitura e escrita como também fora dela, ao criar um grupo de leitura com encontros realizados em sua residência, nas sextas-feiras à noite. Este grupo de leitura era composto por alunos do sétimo e oitavo anos, que eram convidados a participar. Nestes encontros, os alunos realizavam leituras das obras de Goethe, Schiller e Shakespeare (HÖHLE, 2014).

Para Bretas (2013, p. 78) “a literatura desempenha um papel extremamente importante ao permitir que o indivíduo se compare a outras figuras, a outras formas de comportamentos, a outras situações, éticas, políticas, pessoais, psicologias, etc.”. Ao considerarmos a afirmação da autora, percebemos que as escolhas de Marie levavam os seus alunos a compararem-se com

valores e costumes europeus, mantendo as vinculações principalmente com a Alemanha, através dos autores alemães. Marie foi criada e passou parte de sua vida na Alemanha, então esta literatura lhe era próxima, por isso é natural que ela tivesse predileção por tais autores. No entanto, as escolhas da professora marcaram as leituras realizadas por seus alunos, principalmente no grupo de leitura que frequentava a sua casa.

Figura 12 - Grupo de leitores em setembro de 1920



Fonte: Acervo particular de Cecília Faulhaber Grans. Da esquerda para direita: Ulrich Löw, Robert Becker, Maria Sofia e Walter Faulhaber (filhos de Marie), Adolfo Kepler e Friedrich Kreiser (BEUTER, 2013).

Os integrantes do grupo de leitura também formavam um grupo de teatro. Posteriormente este grupo de leitura e de teatro teve participação ativa na vida pública. Na fotografia acima, o primeiro à esquerda é Ulrich Löw, que herdou do pai Robert Löw o jornal *Correio Serrano*, antigo *Die Serra-Post*, enquanto o irmão recebeu a litografia/livraria. Este jornal circulava na Colônia de Neu-Württemberg<sup>87</sup>. As relações entre os Löw e os Faulhaber ainda podem ser percebida através dos impressos que a família Faulhaber fez na Editora Livraria Serrana – Löw & Filhos Ltda, sendo eles o *Pequeno Tratado de História do Brasil: por perguntas e respostas para*

<sup>87</sup> Existem volumes arquivados e recorte dos jornais *Correio Serrano* e *Die Serra-Post* no acervo do MAHP.

*uso das escolas primarias*, de Hermann Faulhaber, e as sete peças teatrais que Marie escreveu, dos quais falaremos mais adiante, todos impressos depois de 1930.

Conforme o esclarecimento de Neumann (2009), foram Ulrich Löw e Dr. Ulrich Kuhlmann, vice-cônsul da Alemanha, os responsáveis por abafarem as especulações em torno da morte autodirigida de Hermann Faulhaber, em 1926. Em 1949, foi publicado o livro *Cinqüentenário de Panambi 1899-1949*, em homenagem ao cinqüentenário de Panambi, onde Ulrich Löw escreveu o prefácio. Neste período Ulrich Löw já era deputado estadual. Já o segundo na imagem é Robert Becker que trabalhou na área de farmacêutica (BEUTER, 2013).

Os filhos de Marie e Hermann Faulhaber, Maria Sofia e Walter tiveram uma forte atuação na Colônia. Maria Sofia que geralmente é confundida com a mãe, já que Marie em muitos documentos era chamada de Maria, foi professora como a mãe, concluiu seus estudos na Alemanha e casou-se com o arquiteto Erich Schild<sup>88</sup>. Já Walter formou-se engenheiro mecânico na Alemanha, fundou a fábrica Faulhaber junto com Schild, foi vereador pelo distrito de Panambi e primeiro prefeito da cidade. Sua atuação na Sociedade de Leitura foi importante para manter a mesma funcionando depois do confisco em 1942 e se tornou o responsável pelo plano de construção da sede própria da Sociedade, doando inclusive o terreno.

Quanto a Adolfo Kepler, este fundou com seu irmão Otto uma pequena ferraria em 1925, que com o passar dos anos se transformou na Empresa Kepler Weber (MAHP, 2013). Adolfo, assim como seu irmão Otto, envolveu-se na administração da entidade mantenedora da escola e foram sócios da Sociedade de Leitura. De acordo com Beuter (2013, p. 259), Kreiser “foi líder da colonização de Porto Feliz”, uma Colônia fundada pela Empresa Chapecó-Pepery Ltda, em 1919, da qual Hermann Faulhaber foi sócio-gerente<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> Diretor da escola em 1938 e início de 1939, quando voltou para a Alemanha em abril. A informação que a escola foi fechada em dezembro de 1939 consta em dois livros institucionais do Colégio Evangélico Panambi (CEP): *Colégio Evangélico Panambi: 65 anos de atividades de ensino particular 1903-1968* e *A caminhada prossegue... Colégio Evangélico Panambi - Panambi/RS 1903-1983*. São somente nestes livros que aparece dezembro de 1939 como a data do fechamento da escola, as demais fontes consultadas citam apenas o ano – Acervo do MAHP.

<sup>89</sup> Sobre as dificuldades enfrentadas pela Colônia de Porto Feliz (atual cidade de Mondai/SC), Neumann (2009, p. 169) afirma: “o andamento dessa colonização foi retardado, primeiro, pela legitimidade do título das terras. Posteriormente, como todo o transporte de colonos era realizado via colônia Neu-Württemberg, passando por Palmeira, até a travessia do rio Uruguai, foi paralisada ao longo da revolução assistida de 1923, a qual transformou essa região em um local muito instável. Já a colônia Prestes, logo em seguida, além da insegurança ao longo do trajeto, atingiu diretamente a colônia Porto Feliz, pois por semanas, tropas de ambos os lados atravessavam a área, além de uma epidemia de tifo”.

Ao fazermos esta breve descrição do grupo de leitores da fotografia acima, buscamos demonstrar que eles mantiveram laços com a família Faulhaber, sendo que alguns deles envolveram-se ativamente com as instituições criadas na Colônia – Escola e Sociedade de Leitura – bem como mantiveram um círculo de convivência e de relações, sendo que alguns se tornaram sócios da Sociedade de Leitura Faulhaber. Ainda se considerarmos que este grupo de leitura era para alunos do sétimo e oitavo ano, conforme Hölhe (2014), e avaliarmos que:

Embora contando com um sistema de ensino exemplar na colônia Neu-Württemberg, oferecendo as classes iniciais (1ª a 4ª classe) e as classes superiores (5ª a 8ª classe), a frequência de alunos concentrava-se nas séries iniciais. Conforme o relatório escolar de 1934, as crianças eram tiradas cedo da escola para ajudar a trabalhar, bem como havia uma resistência generalizada dos pais em não deixar seus filhos frequentarem as classes superiores. Naquele ano, o número de alunos das séries iniciais até havia aumentado, ao contrário das classes superiores, que iniciou o ano com 10 alunos e terminou com 7. No ano seguinte, esse número aumentaria para 18 alunos, o que era inédito (NEUMANN, 2009, p. 179).

Assim, entendemos que o número de alunos que participavam do grupo de leitura era muito pequeno, provavelmente porque eram pouquíssimos os alunos que chegavam a frequentar a 7ª e 8ª classe, devido principalmente a questão financeira. Deste modo se constituiu um grupo que tinha condições de ter uma boa educação, que criou vínculos de amizade e relações. Contudo este grupo não corresponde a um círculo burguês, como descrito por Agulhon (2009), por mais que se reunisse uma vez por semana pra realizar leituras, uma das características de um círculo, pois eram crianças a partir de treze e catorze anos, que liam e as vezes discutiam sobre literatura, sob a orientação de uma professora. Um círculo burguês como descreve Agulhon (2009) era um grupo de adultos, que compartilhavam os hábitos e gosto pela leitura, discutindo assuntos em comum.

O grupo de leitura não era uma associação vertical e hierárquica como um círculo burguês, descrito por Agulhon. Marie era orientadora deste grupo de alunos, que apreendiam sobre literatura, declamavam poesia e desenvolviam atividades de teatro amador na casa da professora, a convite dela. Podemos considerar que eles tornaram-se a classe letrada da Colônia, representantes da vertente moderna da vida social, mas na época não formavam um círculo. Quanto à Sociedade de Leitura, esta só pode ser considerada espaço de sociabilidade quando colocou à disposição uma sala de leitura, na década de 1950. Anterior a essa data, havia apenas

um acervo para retirada de livros para leitura domiciliar. No entanto, a Sociedade pode ser entendida como sinônimo de vida associativa, como propõe Aguilhon.

O grupo de leitura por vezes se assemelha a grupos ou associações culturais que estavam nos centros urbanos, como descritos por Martins (2015, p. 168):

as *associações literárias*, as quais atendiam a programas diversificados, por vezes conjugando exercícios literários e lazer, representações do grupo social intermediário que tentava abrir espaço de representação entre a elite e o homem sem qualificação. Era reduto do grupo médio urbano. Sociedade literária, grêmio literário, clube democrático literário, clube literário recreativo, círculo literário e gabinete de leitura eram variações sobre o mesmo tema, privilegiando a instrução como instrumento de ascensão social.

O grupo de leitura era um grupo urbano, que buscava a qualificação, orientados por Marie, professora que afirmava que a educação era uma forma de ascensão, como descrito por ela em peças de teatro, a exemplo da peça *Uma Péssima Troca (Ein schlechter Tausch)*, na qual a personagem Mãe, numa peça que trata da vida familiar na zona rural, fala quando está sozinha: “Mas algo eu não quero ter de jeito nenhum: meus filhos não devem virar tais elementos trabalhadores, como nós velhos fomos a vida inteira. Eu vou insistir para que aprendam algo na escola e tenham sua alegria na vida”<sup>90</sup>. O trabalho rural não era almejado pela mãe aos seus filhos, que em vez disso queria que estudassem para conquistar a “alegria na vida”, o que se entende como uma vida longe do trabalho árduo da colônia. Os estudos, nesse sentido, eram uma possibilidade de ascensão social e de um exercício futuro numa profissão menos laboriosa.

Este grupo de leitura não estava oficialmente ligado a uma instituição, no caso a Biblioteca ou posterior Sociedade de Leitura, o que estaria dentro das especificações apresentada por Martins (2009). Neste caso temos um grupo de leitura, pensado e colocado em prática por Marie, que lia, discutia, seguia orientações da professora e que teve alguns leitores ligados ao teatro, encenando as peças que Marie produzia. Estes encontros ocorriam na casa de Marie e que por um período dividiram o espaço com o acervo da Sociedade de Leitura, quando esta esteve a primeira vez alocada na casa dos Faulhaber, ou seja, de 1926 a 1935. No entanto, este grupo de leitores não tinha ligações oficiais com a Sociedade de Leitura, sendo independente desta, por mais que, anos depois, alguns se tornaram sócios da instituição.

---

<sup>90</sup> A peça foi traduzida e encenada na comemoração dos 100 anos do Colégio Evangélico Panambi, em 2003 - Acervo do MAHP.

A Biblioteca e depois a Sociedade de Leitura não tinham espaço para a leitura no local, funcionavam apenas para empréstimo domiciliar, como outras instituições descritas por Martins (2015). A criação de uma sala de leitura só ocorreu em 1953, como descrito anteriormente. Portanto, as questões de sociabilidade que ocorreram através dos usos do livro, tinham seu principal expoente no grupo de leitura, organizado por Marie, alocado em sua residência, local onde privado e público se encontravam, pois era casa do diretor da Colônia<sup>91</sup>, que em certos momentos tornava-se espaço destas sociabilidades. “A sociabilidade quer dizer a qualidade de ser sociável, afirmava o autor [Maurice Agulhon] em 1981, é o equivalente dos sistemas de relações que confrontam os indivíduos uns com os outros ou que os reúnem em grupos mais ou menos numerosos” (CANAL, 2015, s. p.).

Este grupo de leitura organizado por Marie não teve início datado, bem como o término das atividades, mas consideramos que grupo de leitura mudou sua composição ao longo do tempo, pois na fotografia não vemos Nilsa Höhle, uma leitora do grupo que participou do mesmo no início da década de 1930.

Sobre a dinâmica dos encontros do grupo de leitura, tivemos acesso através do depoimento de Nilsa Höhle (2014, s.p.). A integrante do grupo afirmou que “às vezes era somente feita a leitura de um trecho da obra, em outros momentos poderia ser feita uma discussão sobre o tema, o que era mais raro”. Höhle ainda descreve que os encontros começavam no início da noite e se estendiam até às 22 horas, sendo que neste período, às vezes Marie oferecia aos seus alunos um pequeno lanche, que em muitas ocasiões era amendoim e suco. A aluna relatou que nas sextas-feiras eram dias com muitas atividades, pois frequentava as aulas pela parte da manhã, à tarde ajudava a mãe a organizar a casa e só depois de tudo pronto tinha a liberação para ir às aulas noturnas.

A entrevista com Nilsa Höhle possibilita ter a visão de uma pessoa que conviveu com Marie, o que nos permite fazer aproximações e novos olhares sobre as ações e atitudes da professora. Nilsa Höhle conviveu com Marie por muito tempo, sendo sua aluna e depois

---

<sup>91</sup> A casa foi construída para ser a residência oficial do diretor da Colônia, mas depois da morte de Faulhaber, Herrmann Meyer doou a casa para Marie. A casa inicialmente abrigou o primeiro diretor e depois a família Faulhaber. Na residência estava esta circulação entre público e privado, mesmo depois da morte do diretor Faulhaber, pois a Sociedade de Leitura ficou alocada na casa, o grude leitura se reunia neste espaço e entre idas e vindas do acervo da Sociedade de Leitura, foi neste local que ocorreu o confisco em 1942, bem como sua reestruturação.

bibliotecária<sup>92</sup> na Sociedade de Leitura. A história oral possibilita recuperar elementos perdidos ou não registrados em outros tipos de registro. Ela busca na memória do entrevistado recuperar os fatos ocorridos, através da evocação do passado (FÉLIX, 2002).

No entanto, o historiador precisa confrontar os testemunhos com outras fontes. Neste sentido, a partir de uma fotografia não datada (Figura 13), entendemos que esta atividade de leitura talvez não tenha ocorrido somente à noite como afirma Höhle, pois na imagem vemos Marie segurando um livro, enquanto olha para as meninas, que estão em volta da mesa e também seguram livros, enquanto olham atentas para professora. Não podemos dizer que era uma reunião do grupo de leitura, no entanto, é inegável que os livros e talvez cadernos fizessem parte do contexto em questão. A fotografia foi tirada na casa de Marie, numa sacada de onde se vislumbra o bosque, na parte dos fundos da residência dos Faulhaber.

Figura 13- Marie em “reunião” na sua residência.



Fonte: Acervo fotográfico do MAHP

---

<sup>92</sup>A documentação não é unânime sobre a designação de Nilsa, sendo algumas vezes descrita como secretária, outras vezes como bibliotecária. Nilsa não possuía formação em biblioteconomia, mas se intitulava como tal.



Marie também buscou construir uma imagem de si nas fotografias. Quando fotografada em família, aparentava aspecto maternal e esposa solícita – não que não fosse habitualmente, mas quis registrar nas fotos este perfil. Quando sozinha ou em grupo, buscou transmitir imagem de mulher culta, geralmente em posse de um livro, e, no caso da Figura 13, aparecia como condutora da reunião, e, portanto, centro das atenções ou de informações sobre a leitura proposta.

Figura 14- Marie Faulhaber na década de 1930, em sua sala de leitura



Fonte: Acervo fotográfico do MAHP

Para Burke (2004, p. 101), “a vantagem particular do testemunho de imagens é a de que elas comunicam rápida e claramente os detalhes de um processo complexo”. Ao analisarmos a fotografia acima é possível ver Marie segurando um livro, demonstrando sua distinção como detentora de conhecimento e saber de leitora, pois a fotografia tem a intencionalidade de registrar ou fixar um momento ou ideia. Aqui a intencionalidade era ver Marie como leitora, uma pessoa letrada, no conforto de sua residência. Para Klebis (2009, p.7) “a posse e o acesso aos livros e escrituras sempre constituíram importante fator de prestígio político-social e de manutenção do poder”.

A leitura dos clássicos ia ao encontro de outra atividade que Marie desempenhava com seus alunos, o teatro. Marie escrevia e produzia peças de teatro, que eram encenadas por seus

alunos, nas festas da igreja ou da escola. Segundo Jacob (2008) as práticas de leitura erudita são indissociáveis da escrita, sejam elas notas de leitura, comentários, redação de novos textos, produção de conhecimento, etc. No caso de Marie, a escrita ficou por conta das peças de teatro e poemas, encenados e declamados por ela e seus alunos, principalmente nas festas de natal, festa mais aguardada na Colônia. As peças de teatro tinham um formato simples e de linguagem acessível, que:

[...] trabalham de forma simples e direta com o cotidiano da colônia e das famílias dos colonos que interagiam com/nesse espaço em construção, no tempo presente [...], a família constituía o núcleo central da trama, composta pelo pai, a mãe e os filhos. Como cenário predominava uma casa simples de um colono; a cozinha colonial, com poucos móveis rústicos, a roça e a mata (NEUMANN, 2009, p. 187).

Seja por meio da escrita das peças teatrais ou dos poemas, outras mulheres como Marie ganharam visibilidade social através da escrita. Esta atividade garantia a paixão pelas letras e o reconhecimento dos talentos pela sociedade. Conforme salienta Grützmán (2008, p. 78):

[...] o exercício da escrita também significou para algumas mulheres de origem alemã adentrar a esfera pública por meio da publicação de seus escritos em idioma alemão, geralmente em almanaques, publicações comemorativas e /ou brochuras. Este foi o caso de Clara Marie Saur, poetisa e autora de peças teatrais; Marie Faulhaber, autora de peças de teatro; Josefine Wiersh, poetisa e memorialista; Margret Sprut-Wäldin, poetisa e autora de peças de teatro.

Marie se projetou para a vida pública ao difundir suas peças de teatro, o que a levou para fora dos domínios da Colônia. Sobre os poemas que escreveu, os mesmos não foram publicados da mesma forma que as peças, mas encontramos algumas poesias em Beuter (2010) e em revistas comemorativas da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE). As peças publicadas foram: 1.*Ein schlechter Tausch*; 2.a-*Aschenbrödel*, b-*Ein Weihnachtsmärchen*; 3.*Fritz*; 4.*Das verlorene Kind*; 5.*Herrmann, ein deutschbrasilianischer Junge*; 6.a-*Ein Bubenstreich und seine Folgen*, b-*Heulepeterle* e 7.*Nur immer Paciencia*<sup>93</sup>. Na contracapa da peça 6 estão citadas as 7 peças teatrais de Marie, publicadas pela Editora Livraria Serrana – Löw & Filhos Ltda.

Marie ao criar o currículo escolar privilegiou a leitura e a escrita, introduzindo suas predileções literárias no currículo, formando leitores voltados a literatura alemã. Ao criar um

<sup>93</sup> Segundo tradução de Neumann (2009): 1. Uma troca desfavorável, 2. a - Gata borralheira, 2. b - Um conto de Natal, 3. Fritz, 4. A criança perdida, 5. Herrmann, um rapaz teuto-brasileiro, 6. a - Uma velhacaria e as suas conseqüências, 6. b - Um conto de D. Wildermuth, adaptado por Paula Braunschweig e 7. Sempre paciência.

grupo de leitura, tirou da escola a única possibilidade da formação de leitores, ao incentivar a leitura entre seus alunos, privilegiando a literatura alemã. O grupo de leitura não ficou restrito ao estudo literário promovido por Marie, mas também tornaram atores e atrizes que atuavam e declamavam nas festas locais. O trabalho de Marie na formação de leitores, que se deu principalmente através da escola, mas também com o grupo de leitura, tinha um diferencial, ela era uma professora com qualidades de leitora, o que, de acordo com Bretas (2013), faz toda diferença na formação de leitores, pois uma professora leitora consegue compartilhar experiências no mundo dos livros com seus alunos.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma biblioteca reflete a cultura do seu tempo, e, como tal, a Biblioteca fundada em Neu-Württemberg, em 1903, na atual cidade de Panambi - RS, foi um importante espaço de cultura, lazer e informação entre os imigrantes alemães e seus descendentes, que ali se instalaram. A iniciativa do fundador da Colônia, Herrmann Meyer, em fundar uma biblioteca, quando a mesma ainda estava na fase inicial, apresentou-se como um diferencial, pois nos primeiros anos de colonização, as ações costumavam ser voltadas para as necessidades mais básicas e não para aspectos culturais da vida associativa, como clubes e, no caso, a Biblioteca. Ao mesmo tempo em que a fundação da Biblioteca foi, entre outras, uma forma de registrar o nome do fundador entre os colonos, também, de certa forma, pode ter atraído novos moradores para a Colônia, desejosos de manter os vínculos com a cultura alemã.

O projeto da Biblioteca, ao ser colocado em prática pelo casal Marie e Hermann Faulhaber, apresentou características importantes, não só por ser alocado no espaço escolar, o que colocava a instituição a disposição da atividade escolar, mas também por aproximar a comunidade à instituição de ensino. Em relação a descentralização da Biblioteca, esta se demonstrou uma iniciativa voltada a atingir o maior número de leitores na Colônia, mas que findou-se com a criação da Sociedade de Leitura.

Com a morte de Hermann, em 1926, a Biblioteca foi transformada em Sociedade de Leitura, alterando a forma administrativa e jurídica da mesma, momento em que foi retirada dos Faulhaber a administração exclusiva da instituição. Mas, mesmo assim, a instituição continuou sob a influência da família, principalmente no sentido organizacional do acervo, que continuou a cargo de Marie. A homenagem a Hermann Faulhaber, concedida ao nomear a instituição de Sociedade de Leitura Faulhaber, reiterada em 1955, quando passou a ser denominada Sociedade de Leitura Hermann Faulhaber, tinha o objetivo de registrar as ações positivas do administrador da Colônia na memória local, assim como, esquecer a morte autodirigida do expastor. No entanto, ao priorizar Hermann em relação a Marie frente a fundação da instituição, levou-se ao esquecimento os méritos da professora pela instalação da Biblioteca, embora alguns documentos ainda apontem que a fundação da instituição foi obra do casal, bem como a sua manutenção organizacional.

Na dinâmica da Colônia, a biblioteca apareceu como instituição reguladora da cultura livresca, selecionando e priorizando algumas obras em detrimento de outras. Mas esta regulação, que tinha o propósito de manter viva a cultura alemã, foi perdendo espaço com a introdução de livros em língua portuguesa, principalmente quando da sua associação ao Instituto Nacional do Livro, em 1938, em meio as políticas de nacionalização do Estado Novo. Estas acabaram barrando a manutenção da cultura alemã, que não se recuperou posteriormente à ditadura varguista, pois o confisco do acervo e a entrada maciça de livros em português alteraram a configuração das bibliotecas dos imigrantes. Assim, ao acervo foram integradas, principalmente, obras em português, seguidas de alemão e inglês, sendo que este último entrou mais fortemente depois de 1952, ao mesmo tempo em que foram desaparecendo as obras em francês.

O Estado Novo, ao promover a nacionalização dos espaços coloniais, destruiu o acervo da instituição, representante da cultura livresca entre os imigrantes/descendentes, desagregando o grupo da Sociedade de Leitura. A destruição não só desestimulou a leitura entre eles, mas também retirou a possibilidade de conhecer a caracterização do acervo inicial, bem como a possível análise das obras, levando ao desconhecimento dos livros que pertenceram a estes imigrantes/descendentes, legados à instituição. A Sociedade de Leitura resistiu ao confisco, mantendo a instituição com as “as portas abertas”, afirmando que o tempo em que ficou fechada foi um período de reorganização.

A família Faulhaber voltou à liderança da Sociedade de Leitura quando, através de Walter Faulhaber, empreendeu-se a reestruturação pós confisco. Como secretário da instituição, buscou em agentes externos o auxílio necessário para manter a Sociedade de Leitura em funcionamento, encontrando em Ângelo Cibela e Augusto Meyer este auxílio. Ângelo Cibela foi importante para arrecadar fundos para a Sociedade de Leitura, enquanto foi Augusto Meyer quem estimulou Walter Faulhaber a não desistir da instituição, bem como, ajudou na formação do novo acervo. Sua iniciativa amenizou as marcas deixadas pelas ações do Estado Novo, quanto ao confisco das obras.

A Sociedade de Leitura enquanto teve crescimento significativo em relação aos livros, manteve estagnado o número de sócios, girando em média de 120 sócios, um número muito baixo, considerando que o número de habitantes de Panambi em 1954, por exemplo, que era de 36.360 habitantes. Ao fazermos uma analogia entre a Biblioteca e a Sociedade, por mais que não tenhamos números específicos da Biblioteca, percebemos que a primeira tinha uma administração

voltada a alcançar o maior número de leitores, através da descentralização, enquanto a Sociedade de Leitura, depois da reestruturação, por mais que tenha buscado formar um acervo amplo, não conseguiu alcançar a população, nem mesmo realizar o propósito ao qual ela inicialmente estava voltada, a manutenção da cultura alemã. Isso ocorreu devido às mudanças da característica do seu acervo, mas também pelo restrito número de sócios da instituição.

Dentre os fatores que devem ser considerados para o baixo alcance da Sociedade de Leitura, encontra-se a proibição do uso da língua alemã durante o Estado Novo. Esta questão não afetou somente o acervo, mas também os leitores que passaram a ler em português ou deixar de ler, para não correr o risco de infringir a Lei. Outra questão importante foi a falta de incentivo a leitura. Ao considerarmos a ausência de ações na formação de leitores, percebe-se que não houve uma continuidade no trabalho de Marie, no que se refere ao grupo de leitura.

O trabalho de Marie demonstrou-se importante para a formação de novos leitores, o que permitiu a continuidade de um público leitor na Colônia, que usufruiu tanto da Biblioteca, como depois da Sociedade de Leitura. Enquanto a instituição tinha a função de manter a cultura entre os colonos, Marie trouxe para si a função de formar leitores, o que permitiu a continuidade da instituição, pois uma biblioteca somente tem sentido de existir através do uso de seus leitores.

Com o seu trabalho em prol da comunidade, Marie havia conquistado o respeito e a confiança dos moradores da Colônia, o que lhe forneceu acesso a vida dos moradores locais e ao cotidiano da comunidade. Sua atuação lhe conferiu visibilidade, mas também notoriedade ao seu marido. Como professora, ela auxiliou na fundação da escola, com o currículo que privilegiava a leitura e a escrita, ao mesmo tempo em que introduziu suas predileções literárias, formando leitores voltados à literatura alemã. Ao criar um grupo de leitura, tirou da escola a exclusividade da formação de leitores. No entanto, o grupo de leitura privilegiou um número restrito de alunos, pois era somente para os que frequentavam as 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> classes. Como a escola era privada, as questões financeiras não permitiam que todos os alunos chegassem até as classes mais elevadas. Assim, o grupo de leitura era formado por indivíduos que provinham de famílias com condições. Este grupo criou vínculos de relações e amizade e, mais tarde, tornaram-se sócios da Sociedade de Leitura, como também, em alguns casos, assumiram cargos diretivos tanto na Sociedade de Leitura como na escola.

A sociabilidade através da leitura teve seu maior expoente através do grupo de leitura, que não tinha vinculações com a Sociedade de Leitura. Enquanto em outras instituições similares, a

sociabilidade ocorria dentro das sedes das mesmas, a falta de um espaço apropriado para a leitura e discussão não favoreceu este tipo de prática na Sociedade de Leitura. Quando a Sociedade construiu uma sede com este propósito, a sala de leitura criada, inaugurada em 1963, foi direcionada para outro fim. Assim, a instituição manteve a prática de empréstimo de livros para a leitura domiciliar, não proporcionando aos sócios espaços de sociabilidade e a convivência em grupo.

A importância da Biblioteca deu-se principalmente pela possibilidade de acesso à leitura e aos livros, como fonte de lazer e informação entre os imigrantes/descendentes da Colônia de Neu-Württemberg. À nível institucional, esta conseguiu ter maior abrangência nos anos iniciais, com um acervo voltado às obras em língua alemã, recebidas através de doações. A inserção de livros em português iniciou antes da instituição se associar ao Instituto Nacional do Livro, quando foi adquirido o livro de Monteiro Lobato, em 1925, por exemplo. Com INL ocorreu a inserção maciça de obras em português, mas não foi o início desta. Assim, o início das mudanças da caracterização do acervo, por mais que tenhamos apenas o registro de uma obra para afirmar, iniciaram antes mesmo do Estado Novo, pois depois da aquisição da obra de Lobato o aumento dos livros em português foi gradual, por meio de compra dos livros.

Após o confisco do acervo em 1942, a Sociedade de Leitura só voltou a colecionar obras em alemão quando encerrou o fim do Estado Novo, mas não conseguiu reunir um acervo que tivesse características mais voltadas a cultura alemã, pois os livros em português já eram em maior quantidade. A partir de 1952 o acervo começou a receber mais livros em inglês, em detrimento de obras em francês.

A manutenção da cultura, através dos livros, na Colônia de Neu-Württemberg, teve um alcance mais considerável até 1927, mas com a transformação da Biblioteca em Sociedade de Leitura, terminou o sistema de descentralização o que, de certa forma, restringiu o acesso dos leitores, devido à dificuldade de deslocamento. Já quanto às políticas de nacionalização, o prejuízo à manutenção da cultura alemã, ocorreu através da afiliação ao INL, que inseriu no acervo, de forma sistemática os livros em português e principalmente com o confisco do acervo da Sociedade de Leitura, em 1942. As medidas de reestruturação visaram manter a instituição funcionando, mas às custas da transformação do acervo. Por mais que se tenha buscado reconstituir um acervo voltado à língua alemã, para que a instituição voltasse aos propósitos de manter os vínculos culturais com a Alemanha, não se teve grande êxito, devido ao número

reduzido de sócios, principalmente quando comparados ao número de habitantes da antiga Colônia, na década de 1950. Neste sentido – o da dificuldade de manter os laços culturais com a Alemanha –, o fim do ensino da língua alemã nas escolas, ocasionado pelas políticas de nacionalização do Estado Novo, junto com a falta de estímulo à leitura, papel que Marie desempenhou com afinco, foram determinantes para a alteração dos propósitos iniciais da fundação da Biblioteca e também da Sociedade de Leitura. No entanto, nos parece ser inquestionável o valor que tais iniciativas tiveram e também legado – especialmente no que diz respeito à prática da leitura e às possibilidades que esta abre ao indivíduo – no espaço das comunidades originárias da imigração alemã, como foi o caso da que surgiu a partir da Colônia de Neu-Württemberg.



## REFERÊNCIAS

- AGULHON, M. **El Círculo Burgués: la sociabilidad en Francia, 1810-1848**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2009.
- BARATIN, M.; JACOB, C. (dir.). **O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente**. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2008.
- BATTLES, M. **A conturbada história das bibliotecas**. Tradução de João Vergílio Gallerani Cuter. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2003.
- BAUBÉROT, J. Da mulher protestante. In: DUBY, J.; PERROT, M. **História das mulheres no ocidente**. O século XIX, vol. 4. São Paulo: Ebradil, 1991.
- BESSONE, T. M. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- BEUTER, I. **De Elsenau a Panambi**. Panambi: Ed. Emgrapan, 2013
- BRAGANÇA, A. **As políticas públicas para o livro e a leitura no Brasil: O Instituto Nacional do Livro (1937-1967)**. Matrizes, ano 2 – nº 2. Primeiro semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/97/152>> Acesso em 15 set. 2014.
- BRASIL. **Decreto Lei nº 93**, de 21 de dezembro de 1937. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/Del093.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/Del093.htm). Acesso em 08 fev. 2016
- BRASIL. **Decreto-Lei nº 1.545**, de 25 de agosto de 1939. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-1545-25-agosto-1939-411654-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em 08 dez. 2016.
- BRETAS, M. L. B. **Cinco diálogos sobre o livro e a leitura: entrevistas com especialistas franceses**. Goiânia: Cãnone Editorial; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013.
- BURKE, P. **Testemunha ocular: história e imagem**. Tradução de Vera Maria Xavier dos Santos. Bauru: SP/EDUSC, 2004.
- CAMPBELL, J. W. P. **A Biblioteca: uma história mundial**. São Paulo: SESC, 2015.
- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. 1. Ed., 1º reimpressão – São Paulo: Editora Contexto, 2014.
- CARNEIRO, M. L. T. **Livros Proibidos, Ideias Malditas: o DEOPS e as minorias silenciadas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

\_\_\_\_\_. Os arquivos da polícia política brasileira: intolerância, repressão e resistência. In: GONÇALVES, L. P.; SILVA, E. S.; VIANNA, M. A. G. (Orgs.) **Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas**. Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2014. p. 13-32.

CARVALHO, J. M. **A Academia Brasileira de Letras: subsídios para sua história**. Rio de Janeiro: ABL, 2009.

CASTRO, A. C. Biblioteca como lugar de memória e eco de conhecimento: um olhar sobre “O Nome da Rosa”. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 4, n. esp., p. 01-20, 2006.

CAVALARI, R. V. **Harmonia cruzaltense: tradição e história na maçonaria gaúcha**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editora, 2015.

CHARTIER, R. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 1999.

\_\_\_\_\_. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Algés: Difel, 1990.

\_\_\_\_\_. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1994.

\_\_\_\_\_. **Formas e Sentido**. Cultura Escrita: entre distinção e apropriação. Campinas, SP: 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Práticas de Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

\_\_\_\_\_. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. In: ROCHA, João C. de C. (org.). **A força das representações: história e ficção**. Chapecó: Argos, 2011.

COLÉGIO EVANGÉLICO PANAMBI. **65 anos de atividades de ensino particular 1903-1968**. Panambi: (s.n.), s.d.

\_\_\_\_\_. **1903-2003. 100 Anos Educando para a Vida e para o Trabalho**. Panambi: (s.n.), 2003.

CRUZ, A. O. **A Biblioteca Nacional: espaços, pessoas, objetos**. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes: FBN, Coordenadoria de Editoração, 2014.

CUNHA, C. da. **Educação e Autoritarismo no Estado Novo**. São Paulo: Autores Associados; Cortez Editora, 1981.

CUNHA, J. L. Imigração e Colonização alemã. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (org.). **História Geral do Rio Grande do Sul – Império**. Passo Fundo: Méritos, 2006.

EL FAR, A. **O Livro e a Leitura no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

- EGGERT-STEINDEL, G. **Dos espaços de leitura à Biblioteca Municipal de Jaraguá do Sul: discursos e percursos (1937-1983)**. Florianópolis: Insular, 2009.
- ERMAKOFF, G. **Bibliotecas Brasileiras**. Rio de Janeiro: G. Ermakoff Casa Editorial, 2015.
- FACHEL, J. P. G. **As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço**. Pelotas: Ed. UFPel, 2002.
- FAULHABERSTIFTUNG. **Neu - Württemberg. Eine Siedlung Deutscher in Rio Grande do Sul/ Brasilien**. Stuttgart (Alemanha): Ausland-und Heimat Verlags A.-G., 1933.
- FAUSEL, E. **Cinqüentenário de Panambi 1899-1949**. s.l.: s.ed., 1949.
- FELIX, L. O. Política, memória e esquecimento. In: TEDESCO, J. C. (org.). **Usos de memória**. Passo Fundo: UPF, 2002.
- FELIX, L. O. **Coronealismo, borgismo e cooptação política**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.
- FERREIRA, T. M.T.B.C. **Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1999.
- FISCHER, M. **Guilherme II: o último imperador da Alemanha**. Estoril: Principia, 2007.
- FLORES, H. A. H. **Canção dos Imigrantes**. Porto Alegre: Universidade de Caxias do Sul, 1983.
- GAY, Peter. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: a educação natural dos sentidos**. Tradução de Per Salter. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- GERTZ, R. E. Imprensa e imigração alemã. In DREHER, Martin N; Rambo, Arthur B; TRAMONTINI, M. J. (org.). **Imigração e imprensa**. Porto Alegre: EST/ São Leopoldo: Instituto Histórico de São Leopoldo, 2004.
- GOMES, S. C. **Bibliotecas e Sociedades na Primeira República**. São Paulo: Pioneira e INL, 1983.
- GRAFTON, A. O Leitor Humanista. In: CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p. 05-46.
- GRÜTZMANN, Ingrid. No feminino. In: \_\_\_\_\_, DREHER, Martin Norberto, FELDENS, Jorge Augusto. **Imigração alemã no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Oikos: Unissinos, 2008.
- HALLEWELL, L. **O Livro no Brasil: sua história**. 3ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- HÖHLE, N. **Nilsa Höhle: entrevista (abr. 2014)**. Entrevistadoras: Denise Verbes Schmitt e Temia Wehrmann. Panambi, 2014. Arquivo de gravador. MAHP.

KITCHEN, M. **História da Alemanha Moderna: de 1800 aos dias de hoje.** São Paulo: Cultrix, 2013.

KLEBIS, C. E. de O. Biblioteca e leitores: as heranças culturais através da história das bibliotecas. **Revista Conteúdo**, Capivari, v.1, n.2, jul./dez. 2009.

KREUTZ, L. Escolas Étnicas no Brasil e a Formação do Estado Nacional: a nacionalização compulsória das escolas dos imigrantes (1937-1945). In: **POIÉSIS** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado – Universidade do Sul de Santa Catarina. UNISUL, Tubarão, v. 3, n. 5, p. 71 – 84, Jan./Jun. 2010.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico.** 27ª reimpressão. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LEITÃO, B. J. M. **Bibliotecas públicas, bibliotecários e censura na Era Vargas e regime militar: uma reflexão.** Rio de Janeiro: Interciência; Niterói, Intertexto, 2011.

LEONEL, J. **História da literatura e protestantismo brasileiro.** São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie e Paulinas Editora, 2010

LUCAS, T. C. Cortando as asas do nazismo: a DOPS-RS contra os “súditos do Eixo”. In: GONÇALVES, L. P.; SILVA, E. S.; VIANNA, M. A. G. (Orgs.) **Presos políticos e perseguidos estrangeiros na Era Vargas.** Rio de Janeiro: Mauad X; Faperj, 2014. p. 179-196.

LYONS, M. **Livro: uma história viva.** São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2011.

MAHP. **Panambi: de colônia a município.** Panambi: Editora Bühring Ltda., 2013.

MALHEIROS, A. A. **Panambi: o Vale das Borboletas Azuis.** 2º Ed. Atual. e Ampliada. Santa Rosa: Kunde, 1990.

MANKE, L. S. **História de práticas de leitura: o caso de três agricultores.** Roteiro, Joaçaba, V. 33, n. 1, p. 127-144, jan./jun. 2008. Disponível em: <http://editora.unoesc.edu.br/index.php/roteiro/article/viewFile/322/71>. Acesso em 20 out. 2014

MARTINELLI, A. M. H.; NEUMANN, R. M. **Novo Xingu. Colônia – Distrito – Município.** São Leopoldo: Oikos, 2012.

MARTINS, A. L. **Gabinetes de leitura: cidade, livros e leituras na província paulista.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.

MARTINS, A. L. Gabinetes de Leitura do Império: casas esquecidas da censura? In: ABREU, M. **Leitura, História e História da Leitura.** São Paulo: FAPESP, 1999. p. 395-410.

Ministério da Educação e Saúde – Instituto Nacional do Livro. **Guia das Bibliotecas Brasileiras**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

MEYER, D. E. E. **Identidades Traduzidas**: cultura e docência teuto-brasileiro-evangélica no Rio Grande do Sul. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000.

MICHELS, S. E. **A história ensinada na colônia particular de Neu-Württemberg sob a ótica do protestantismo, da germanidade e da educação**. 2001. 229 p. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2001.

MOLLIER, J. Y. **A leitura e seu público no mundo contemporâneo**: ensaios sobre história cultural. Tradução de Elisa Nazarian. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2008.

NEUMANN, R. M. **Uma Alemanha em miniatura**: o projeto de imigração e colonização étnico particular da Colonizadora Meyer no noroeste do Rio Grande do Sul (1897-1932). 2009. 632 p. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. A nacionalização do ensino na colônia Neu-Württemberg, noroeste do Rio Grande do Sul, durante o Estado Novo (1937-1945). **História Unicap**, v. 2 , n. 4, jul./dez. de 2015. p. 204-217. Disponível em: <<http://www.unicap.br/ojs/index.php/historia/article/view/683>> Acesso em 07 fev. 2017.

PESAVENTO, Sandra J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

POLASTRON, L. X. **Livros em Chamas**: a história da destruição sem fim das bibliotecas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

POLLAK, M. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.2, n.3, 1989.

RADÜNZ, R. A relação entre o luteranismo oitocentista e o processo de colonização no Rio Grande do Sul: os estatutos como documento. In. **Anais do X Encontro Estadual de História - ANPUH-RS, 2010**, Santa Maria RS. O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Porto Alegre: ANPUH/RS, 2010, p. 1-12. Disponível em: <[http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279400099\\_ARQUIVOArtigoAnpu\\_h2010-StaMaria.pdf](http://www.eeh2010.anpuhrs.org.br/resources/anais/9/1279400099_ARQUIVOArtigoAnpu_h2010-StaMaria.pdf)>. Acesso em: 20/05/2016

RADMANN, Alzira Schmitt. **Histórias da vó Alzira**: entrevista (1986). Entrevistador: Élio Müller. Curitiba, 1986. Arquivo impresso. s/p.

RAMOS, E. H. C. L. **O Teatro da Sociabilidade**: Um estudo dos clubes sociais como espaços de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo. 1850/1930. 2000. 408 p. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

RIOUX, J. P. Um domínio e um olhar. In: RIOUX, Jean-Pierre. SIRINELLI, Jean-François (dir.). **Para uma história cultural**. Editorial Estampa: Lisboa, 1998.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Vol. 1. Porto Alegre: Globo, 1969.

SCHMITT, D. V. **Marie Faulhaber**: a trajetória de uma imigrante alemã em Neu-Württemberg, 1902-1939/RS. Monografia (graduação) Universidade Federal de Santa Maria: UFSM. Santa Maria, 2014

SCHNEIDER, Corinna. **Bertha Reinhardt (1866-1944)**. In UNIVERSITÄT TÜBINGEN. 100 Jahre Frauenstudium an der Universität Tübingen 1904 – 2000: Historischer Überblick, Zeitzeuginnenberichte und Zeitdokumente". Tübingen: (s.n), (s.d). Disponível em: <<http://www.uni-tuebingen.de/uploads/media/100JahreFrauenstudiumPublikationsendfassung.pdf>> . Acesso em: 20 jul. 2016.

SCHWARCZ, L. M. **A Longa Viagem da Biblioteca dos Reis**: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. M. B.; COSTA, V. M. R. **Tempos de Capanema**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SILVA, M. (Org.). **Maçonaria no Brasil**: história, política e sociabilidade. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

TEDESCO, J. C. Re(vi)vendo o ontem no tempo e no espaço “dos de hoje”: Fragmentos de memória dos idosos. In\_\_\_\_\_ (org.). **Usos de memória**. Passo Fundo: UPF, 2002.

VIDAL, D. G. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, M. **Leitura, História e História da Leitura**. São Paulo: FAPESP, 1999. p. 335-355.

WHITE, L. A. **O conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

WITTMANN, R. Existe uma revolução da leitura no final do século XVIII? CAVALLO, G.; CHARTIER, R. (Orgs.). **História da Leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1999. p. 135-164.

WITT, M. A. Os registros Paroquiais da Lei de Terras como fonte de pesquisa para a história da imigração. In: TEDESCO, J. C. e NEUMANN, R. M. **Colonos, colônias e colonizadoras**: aspectos da territorialização agrária no Sul do Brasil. Vol. III. Porto Alegre: Letras & Vida, 2013.